

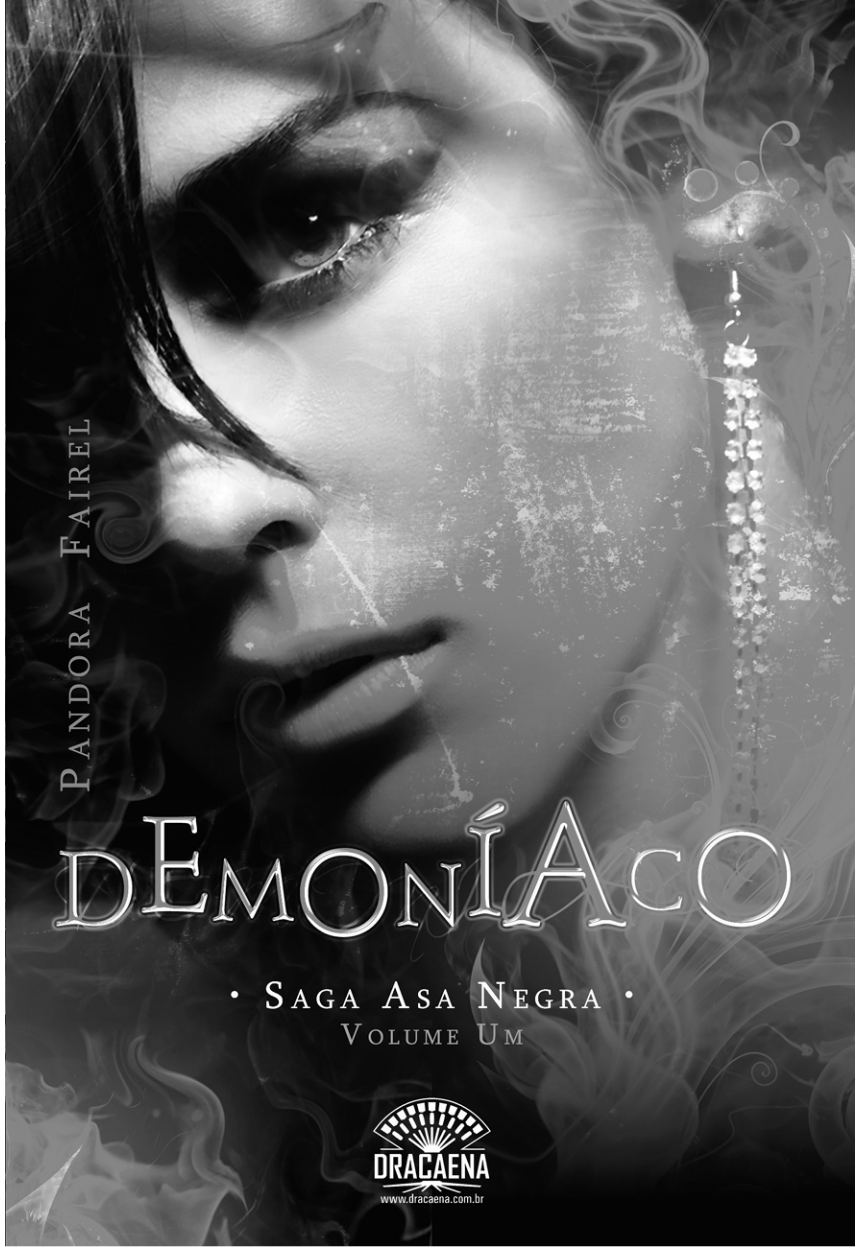
PANDORA FAIREL

DEMONÍACO

• SAGA ASA NEGRA •
VOLUME UM



www.dracaena.com.br



PANDORA FAIREL

DÉMONÍACO

• SAGA ASA NEGRA •
VOLUME UM


DRACAENA
www.dracaena.com.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Esse livro digital é disponibilizado gratuitamente pela a autora. Uma vez que você está adquirindo ele sem pagar valor algum, a única coisa que a autora gostaria de ter em troca da disponibilização gratuita do seu trabalho, é uma resenha do livro para que ele possa chegar ao conhecimento de mais pessoas que possam se interessar por ele. E, caso você goste, valorize, reconheça e apoie o trabalho dela, adquirindo o livro em seu formato físico autografado e com dedicatória através do seu site: **www.pandorafairel.com**

Valorize a cultura literária e seus criadores! Compre livros sempre que puder e ajude seu autor favorito a ter reconhecimento. <3

"Mas por que não deixa você de escrever durante uma temporada para descansar?"; perguntava-me hoje alguém.

"Porque era a mesma coisa que um crente deixar de rezar um mês ou dois, por higiene."

Miguel Torga.

DEMONÍACO
— Saga Asa Negra —
Volume Um

Pandora Fairel

Parte 1

O Demônio

Um.

Diablo Ader estava sentada na cadeira da cafeteria, na mesa mais afastada havia pelo menos dez minutos. Podia sentir os olhares dos outros em si; ela era bonita demais para que não chamasse a atenção. Os seus cabelos estavam pingando devido à chuva que pegara, assim como suas vestes, totalmente encharcadas. Porém, ela não sentia frio; não sentia nada, na realidade.

Ela estava com os cotovelos apoiados em cima da mesa da cafeteria, enquanto analisava distraidamente o cardápio. Bolos, tortas, doces, salgados... Nada daquilo a atraía. Não sentia fome, além do mais. Colocou-o delicadamente sobre a mesa e observou a extensão do local.

Não era grande. Devia ter no máximo uns vinte e tantos metros quadrados, sendo eles ocupados por mesas e cadeiras que raramente estavam cheias. Havia longas vidraças enfeitadas com o nome da cafeteria com adesivos gastos, que mostravam que o tempo na rua piorara; as poças d'água começavam a ficarem maiores, e os bueiros começavam a inundar.

A porta da lanchonete tilintou. Ela rapidamente desviou os olhos até lá e encontrou um homem vestido de preto, com um capote igual ao seu — só que bem maior, de fato. Os cabelos eram negros e lisos, caindo aos olhos devido à umidade. Seus olhos eram igualmente negros, e ele tinha um semblante sério.

Dirigiu-se até a mesa onde Diablo estava. Ela esboçou um sorriso debochado, que quase sempre se encontrava em seus lábios. Ele

puxou a cadeira e se sentou. Pegou o cardápio no mesmo momento que uma atendente apareceu.

— Você deseja alguma coisa? — ela perguntou.

— Um expresso, por favor. — ele disse com a voz grave. A atendente anotou o pedido e saiu. Ele abaixou o cardápio e olhou para Diablo, sem sorrir. — Andou espantando as atendentes?

Ela segurou uma risada.

— Eu as fiz acreditar que eu era uma ameaça para elas, ou coisa parecida. — Diablo disse com orgulho. Ajeitou-se na cadeira, cruzando os braços sobre o peito.

— Tem que parar com os seus truques psíquicos, Diablo. Isso ainda vai lhe arranjar problemas. — ele disse com a voz baixa, para que ninguém ouvisse.

— Que tipo de problemas? — ela perguntou com um tom de deboche. — As atendentes virem com os seus bloquinhos para cima de mim? Eloistier, por favor. Tenha dó.

— O que eu quero dizer — ele disse calmamente. —, é que você prometeu a Therual que não iria abusar dos seus poderes. Se ele descobrir que está usando para besteiras, Diablo, você provavelmente vai voltar para o lugar de onde veio.

Ela estremeceu.

— Tudo bem. Desembuche. — disse com rispidez.

A atendente apareceu na mesa e colocou a xícara na frente do homem. Ele agradeceu e bebeu um gole.

— Há um demônio de uma das legiões infernais de Malphas em Manchester. Ele está fazendo uma bela chacina por lá. Veja isto. — Eloistier tirou de dentro do capote um jornal e jogou-o sobre a mesa. A manchete era chamativa, e ao lado tinha uma foto de uma

garota em seus dezesseis anos, de cabelos louros e olhos verdes, com poucas sardas no rosto. Ela era uma adolescente realmente adorável.

— Mas que diabos...? — Diablo murmurou ao ler a manchete.

**O corpo da 18ª adolescente raptada é encontrado.
Mais informações na página 8.**

Diablo rapidamente folheou o jornal até a página. Começou a ler silenciosamente.

O corpo da adolescente Josey Malet (16) foi encontrado nesse último domingo (12) na Lime Bank Street, no meio dos arbustos, em Manchester — a cidade onde mora e de onde foi raptada. Ela fora encontrada por George Forret (47), que não mora muito longe onde encontrou o corpo da adolescente. "Foi horrível", diz George, "eu estava fazendo a minha caminhada matinal naquela rua, como sempre e de repente, eu vejo que tinha algo branco no meio dos arbustos. Eu fui ver o que era. E quando percebi que se tratava de Josey, liguei na mesma hora para a polícia". A polícia foi até o local investigar, e confirmou com a família de Josey que se tratava do corpo da jovem desaparecida. O modus operandi é o mesmo utilizado nas outras dezessete adolescentes: estupro seguido de espancamento até a morte. Diante da impossibilidade de reconhecimento pelo rosto, que estava massacrado, a família de Josey Malet a reconheceu por sua marca de nascença, uma estrela disforme no calcanhar. A polícia está investigando o caso dos crimes

na pequena cidade que pergunta: Quem será o Monstro de Manchester?

Diablo estava perplexa diante de tanta informação. Não estava ciente daqueles assassinatos, tampouco ouvira falar — estava tão entretida em destruir demônios que acabou se esquecendo de se atualizar.

— É um demônio que está fazendo isso? — ela perguntou.

— Sim. — ele disse. — Não sabemos qual deles é. Temos palpites. Um Íncubo? Talvez. Mas eles apenas entram nos sonhos das mulheres para ter relações sexuais, não vão até elas em questões físicas. E tampouco matam.

— Nunca se sabe, Eloi. — Diablo disse, dobrando o jornal e entregando para ele novamente. Ele o guardou dentro de seu capote. — Os Íncubos nunca se satisfazem com apenas sonhos. Esse, por exemplo, pode ter uma necessidade... real.

— Você já o está tratando como se fosse mesmo um Íncubo.

— Não tenho dúvidas que seja. — ela disse firmemente. — Qual outro demônio estupraria uma garota e a espancaria até a morte? — ela perguntou com indignação, mas ao ver o que acabara de falar, estendeu o dedo na direção de Eloistier, que abrira a boca para soltar um comentário maldoso. — Tudo bem, tudo bem. Não responda. Mas é pouco provável. A parte do espancamento é aceitável que seja um demônio. Mas o estupro? Nem todos têm necessidade sexual.

— Você disse bem — Eloistier bebericou o seu expresso. —, nem todos.

— Ora essa, há milhões de demônios no Inferno, Eloi. — Diablo sibilou. — Quer que eu investigue a vida sexual de todos?

— Não. — ele disse simplesmente. — Apenas quero que você pegue esse desgraçado e o torne em pedacinhos. — ele levantou os olhos para ela. — Estraçalhe-o. Pegue a sua cabeça como troféu. O que ele fez é completamente imperdoável.

— Tudo o que os demônios fazem é imperdoável, Eloi.

— A maioria dos demônios mata crianças? — ele perguntou. — Porque, em minha percepção, adolescentes ainda são crianças. E eu pensando que Lilith era um verdadeiro demônio por matá-las. — Diablo se remexeu na cadeira com a menção do nome daquela mulher — E agora me aparece este! Maldito seja! — ele grunhiu.

Diablo olhou para ele, curiosa. Era a primeira vez que ele tinha uma reação dessas quando se tratava de um demônio; geralmente era coisa simples, rápida. Mate esse e pronto. Sem surtos, sem estresse. O que está acontecendo dessa vez?, ela se perguntou.

— O que você tem Eloi? — ela perguntou com a voz baixa. — Não é normal que você aja dessa maneira. — ela parou. — O que ele fez para você?

Os olhos negros de Eloistier contorceram-se de dor. Aparentemente, ele tinha ressentimentos em relação àquele demônio em especial. Ele tomou um gole do café e colocou a xícara sobre a mesa. Levantou os olhos até Diablo, e disse, com a voz retorcida de dor:

— Ele matou Josey — ele disse. —, e Josey era minha filha.

Dois.

O queixo de Diabolo foi para o chão.

— Sem querer ser indelicada, mas, Eloi — ela disse rapidamente. —, desde quando você tem uma filha? E por que eu não sabia disso? Quero dizer, eu sou a sua parceira na caçada há tanto tempo.

Ele suspirou.

— Eu conheci a mãe dela há anos atrás, quando tinha acabado de entrar na Associação. — ele disse. — Nós nos apaixonamos e casamos. E por fim, ela engravidou. Mas Therual não gostou da ideia de eu ter uma família. — sua voz era dura e recheada de amargura. — Disse que era perigoso, caso eu tivesse sérios problemas com outros demônios e eles viessem atrás dela. Achou melhor que eu me afastasse.

— Ele fez bem. — Diabolo disse com sinceridade. — Você mandou muitos demônios de volta para o Inferno. Eles poderiam dar um jeito de voltar e acabar matando Josey e sua esposa.

— E conseguiram. Ou melhor, ele conseguiu. — Eloistier disse com amargura. — Conseguiu levar a alma da minha filha para o submundo. Conseguiu matá-la. Conseguiu abusar dela ainda por cima! — sua voz se elevou. Diabolo sibilou um “shhh” ao ver que os olhares curiosos caíram sobre eles. Eloistier suspirou. — Eu ainda não acredito que isso aconteceu. Eu me separei delas para protegê-las e de repente...

— Mas o que lhe faz pensar que é um demônio, Eloi? — Diabolo perguntou. — Pode ser apenas um assassino qualquer.

— Ele deixou uma mensagem — respondeu tirando um papel do capote. — Para todos nós. — Eloistier mostrou o papel, escrito em uma língua morta, mas muito bem entendida entre eles — era a linguagem que Lúcifer usava quando queria se comunicar com eles em meio a mensagens secretas.

Preparem-se, mortais! Lúcifer há de ir ao trono e dominar todos vocês; irá matá-los, cortá-los em pedaços e dar de presente para os cães do inferno pelo bom comportamento. Preparem-se! O fim da humanidade e o de vocês está perto. Muito mais perto do que vocês imaginam. Mas, por enquanto, me satisfarei em me alimentar de belas e inocentes adolescentes.

Pela primeira vez, Diablo sentiu um arrepio na espinha.

— Ah, mas que inferno! — ela grunhiu. — Quem deve ser o desgraçado?

— Não temos a mínima ideia. — Eloistier disse. — Legna conseguiu o papel na polícia, disse que poderia traduzir; deu, obviamente, uma tradução falsa. Estranharam o fato de ela ser a única a entender aquela linguagem e começaram a procurar por ela, usando-a como suspeita. — ele suspirou. — Por sorte, ela estava usando um corpo falso. Agora devem estar atrás de uma mulher que morreu há anos.

— Ela é esperta. — lembrou Diablo.

— É uma transformista, como todos os outros anjos. Apenas isso.
— ele deu um meio sorriso.

— Tudo bem. — disse calmamente Diablo. — O que tenho que fazer em Manchester, além de, obviamente, procurar pelo demônio?
— ela perguntou. — Porque eu não vou sair por Manchester procurando por ele. — reclamou.

— Nós não temos a mínima ideia de onde ele possa estar.

— Você está brincando! — Diablo retrucou indignada. — A cidade é enorme, e no meio de tantos cheiros, vai ser difícil captar o cheiro de enxofre no meio daquela multidão! Vou levar meses para encontrá-lo!

Eloistier suspirou e ameaçou comentar algo, mas Diablo continuou: — Além do mais, até lá, quantas Joseys ele já vai ter matado?

As palavras simplesmente escaparam-lhe e ela se arrependeu de ter falado aquilo. No mesmo momento, Eloistier abaixou a cabeça e respirou fundo. Estava seriamente afetado com o que Diablo dissera.

— Ah, Eloi. Desculpe-me. Eu não quis...

— Tudo bem. — ele disse de maneira dura e ríspida. — Apenas faça. Procure-o e acabe com ele. Só isso.

Ela assentiu com a cabeça.

— Estou falando sério, Diablo. — Eloistier voltou a dizer. — Não importa quanto tempo demore até que ele seja encontrado, só o destrua. Quero justiça pela morte de minha filha. Se estivesse em minhas mãos, eu faria isso com todo prazer. — disse amargamente.

— Não diga que não estou louca de vontade para destruir um demônio de Malphas. Ainda mais um tão cruel assim. — acrescentou Diablo.

— Você está? — perguntou Eloistier.

— É claro que estou. — respondeu rispidamente.

— Pois não parece. — disse ceticamente.

Diablo estreitou os olhos para o homem. Ele se levantou da cadeira, deixando metade do expresso intocado. Bateu com as mãos no capote que usava e deu uma última olhada para Diablo.

— Therual mandou lembranças. — ele disse.

— Mande-o para o inferno. — respondeu entre os dentes.

Ele deu um meio sorriso.

— Apenas faça isso, por favor. — ele murmurou. Colocou numa nota de cinco libras em cima da mesa e saiu da cafeteria. Diablo suspirou e deixou que seu corpo relaxasse na cadeira. Suas mãos foram até o expresso dele e ela virou a xícara, bebendo o café num único gole.

Ela fez uma careta; odiava café expresso, mas tinha que colocar alguma coisa no estômago se fosse perseguir um demônio. Agora, provavelmente passaria meses atrás de um demônio numa cidade gigantesca como Manchester.

Ah, mas que inferno, pensou antes de se levantar e sair da cafeteria.

Mesmo sentindo muito prazer em andar de moto, Diablo Ader odiava viajar com esse veículo. Primeiro, pelo fato de não poder levar muita bagagem; e só ela sabia o quanto precisa de muitas malas, pois tinha suas armas para levar. Diablo dispunha de armas em que poderiam matar demônios assustadores e poderosos com

mais de dois metros de altura, com chifres, asas, garras e uns sete mil anos, com apenas o apertar de um botão, o puxar de um gatilho. Diversas armas que ela poderia usar, mas ela estava levando apenas uma: uma pequena pistola que cabia no bolso traseiro da sua calça.

O segundo motivo dela odiar viajar de moto, é que não dispunha de proteção da chuva. Ela nunca usava uma capa de chuva; aliás, ela nem se importava com a chuva. A chuva não lhe fazia mal algum, mas ela odiava ficar inteiramente encharcada.

Ao chegar à cidade, hospedou-se num hotel barato, infestado de insetos; baratas, ratos, mosquitos. Mas, na realidade, ela não se importava com o local. Importava-se com o trabalho. E assim que colocou os pés no quarto, logo sentiu o cheiro podre, azedo, acompanhado de enxofre vindo do seu lado. Imediatamente, ela olhou.

— Há quanto tempo, minha irmã.

Ela estreitou os olhos para o rapaz. Ele tinha uma tez pálida, talvez até com aparência mais saudável que a sua. O cabelo castanho escuro arrepiado, os olhos negros e um sorriso travesso. Sua aparência era de um rapaz em seus vinte anos; mas não deixava de ser bonito. Pelo contrário, ele era deslumbrante. Às vezes, há algumas vantagens em serem filhos de demônios — ou até mesmo, um próprio demônio.

— O que você quer Sehedin? — ela perguntou, soltando a simples mochila que carregara nas costas durante a viagem inteira. Jogou-a sobre a cama maltratada, com aparência de que quebraria com o primeiro toque. Cruzou os braços para o rapaz.

— Levar você para casa. — ele deu um sorriso gentil. — Nossos pais estão com saudades, Lilim.

Uma corrente elétrica atravessou o corpo de Diabolo.

— Nunca mais me chame dessa maneira! — ela quase gritou. — Eu me recuso a ser chamada dessa maneira! Você sabe muito bem meu nome; é Diabolo. Sempre foi Diabolo. Desde o primeiro momento em que saí daquele inferno e decidi passar a eternidade na Terra.

Ele balançou a cabeça, negativamente.

— Você é um caso perdido, Diabolo — ele disse. —, mas saiba que Lilith e Lúcifer estão realmente sentindo a sua falta, afinal, você é a princesinha deles. Mas quem diria, não é mesmo? — ele disse de maneira sarcástica. — Lúcifer e Lilith têm sentimentos. Inacreditável. Logo Lúcifer, que matou mais de milhares de pessoas no mundo. E Lilith que devorou diversas proles.

— Basta. — ela o repreendeu. — Não me interessa saber o que Lúcifer e Lilith fizeram ou deixaram de fazer no passado, ou ainda fazem. — ela suspirou. — Não irei voltar para casa. Que fique claro.

Ele assentiu com a cabeça.

— Provavelmente eles não vão dar ouvidos — Sehedin disse, e deu de ombros. — Mandarão Roudin para lhe convencer.

Ela deu uma risada amarga.

— Roudin é um idiota. Ele não vai me convencer nunca. Aliás, ninguém irá. — ela disse.

— Não custa tentar. — Sehedin disse. — Roudin adora você, você sabe. E nossos pais também. Mas... Caso você não queira voltar... — Sehedin fez uma pausa. — Nosso pai provavelmente vai mandar um Baphomet atrás de você. Ou quem sabe um Chimera. Talvez alguns cães do inferno ou um dos demônios de uma das legiões de Malphas, ou até mesmo das suas próprias. Nunca se sabe o que se passa na cabeça de Lúcifer.

— Fale para ele — Diablo disse, com um sorriso crescendo em seus lábios — mandar Cerberus. Vai ser divertido brincar um pouco com ele. Aliás, um Chimera também. Estou precisando de um pouco de ação ultimamente. Os demônios de Malphas são tão...

— Sem graça? — concluiu Sehedin.

— Fracos. — completou.

Ele riu.

— Esperava isso de você.

Ela deu um sorriso de lado.

— Eu não vou voltar Sehedin. — ela disse, por fim. — Eu prefiro ficar aqui. Sabe que sou completamente contra os princípios de Lúcifer e dos outros Príncipes do Inferno. Desculpe-me, mas, eu tenho que acabar com isso. Tenho que acabar com todos os demônios que tentam passar para esse mundo.

— São milhares, Diablo. — ele disse. — Você nunca vai terminar isso.

Ela sorriu.

— A imortalidade ajuda um pouco nisso.

— Demônios não são tão imortais assim. — ele arqueou uma sobrancelha.

— Eu espero ser — ela disse. —, porque quero viver tempo suficiente para acabar com todos os demônios que tentam vir para a Terra. Sehedin, milhares de pessoas morrem todos os dias, ou enlouquecem por causa das possessões demoníacas. Eles tentam passar para esse mundo na maioria das vezes pelo corpo dos humanos, e acabam causando imensa dor e até às vezes a morte às vítimas. Isso não está certo.

— Nunca está certo. — ele falou enquanto encostava-se à parede de madeira velha do quarto. — Além do mais, não entendo até hoje porque nós podemos passar para esse mundo de uma maneira tão fácil e sem problema algum.

Diablo revirou os olhos.

— Você realmente não entende? — ela perguntou indignada e ele balançou a cabeça. — Somos demônios legítimos, Sehedin. Eles não. Eles são demônios originários de humanos que morreram com imensa mágoa e raiva, ou de criaturas macabras. São... Híbridos, se essa for à maneira certa de dizer.

Ele assentiu com a cabeça.

— Enfim, eu estou indo. — ele disse. — Lilith mandou lembranças, assim como papai e o nosso irmãozinho.

— Lúcifer não é seu pai — ela acusou. — Seu pai é Sammael.

— Eu não me importo. — ele deu de ombros. — Estou vivendo com Lúcifer, e ele me trata como filho. Para mim está ótimo. — ele deu um meio sorriso. — Foda-se se nossa mãe era uma vadia que abria as pernas para qualquer demônio com um belo corpo e umas boas técnicas de sadomasoquismo.

Diablo jogou a cabeça para trás e soltou uma alta gargalhada.

— Tudo bem. Vá logo para casa — enfatizou —, antes que Lúcifer acabe mandando em vez de um Chimera, dois. Talvez ele pense que você passou para o meu lado e resolveu ficar aqui comigo.

— Não é má ideia, se pensar bem — ele sorriu. — Viver com você deve ser divertido. Matando demônios, fazendo exorcismos. Diga-me, segurar uma cruz dói?

Diablo deu um meio sorriso. É claro que dói, por mais ridículo que fosse. Ela tirou a luva negra que usava e mostrou a mão pouco

avermelhada, devido às queimaduras causadas pelas cruces de prata com água benta.

— Fica pior nos primeiros minutos — Diabolo disse. —, mas logo melhora. Depois só fica assado. Em geral, eu uso uma luva; mas na maioria das vezes me esqueço de colocá-la.

Ele deu um meio sorriso.

— Eu irei, então. Mando lembranças para Lúcifer e Lilith?

— Mande. — ela disse. — Fale que eu quero que eles se explodam no inferno, por favor. — ela fez uma pausa, dando um sorriso. Em seguida, disse: — E eu sinto sua falta, Sehedin.

— Eu também sinto a sua.

Ele deu um último sorriso, aquele torto em que Diabolo adorava. E, num piscar de olhos, ele desapareceu de sua vista. E, pela primeira vez — porque ela nunca estivera sozinha naquele quarto, desde o primeiro momento em que entrara — ela ficou sozinha ali.

Três.

Diablo saiu do banheiro, enrolada em uma toalha. Ela sentia-se exausta, mas não queria perder tempo dormindo. Tinha de encontrar aquele demônio antes que ele acabasse por matar outra adolescente.

Ela andou do banheiro encardido até o quarto. Deu alguns passos e se viu de frente para o espelho rachado nos cantos. Ela deixou que a toalha caísse e contemplou seu corpo nu; perfeito, lindo. Um corpo de mulher com um rosto de garota. Carregado de pecado. Era a luxúria em carne e osso.

Saiu da frente do espelho e foi até a cama. Abriu a mochila e tirou a única muda de roupa que tinha: lingerie cor preta, uma calça jeans escura, uma blusa preta, uma jaqueta e outro capote negro. Sem demora, se vestiu. Sentou-se na beirada da cama e respirou fundo.

Ela precisava de energia, precisava de poder. E, para isso, ela não precisava comer, e tampouco dormir. Ela precisava desempenhar seu poder de súcubo, pois era isso o que ela era.

Ela precisava de sexo.

Olhou para o relógio; marcavam quase dez da noite. Ótimo, ela pensou, ele já deve estar dormindo.

Fechou os olhos e respirou fundo. Vasculhou em sua mente o rosto dele e, sem demora, o encontrou. Um rosto de um universitário de dezenove anos, natural de Bristol, de olhos e cabelos cor-de-mel e sorriso com covinhas. Um nome saltou na mente de Diablo, que a fez suspirar de satisfação.

Harlan...

Harlan estava em um sonho normal naquela noite; sonhara que ganhara na loteria e logo saíra gastando sua fortuna em carros tunados, blindados e brilhantes. Mas, de repente, aquele sonho desapareceu.

Ele se viu em um quarto. Um quarto escuro, com uma cama colossal, de colchas vermelhas-vinho. Havia diversas almofadas e apenas quatro travesseiros. Ele se encontrava no meio da cama, sem camisa, com o belo físico a mostra — resultado das suas idas à academia da universidade todas terças e quintas — e vestindo apenas sua calça jeans preferida.

De repente, a porta do quarto se abre, revelando uma garota que vestia apenas uma lingerie preta. Mas não era uma garota qualquer — era aquela garota. Aquela que sempre invadia seus sonhos.

Por Deus, quem era ela? Ele gostaria de saber. Realmente gostaria de saber. Era uma garota perfeita, com um corpo escultural e um rosto tão belo que parecia ter sido esculpido por anjos.

Ela andou sedutoramente até ele. De imediato, Harlan sentiu uma pressão bem considerável em sua calça e, naquele momento, ele se deu conta de que não usava cueca por baixo daquele Levi's velho. A garota subiu na cama e engatinhou até ele, até parar em seu colo, com as coxas ao redor das dele, prendendo-o na cama. Sua intimidade roçava suavemente contra a calça dele, bem em suas partes; ato que o deixou mais excitado do que já estava.

— Quem é v... — ele tentou perguntar, mas o dedo indicador dela parou em seus lábios, como se pedisse silêncio. Um sorriso se formou em seus lábios suavemente avermelhados.

Não diga nada. A voz dela invadiu sua mente — por um momento, Harlan teve certeza disso. Apenas sintá.

Harlan não disse nada. Mas, dois segundos depois, ele capturou os lábios dela, colando-os aos seus. Suas mãos partiram para a cintura dela, puxando-a para mais perto. Ela passou as mãos em torno de seu pescoço, e ambos aprofundaram o beijo. As mãos dele começaram a passear pelas costas dela, e os dedos logo buscaram pelo fecho do sutiã. Quando encontraram, foram rápidos em abri-lo. O sutiã soltou-se e a garota parou mínimos segundos o beijo para tirá-lo. No mesmo momento que o sutiã caiu sobre a cama, Harlan voltou a beijá-la.

Os dois estavam estirados na cama, com seus corpos repletos de suor. Ambos ofegantes. Sonhar com aquela garota, fazer sexo com ela, era o melhor “sonho molhado” que Harlan tinha desde a sua adolescência. Ela era incrível, absurda e estranhamente perfeita.

Após relaxarem, ela levantou-se na cama, puxando o lençol, enrolando-o em seu corpo. Depois, se dirigiu até onde suas roupas estavam jogadas.

— Aonde você vai? — Harlan perguntou enquanto sentava-se na cama.

Ela deu um meio sorriso para dele, sem dizer nada. Pegou sua calcinha do chão e a vestiu. Soltou o lençol assim que encontrou seu sutiã no meio da bagunça que estava o quarto e a cama.

— Você não vai responder? — havia decepção na voz de Harlan.
— Quem é você? Quem?

Ela levantou os olhos para ele. Deu um meio sorriso e subiu até a cama. Aproximou-se dele, engatinhando e beijou seus lábios com

suavidade. As mãos de Harlan seguiram até sua cintura, mas ela logo as afastou. Harlan entendeu aquilo como uma recusa.

— Você não pode falar? — ele perguntou, olhando em seus olhos castanhos escuros.

A garota balançou a cabeça negativamente.

— Você ao menos existe? — perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, afirmando. Em seguida, virou-se de costas para ele e tirou o fecho do sutiã. O sutiã se soltou em suas costas e, em seguida, os olhos de Harlan fixaram-se na imagem gravada em sua pele.

Um par de asas negras tomava certa parte de suas costas. Eram belas e bem desenhadas asas negras. Talvez um anjo, talvez um demônio. Ele não sabia ao certo. Porém, de algo ele tinha certeza: normal, aquela garota não era. Mas sendo normal ou não, ele a aceitaria da mesma maneira, fosse o que ela fosse.

— Isso é uma dica? — ele perguntou, colocando as mãos em seus braços e a virando para ele. — Eu irei lhe encontrar por meio dessa tatuagem?

Ela assentiu com a cabeça.

Agora eu tenho que ir, a voz dela invadiu os pensamentos de Harlan, me desculpe.

E tudo escureceu para Harlan.

Harlan despertou. Estava ofegante e suado — e com uma ereção matinal de quebra. Ele sentou-se na cama e assim que se espreguiçou, sentiu uma ardência aguda em suas costas. Seus olhos

se arregalaram um pouco e ele rapidamente saiu da cama, indo em direção ao banheiro. Quando chegou, olhou-se no espelho pequeno do armário acima da pia.

A parte esquerda superior em suas costas tinha quatro riscos avermelhados, meio disformes. Harlan se assustou. Havia sido arranhado! Mas quando? Onde? Como? Por quem?

No mesmo segundo, foi como se uma lâmpada tivesse acendido em sua cabeça.

Aquela garota do seu sonho o havia arranhado no mesmo lugar, enquanto transavam.

Mas seria apenas coincidência? Não, não poderia ser. Aquilo não podia ter realmente acontecido. Foi um sonho! Um mero sonho erótico, com a mesma garota com quem ele sonhava na maioria de suas noites.

Nada daquilo poderia ser real.

Ou poderia?

Diablo abriu os olhos. Estava ofegante e suada, porém, não se sentia cansada — se sentia perfeitamente bem. Uma nova força se apoderara de seu corpo; e era sempre assim. Sempre que fazia sexo com aquele rapaz. Pois sexo era sua fonte de energia, de poder. Algo digno de uma súcubo.

Porém, uma pequena onda de tristeza invadiu seu corpo, seus sentidos. Uma lágrima involuntária escorreu pelo seu rosto. E depois outra... e outra. Todavia, não estava chorando por ter sido um tipo de "sonho ruim".

Estava chorando por ter acabado.

Quatro.

Diablo abriu a porta do quarto de hotel. Legna estava lá — tinha os cabelos curtos, variando entre mechas claras e escuras, com grandes olhos cor turquesa. Tinha uma pele branca saudável e um rosto angelical. Trajava um casaco escuro, que ia até a metade das coxas e carregava uma mochila em suas costas. Ela abriu um pequeno sorriso quando viu a morena.

— E então, em que posso ser útil? — Legna perguntou.

— Preciso que você faça uma proteção divina neste quarto. — Diablo disse calmamente. — Há coisas importantes aqui. Você entende.

— Ah, claro. — ela disse. Entrou no quarto surrado de hotel, com as mãos no bolso do casaco. Analisou o quarto com cuidado, em todos os mínimos detalhes. — Não tinha algo melhor para pegar, Diablo?

— Não, desculpe. Era minha única opção. — ela forçou um sorriso.

— Certo. — ela tirou as mãos do bolso, a mochila, e tirou o casaco logo em seguida, colocando-o em cima da poltrona no canto do quarto. Abriu a mochila e disse: — Como o quarto não é seu de verdade, eu preciso de um pouco do seu sangue para o ritual, para simbolizá-lo como seu.

Diablo concordou, assentindo com a cabeça. Legna tirou algumas coisas da mochila — velas, pacotes com pó, um isqueiro entre outras coisas — e começou a fazer uma Estrela de Davi no chão, usando um pó branco e grosso. Diablo imaginou que fosse sal. Ao redor da Estrela de Davi, ela fez um círculo, usando um pó avermelhado e

fino. Colocou velas em todas as pontas da estrela e no centro dela. Deixou todas apagadas.

Em seguida, Legna colocou-se ao lado norte da estrela, segurando um crucifixo de pedra e murmurava palavras em latim que Diablo nunca conseguia entender, de fato. Ela não tinha um pingão de interesse em latim.

Quem olhasse para a cena, pensaria que Legna estava na verdade, invocando forças do mal, ou praticando bruxaria. Mas estava longe disso; ela estava criando uma barreira protetora no quarto de Diablo, onde as forças do mal não poderiam penetrar ao menos que tenham sido convidadas.

Legna se levantou e tirou um canivete do bolso traseiro da calça. Fez um sinal para que Diablo se aproximasse, convidando-a para o círculo. Diablo foi até o seu lado. Agachadas, se aproximaram da vela que se encontrava no meio da Estrela de Davi.

— Oh, Senhor, a ti ofereço o sangue desta pecadora — Legna disse com tranquilidade, voltando ao inglês. — O sangue como oferenda, para que protejas o lugar em que essa pecadora é temporariamente dona. Afaste todo o mal que tente penetrar pelas paredes deste quarto. Afaste todo mau presente, e proteja este lar de Lúcifer e seus seguidores!

Legna pegou a mão de Diablo e a cortou no centro. Um pequeno gemido escapou pelos lábios de Diablo. O sangue negro — devido ao sangue de demônio — de Diablo correu pela sua palma, caindo em cima da vela no meio da estrela. A vela, instantaneamente se acendeu, começando por uma chama grande e avermelhada, depois passando para o tom alaranjado e ficando menor. Em questão de meio segundo, todas as outras velas estavam acesas. Diablo olhou

para sua mão, e viu que o ferimento feito pelo canivete já estava curado.

— Com a benção do Senhor, eu fecho este círculo e termino com o ritual de proteção divina. — Legna falou, se levantando, puxando Diabolo junto. As velas se apagaram, restando acesa apenas a do meio. Legna a colocou sob um pequeno pratinho. Levou a vela até a cabeceira da cama.

Diabolo começou a juntar todas as coisas usadas para o ritual de proteção. Legna mandou que juntasse tudo e jogasse no lixo; aquele material não poderia ser reutilizado, sabe-se lá porquê. Quando Diabolo colocou tudo num saco preto de lixo, Legna disse:

— Então, você deve saber as regras.

— Não, falando a verdade. Nunca fiz uma proteção divina.

Legna esboçou um sorriso.

— Tudo bem. É o básico, o de sempre; ninguém, a não ser você ou eu, poderá entrar neste quarto sem ser convidado. — Legna andou até a cabeceira da cama. — Este quarto estará livre de todo o mal. E, para constar, você continuará protegida desde que esta vela continue acesa. — ela sorriu para Diabolo. — É uma vela espiritual, ela não se apaga com vento, assopros, ou qualquer outra coisa. Enquanto ela estiver acesa, você estará protegida aqui dentro; você e o seu quarto.

— E quando ela apagar significa que eu estou desprotegida. — ela disse, mas não de maneira interrogatória; afirmativa.

— Exato.

— E como ela apaga? Por que, de fato, ela tem de apagar um dia.

Legna deu uma risada melodiosa e doce. Tão doce que Diabolo ficou com vontade de vomitar, por mais que adorasse Legna.

— Na verdade, Diablo — ela disse —, a vela nunca apaga. Ela só apaga por dois motivos, e são bem óbvios.

— Quais são?

— Apagam quando você não tem mais fé; ou quando você decepciona os anjos de uma maneira... Ruim demais.

Diablo arqueou uma sobrancelha. Ela olhou para a vela branca acesa na cabeceira ruída de sua cama do hotel e depois olhou para Legna. Uma lâmpada se acendeu na sua cabeça naquele exato momento.

— Não! — Diablo quase gritou. — Não me diga que... Não, não pode ser...

— É — Legna assentiu com a cabeça. —, essa é uma Vela de Deus. Ela só se apaga quando seu dono ou protegido perde a fé em Deus, ou decepciona os anjos, ou os céus, como preferir chamar. Como por exemplo, matam alguém. — ela deu um meio sorriso. — Para decepcioná-los, você tem que fazer grandes coisas; coisas ruins. Entregar-se aos sete pecados não é nada, todo ser humano se entrega a eles. Gula, inveja, avareza, ira, preguiça, vaidade e luxúria. Não há um humano no mundo que não tenha se entregado pelo menos uma vez para todos os pecados, ou apenas para um. — ela hesitou, parando com seus olhos turquesa e calculistas sobre o rosto de Diablo. — E creio que de luxúria, você bem entende.

A morena estreitou os olhos na sua direção.

— Eu não posso evitar. Você sabe disso.

— Poderia ser ao menos mais humana. Se alimentar é sempre bom. — ela disse, com um pingão de acusação em sua voz.

— Ah, perdoe-me se faço mais sexo em semanas do que você faz em milênios. — Diablo falou com amargura e sarcasmo, bem

misturados em suas palavras.

O rosto de Legna avermelhou-se.

— Não ouse falar disso! — ela gritou.

— Então não toque no assunto. — Diablo alfinetou. — Agora que terminou seu trabalho, pode se retirar? Tenho um demônio sádico e louco por umas vaginas intocadas por aí à solta. Então, se me der licença.

Não foi preciso pedir duas vezes; Legna saiu num rompante do quarto do hotel, sumindo pelas escadas. Diablo suspirou. Era óbvio que Legna estava chateada; falar sobre aquele assunto com um Anjo era complicado. Sim, Legna era um anjo — suas asas eram de propriedade celestial, podiam ser facilmente escondidas de maneira invisível.

A grande maioria que estava trabalhando na exterminação dos demônios na Terra eram anjos, para falar a verdade. Não havia muitos humanos — como Eloistier, por exemplo. Se havia, não devia ser mais do que duzentos em um só continente. E demônios? Bem, de demônios, do conhecimento de Therual, o arcanjo supremo, Diablo era a única.

A única criatura que veio do submundo para destruir seus iguais.

Cinco.

Diablo saiu do hotel sentindo a brisa gelada daquela noite bater em seu rosto. Aquela era uma hora ótima para poder encontrar o demônio; pelo o que imaginava, ele costumava atacar a noite. E durante a noite, as ruas de Manchester não ficavam tão cheias — ou assim ela pensava.

Decidiu ir a pé — por mais que não economizasse tempo, ajudava a captar o cheiro de enxofre que os demônios deixavam; e ela podia sentir a aura sombria deles também, já que era igualmente um demônio.

Primeiro, teria de procurar em lugares onde várias adolescentes de dezesseis anos e bonitas frequentassem. A palavra boate logo berrou em sua mente. É claro. Mas era tão clichê. Em sua maioria, as vítimas iam acompanhadas de suas amigas e ficavam por lá, e quando encontravam um cara bonito, logo comentavam. Caso a garota sumisse, provavelmente as amigas iriam estranhar e colocar a culpa no rapaz. Mas elas deveriam estar tão bêbadas que não juntaram um mais um, o pensamento ocorreu nela.

Diablo fechou os olhos e respirou fundo, se concentrando. Tinha de analisar bem os fatos. O demônio estava à procura de adolescentes bonitas. Ok. Que vivessem em Manchester. Ok. E que, provavelmente, fossem virgens. Ok.

No final das contas, ela teria de pesquisar mais sobre as outras vítimas; as outras dezessete antes de Josey. Eram todas louras? Todas tinham uma semelhança de altura, peso, característica? Será que ele se sentia atraído por olhos verdes? Ou um corpo magro e

pequeno? Ou por cabelos lisos? Ou eram vítimas simplesmente aleatórias, bonitas e virgens? Não. Alguma semelhança tinha de ter!

Diablo encontrava certa dificuldade em pensar da mesma maneira como os serial killers — porque era isso o que aquele demônio, de fato, era.

Porém, de algo Diablo tinha certeza: Lúcifer estava envolvido. Caso contrário, o demônio não teria mencionado naquela mensagem o nome de Lúcifer. E nem todos os demônios eram amigos de Lúcifer; na realidade, grande parte deles se odiava. Alguns respeitavam apenas os comandantes de suas legiões, e os outros, destruíam na maioria das vezes os seus próprios companheiros — o que relaxava um pouco o trabalho de Diablo em caçar os demônios que migravam para a Terra por pura diversão, atrás de mulheres e mortes.

Um dos demônios que fugia à regra era Ayperos; comandante de mais de trezentas legiões infernais, ele era respeitado por vários demônios. Lúcifer, por mais que seja muito bem conhecido por várias religiões e pelo mundo inteiro, tinha o quê? Dois filhos que não eram seus, uma única filha legítima e ainda por cima rebelde que destrói outros demônios e uma esposa devoradora de bebês e crianças e — ah, sim! E uma coroa como Príncipe do Inferno. Fora isso, ele não tinha mais nada; nem todos o respeitavam, pois por mais que ele tivesse dado o início da linhagem de demônios, ele não estava tão forte como antes.

Diablo andou por mais umas ruas, afastando aqueles pensamentos. Precisava se concentrar naquele seu trabalho. Por mais que fosse complicado, por mais que fosse demorar, ela precisava encontrar aquele demônio. Ele havia matado a filha de

Eloistier — e várias outras adolescentes. Ela precisava vingar a morte delas, precisava fazer justiça. Aquele caso era algo que ela nunca tinha visto em sua existência — para não dizer vida —, era algo completamente incomum de se ver, ainda mais quando se nasce no Inferno.

Ela parou ao ouvir o som da música bate-estaca vinda da esquina. Havia uma fila de entrada. Um segurança alto, carrancudo e corpulento, com a cara fechada. Pela fachada do local, ela imaginou que aquela boate fosse uma daquelas frequentadas apenas por filhos de magnatas. Ela olhou para a fila; em sua maioria, garotas usando roupas de grife, bem vestidas. Havia poucos garotos, mas todos trajavam uma camiseta polo e um jeans, enquanto as garotas trajavam vestidos curtíssimos com brilho, ou de seda, que custavam no mínimo umas mil libras e elas usariam apenas uma vez na vida.

Diablo esboçou um sorriso torto. Começaria a procurar por lá. Precisava ir a qualquer boate que tivesse acúmulo de adolescentes. Eloistier não havia comentando se Josey era rica ou pobre, mas, olhando para seu rosto na foto do jornal e olhando para aquela boate, podia-se deduzir que as duas tinham tudo a ver, de certa forma.

Ela seguiu rapidamente até o segurança, que guardava a porta. Ele segurava a corrente da entrada do local, e deixava os adolescentes passarem quando entregavam suas entradas. Parou em frente a ele e esboçou um sorriso simpático.

— Boa noite. — ela disse. O segurança olhou para ela, sem expressão. — Eu gostaria de entrar.

Ele olhou para suas roupas e depois para ela. Estreitou seus olhos. Provavelmente estava acostumado com garotas bonitas tentando

seduzi-lo para entrar na boate.

— Você tem a entrada?

— Não.

Ele estreitou os olhos novamente.

— Então vá para o caixa e compre. — ele gesticulou com a cabeça, onde havia uma mulher numa cabine, vendendo as entradas para a boate. — E vá para o final da fila.

Ela deu um sorriso.

— Mas eu quero entrar agora.

Naquele momento, o segurança olhou para ela. Em seus olhos, mais especificamente. E aquele momento foi à perdição para ele; ela pôde ver que sua expressão se suavizou ao olhar em seus olhos. Podia sentir que ele mergulhava mais e mais na imensidão castanha de seus olhos. Ela reprimiu um sorriso.

Você vai me deixar entrar agora, ela pensou.

Outra vantagem em ser um demônio é que eles têm poderes psíquicos; não podem ler sua mente, mas podem entrar nela e lhe forçar a fazer algo que você não queira. Podem controlá-la. Como se você fosse apenas um fantoche. Esses poderes psíquicos também são conhecidos como "hipnose".

O segurança assentiu com a cabeça e puxou a corrente para ela entrar. Ela deu um último sorriso e entrou, ouvindo protestos de várias pessoas logo atrás dela.

— Divirta-se, milady.

— Obrigada. — ela agradeceu, dando um sorriso gentil.

Ela atravessou o hall de entrada e logo chegou à pista principal — que estava lotada. Luzes avermelhadas, rosadas, azuis, amarelas e verdes dominavam o local, misturando-se e formando várias outras

cores. A música era extremamente alta, e Diablo se perguntou como os humanos conseguiam vir aqui sem estarem com os ouvidos estourados até o final da noite. Ela conseguia aguentar, é claro. Mas e os humanos, que eram tão sensíveis e fracos, comparados a ela?

Não importa, ela pensou. Espremeu-se entre os adolescentes, que contorciam seus corpos das maneiras mais inacreditáveis possíveis. Deu uma leve fungada ao chegar ao meio da pista, procurando por algum sinal de enxofre. Nenhum. Também ficara complicado devido à quantidade de Hugo Boss, Calvin Klein, Chanel, 212 e Carolina Herrera misturados naquele recinto.

Respirou fundo e deu meia volta. Esbarrou em alguém que reclamou alto, chamando-a de vários nomes nada sutis ou delicados. Ela revirou os olhos. Andou um pouco mais, agora subindo as escadas até o camarote. Um DJ agitava num palco, colocando as músicas mais altas ainda. Usou seus poderes para persuadir o segurança, que logo liberou a entrada dela para o camarote. Ela entrou, andando no local, dando leves fungadas, procurando por algum resquício de enxofre. Nada.

— Talvez esse não seja o lugar certo a procurar — disse a si mesma. —, acho que me precipitei.

Ela virou-se para ir embora e quase sentiu o coração saltar da boca pelo susto. Ela arfou ao olhar dentro daqueles olhos verdes opacos do irmão “do meio”.

— Roudin! — ela exclamou.

Roudin era o completo contrário de Sehedin; tinha cabelos dourados e olhos verdes. Uma pele branca saudável, e um ar mais infantil em relação a seu rosto. Tinha um belo corpo — aquele corpo que todo modelo de propaganda de cuecas mataria para ter, ou que

aqueles ratos de academia tanto lutam. Porém, seu gênio era de uma criança de dez anos. Implicante, irritante, birrento.

— Oi Lilim. — ele deu um sorriso gentil.

Ela revirou os olhos e corrigiu:

— É Diablo.

— Então Lilim, eu vim aqui para lhe levar para casa. — ele disse, ignorando totalmente o que a súcubo disse anteriormente. — Papai e mamãe não estão satisfeitos com sua recusa quando Sehedin veio até você. Eles querem você em casa, é sério.

— Pouco me importa. — ela disse. Tentou passar por ele, mas ele trancou sua passagem. Colocava-se na frente dela o tempo inteiro. — Dá para me dar licença? Eu preciso ir atrás de um demônio. Estou a trabalho.

Ele olhou para os lados e depois para ela, com um sorriso debochado.

— A trabalho? Numa boate? — ele assobiou. — Ok, Lilim, pare de brincar. Vamos?

— Não. — ela disse, começando a ficar nervosa.

— Vamos lá... O que você está fazendo aqui? Nada. — ele deu de ombros e olhou em volta. Em seguida, devolveu seu olhar para ela. — Você vai ter que parar com isso uma hora ou outra. Não pode impedir todos os demônios de migrarem para a Terra.

— Não posso impedir todos — ela concordou. —, mas alguns, eu posso.

Roudin revirou os olhos verdes.

— Aliás, quero lhe fazer uma pergunta. — Diablo disse.

— Pergunte.

— Você soube de algum demônio de Malphas que saiu do Inferno e veio para cá? — ela perguntou.

Os olhos de Roudin fixaram-se nos dela por alguns segundos — dois segundos, no máximo. Em seguida, ele jogou a cabeça para trás e deu uma alta gargalhada, chamando a atenção dos adolescentes que se encontravam ao redor. Eles não se importaram e voltaram para suas danças esquisitas, ou focaram-se no efeito do seu ecstasy. Roudin voltou ao seu estado normal e olhou para a irmã, com um sorriso debochado.

— Eu não sei. — ele respondeu.

Diablo estreitou os olhos para ele.

— Você está mentindo.

— Não, não estou. — ele disse. Diablo pode ver seus olhos verdes arderem de sinceridade. — Além do mais, se eu soubesse você realmente acha que eu lhe contaria? — seu sorriso debochado aumentou.

Diablo revirou os olhos.

— É. Como pude pensar algo assim? — ela se perguntou. — Enfim, estou indo. Pode me dar licença? Tenho mais coisas a fazer.

Ela tentou passar por ele, mas ele segurou com força seu pulso.

— Diablo... Não vá. Por favor. — ele disse com a voz rouca perto dela. Seus olhos estampavam dor. Ela levantou as duas sobrancelhas ao ver que o irmão finalmente resolveu lhe chamar pelo nome que ela adotara na Terra. — Se eu não lhe levar de volta hoje... Eu...

— Roudin. — ela franziu o cenho e olhou para o irmão. Embora fosse mais velho fisicamente que Diablo, em questão de mentalidade ele era o mais novo da família. O irmão caçula. Além de ser o mais idiota, era também o mais adorável.

— Diablo, eu não quero que você se machuque. Você é a minha irmãona. — ele disse calmamente, respirando fundo. — Lúcifer disse que se eu voltar sem você...

— Ele me mata. — ela disse calmamente. — É isso?

Ele assentiu com a cabeça.

Ela deu um meio sorriso e levou sua mão até o rosto do irmão caçula. Acariciou com doçura. Ah, como ela o adorava... Ela adorava a todos, aliás. Menos seus pais. Ela adorava Sehedin e Roudin... Não, ela não os adorava. Ela os amava.

Abriu um sorriso gentil.

— Não se preocupe. — ela disse com a voz suave como veludo. — Eu vou ficar bem. Pode ir para casa em paz, Roudin. Nada que Lúcifer fizer vai me afetar; além do mais, eu sei me proteger muito bem. — ela olhou nos olhos do irmão. — acredite. Pode falar para ele mandar o mais furioso Baphomet, ou até o mais poderoso Deus do Inferno. Eu estarei pronta para enfrentá-lo.

Diablo viu os olhos do irmão caçula brilharem por um segundo. Logo sentiu os braços dele envolverem seu corpo num abraço confortável. Ela retribuiu o abraço. Roudin era tão... Fraco. Fazia-se de forte, feito de pedra na frente dos outros. Mas por dentro era uma manteiga derretida — até Diablo se achava mais homem do que ele, em alguns momentos.

— Eu vou indo, então — ele murmurou. Por sorte, Diablo tinha a audição aguçada, caso contrário, não iria escutar o que o irmão caçula dissera. — Cuide-se, Diablo.

Ela assentiu com a cabeça.

— Cuide-se você também. — disse.

Ele franziu o cenho.

— Eu vou me cuidar — ele falou. —, estou é preocupado com você. Lúcifer disse que não vai ter volta caso você não volte agora comigo. — ele hesitou. — Tem certeza disso? Ele não vai medir esforços para lhe matar.

Ela assentiu com a cabeça.

— Tenho plena certeza. É isso o que quero. — disse. — Me desculpe.

Ele assentiu com a cabeça. Esboçou um sorriso meio infantil e depois, desapareceu na sua frente, com um piscar de olhos. Ela suspirou.

As coisas ficariam complicadas a partir daquele momento.

Seis.

Uma semana se passou, e nenhum sinal de algum demônio em Manchester. Por enquanto, Lúcifer não mandara mais ninguém atrás de Diablo — ela acreditava que ele estava pensando em alguém forte, para que pudesse acabar com ela na primeira oportunidade. Lúcifer não aceitava derrotas de maneira alguma. Diablo conseguia imaginar o quão contrariado e furioso ele deve ter ficado quando Roudin voltou com a resposta final dela ao fato de voltar para casa — ou, melhor, para o Inferno.

Diablo saiu do quarto do hotel, fechando a porta delicadamente atrás de si. Suas armas já estavam no quarto — agora ela carregava uma de porte médio, presa na cintura pela calça, carregada de água benta e outros itens que iam à bala a que Eloistier e outros homens fabricavam para destruir demônios.

Durante esse meio tempo, ela também recorrera a sua “fonte de energia” pelo menos duas vezes. Harlan tentava lhe fazer perguntas, mas ela sempre o calava no momento. O problema é que seu poder de persuasão nesses momentos está tão baixo que ela não consegue fazer com que ele pare de perguntar sobre ela. Sempre depois que eles fazem, ele começa a questionar sobre sua vida. O que ela faz. Do que ela gosta. Qual o motivo da tatuagem de asas negras nas costas. Se ela gostava de alguma banda em especial. E o principal: qual era seu nome.

Diablo se recusava a responder todas essas perguntas. Ela queria, mas ao mesmo tempo, não queria ser encontrada por Harlan. Era algo que ela não conseguia explicar; como se gostasse e ao mesmo

tempo não gostasse dele. Ela o queria por perto; queria poder fazer sexo — ou, melhor, fazer amor — com ele sempre que podia. Mas não queria encontrá-lo na vida real.

Talvez fosse medo. Ou falta de coragem. Ou talvez ela não quisesse colocar a vida do humano em risco. Não sabia ao certo.

Respirou fundo. Tinha de parar de pensar naquilo. Tinha de se concentrar em encontrar o demônio.

Ela passou por uma banca. Ela podia ver o jornal de Manchester quase que brilhar próximo à porta, meio que berrando a manchete: Outra adolescente é raptada. A décima nona adolescente pega por aquele demônio — e Diablo deixara passar! Não conseguia acreditar naquilo. Sempre obtivera sucesso em tudo o que fazia, ainda mais quando se tratava de demônios. Mas esse. Esse não era um demônio; era praticamente um fantasma. Porque ela não sabia nada sobre ele. Não sabia seu nome, suas características. Nada. Era um branco, um vazio. Quando pensava nele, não chegava à conclusão alguma, nem ao menos uma suspeita de quem poderia ser.

Ela parou, encarando o jornal. A foto mostrava uma garota sorridente, com sardas na região do nariz e das bochechas. Tinham longos cabelos ruivos e encaracolados, um sorriso cativante e olhos azuis como o céu. Ela entrou na banca e pegou um jornal. Jogou uma nota de cinco libras sobre a bancada onde um homem gorducho e calvo se encontrava, folheando uma revista pornô debaixo da bancada, escondida por uma revista de automobilismo. Sem esperar o troco, Diablo saiu.

Folheou até a página oito, onde se encontrava a matéria da garota desaparecida. Não era grande e ela começou a ler:

Carlee Davy (16) sumiu nesta última terça-feira. Segundo a mãe, ela havia dito que iria até a casa de uma amiga que morava a duas ruas de sua casa, Ellie Bandowy (16). A mãe de Carlee, Margareth Davy (45), diz que a garota saiu de casa perto das quatro da tarde, logo depois de voltar da escola e não voltou. "Liguei desesperadamente para o celular dela, mas ela não atendia. Fiquei preocupada", diz a mãe, "Liguei para a casa de Ellie, a amiga dela, mas disse que Carlee não estava lá. Então tratei de procurar por ela. Quando não encontrei, fui à delegacia falar sobre o sumiço dela", relata. Porém, os policiais não "levaram a sério", pois não fazia doze horas desde que a garota havia sumido. No dia seguinte, a mãe, preocupada, voltou para a delegacia e iniciaram-se as buscas. Não há nenhum resultado, mas os policiais têm quase que absoluta certeza que é o Monstro de Manchester agindo novamente. Só Deus sabe como Carlee Davy se encontra nesse momento.

Diablo respirou fundo ao terminar de ler a matéria. Ao lado do texto, ela viu a foto da garota. Ela sorria abertamente, com a mão na cintura e as pernas juntas. Ela usava um vestido vermelho, que destacava ainda mais seus cabelos. A garota tinha pernas longas. Diablo achou que ela devia ter mais ou menos um metro e setenta de altura.

Amassou o jornal e o jogou na lixeira mais próxima. Podia sentir a raiva e a sensação de incompetência tomar conta de si; o seu sangue negro fervia em seu corpo. Seus órgãos se reviraram, batendo uns nos outros e seu cérebro estava a mil. Por Deus, como ela sentia raiva naquele momento! Não sentia apenas raiva, mas também se sentia fraca, incompetente! Sentia-se um nada. Uma

tarefa tão fácil — apenas procurar pelo demônio e destruí-lo — e ela não conseguia realizá-la.

Ela andou com mais velocidade, e com mais força — jurava poder escutar a calçada sob seus pés racharem aos poucos enquanto andava. Não passava das nove da manhã de sexta-feira e as ruas de Manchester estavam estranhamente calmas.

Diablo não via para onde andava; estava tão cega de raiva que seus pés apenas a conduziam para um local desconhecido. Mas quando ela respirou fundo e concentrou-se, tentando amenizar a raiva que sentia de si mesma, ela percebeu onde estava.

Encontrava-se na Lime Bank Street. A mesma rua onde Josey, a filha de Eloistier, havia sido encontrada.

Aquela rua costumava ser calma — muito calma, para falar a verdade. Havia vários arbustos de um lado da rua, e as pessoas costumavam passar por lá quando estavam em suas caminhadas matinais, ou coisa parecida. Porém, Diablo percebera uma coisa: arbustos não se mexiam sozinhos.

Ela andou, silenciosamente até o local onde vira um arbusto sacudindo. Não havia vento naquele momento. Então algo estava se mexendo lá. Ela se aproximou. E mais. E mais. Quando viu, já estava quase que em cima do arbusto.

E então ela viu o braço.

O braço branco, com sardas, com hematomas e ensangüentado.

Ela levou a mão até a boca. Ela deu uma leve fungada. O cheiro de enxofre invadiu suas narinas. O rastro era fresco. Era naquele momento. Ela iria pegá-lo. Iria destruí-lo.

Puxou o arbusto mais para o lado e viu que realmente se tratava de Carlee. A garota estava roxa e com muito sangue entre suas

pernas. Outra adolescente virgem. Outra adolescente estuprada e espancada. Diablo engoliu a seco. Passou por cima de seu corpo, cuidando para não pisar nele e foi de encontro ao campo que havia atrás do arbusto e das árvores que enfeitavam aquela rua.

Ela viu alguém atravessando a rua, com os passos apressados. Pela primeira vez desde que viera para a Terra, ela usou sua velocidade sobre-humana para seguir aquela pessoa. Ao se aproximar, o homem virou o rosto para trás e deu um sorriso malicioso. Em seguida, saía correndo, desaparecendo da visão de Diablo num piscar de olhos.

Ela fungou. Ele havia deixado o rastro; o cheiro de enxofre estava forte. Ela o seguiu, correndo naquela velocidade sobre-humana e não se importando com os humanos presentes — eles pareciam tão absortos em seus problemas pessoais que mal poderiam perceber o vulto que passava por eles.

Até que em um momento, ela o alcançou. Ao chegar perto dele, desferiu um soco certeiro em suas costas. Ele tropeçou com o impacto e saiu rolando no chão. Ambos estavam parados num beco sem saída, próximo a uma rua qualquer de Manchester. Ele bateu contra a parede e se levantou, passando a mão nas costas.

Diablo parou, cercado. Ela ofegava. Estava feito. Ela logo iria matá-lo, era o fim dele. Ela iria vingar a morte de todas aquelas adolescentes. Iria vingar a morte de Josey.

Mas ela olhou para ele, pela primeira vez. E ela se perdeu.

Ela mergulhou na imensidão azul de seus olhos e se deliciou no chocolate dos seus cabelos. Por um momento, ela quis se encontrar presa em seus braços cobertos pelas mais estranhas e brutas

tatuagens e queria encontrar-se no conforto de seu peito. Queria poder colar seus lábios aos dele e poder sentir sua essência.

Ela se perguntou quando foi à última vez que se sentiu assim. E descobriu que não houve última vez. Porque simplesmente não aconteceu. Nunca. Em nenhum momento.

Mas ela tinha que resistir — devia resistir. Resistir à sua beleza deslumbrante. Talvez, só talvez, ela estivesse daquela maneira — completamente atraída — apenas pelo fato de ele ser o fruto proibido; algo perigoso. Porque no fundo ela sabia que, desde o primeiro momento, mesmo antes de vê-lo, ela sabia que ele era proibido. E apenas pelo fato de ele ser isso tudo — proibido e perigoso —, ela já estava completamente excitada — de todas as maneiras possíveis.

E, no momento que ele deu um sorriso torto e seus olhos azuis fixaram-se nos castanhos dela, ela teve absoluta certeza que seria impossível resistir ao irresistível.

Sete.

— **Oh — ele disse. — Então** eu finalmente pude ter a honra de conhecer a Princesa Lilim.

Uma corrente elétrica atravessou o corpo de Diablo. A menção do seu nome verdadeiro ainda a deixava desconfortável. Porém, ela não devia ligar para desconforto naquele momento — ela o havia encontrado. Agora, sua missão era destruí-lo antes que ele acabe raptando outra adolescente.

Ela evitou dizer qualquer coisa. Não queria provocar e nem ser provocada. Porém, no momento em que ela iria dar um passo em sua direção, ela não conseguiu. Era como se alguém a segurasse; ou como se seus pés estivessem grudados no chão.

— Intrigante, não? — ele perguntou e deu três passos em sua direção, cruzando os braços. — Nunca lhe falaram para evitar manter contato visual com um demônio, Lilim? — ele aumentou o sorriso malicioso que tinha instalado nos lábios. — Eles podem acabar lhe hipnotizando. E isso vale para todos os seres vivos. Até para você. — ele deu alguns passos a mais na sua direção, até parando a sua frente, com poucos centímetros de distância.

A mão dele foi até uma mecha do cabelo solto dela. Pegou-a entre os dedos e a levou até o nariz. Cheirou-a e deu um sorriso satisfeito. Diablo tentava se lembrar de como ela conseguia desfazer a hipnose — havia uma maneira, havia sim! Ela sabia disso. Mas qual? Ela não conseguia se lembrar.

Sentiu um arrepio ao sentir a mão dele tocar seu rosto. Os dedos acariciaram levemente o rosto dela. Traçaram uma linha imaginária

em torno dele e pararam nos lábios. Ela tentou estreitar os olhos para ele, mas os mesmos não se moveram. Ela não conseguia se mover. Tampouco falar. Mas que droga!, pensou enraivecida.

— Você é mais bela do que eu imaginava. — ele disse. — Mas, é claro, não? Filha de Lilith e Lúcifer, e ainda por cima é uma súcubo. É digno que seja tão bela dessa maneira. Deve despertar a libido nos homens e nos demônios, estou correto? — ele deu um sorriso torto. Sedutor. — As Alrunes de Lilith não são tão belas como você. Tem aquela beleza puxada da mãe. E alguma dos outros demônios, obviamente.

Os pensamentos estavam a mil na cabeça de Diablo. Havia uma palavra. Uma única palavra. Agora, qual era? Ela não conseguia se lembrar. Talvez se tivesse prestado mais atenção nas aulas que havia tido no castelo...

— Mas eu tenho que ir, minha querida. — ele disse. — Tenho coisas a fazer. Como estuprar adolescentes. — ele fixou seus olhos azuis nos dela. Ela tentou fechá-los, mas por meio da hipnose, ele não permitiu. — Diga a Eloistier que Josey era uma das mais apertadas e deliciosas que eu já tive em meus braços. — ele sussurrou, com um tom estranhamente maléfico em sua voz.

Diablo quis mais do que nunca avançar nele. Porém seus músculos estavam rígidos. Sua boca estava presa, e sua língua não se mexia. Podia sentir seu coração bombear no peito e o sangue negro subir até sua cabeça. Ela estava com raiva. Muita raiva.

— Aliás — o demônio voltou a dizer. —, meu nome é Alec, caso você queira saber, ou me procurar para nos divertimos algumas vezes, se é que me entende.

O demônio deu mais um sorriso para ela e desapareceu de sua vista. Só apenas dez segundos depois que ele desapareceu que ela pode ter total controle de seu corpo. Ela arfou.

— Merda! — gritou em plenos pulmões. — Desgraçado! — ela deixou que seu corpo caísse de joelhos no chão. Apoiou as mãos nas coxas e respirou fundo, tentando acalmar a respiração. — O filho de uma puta além de me hipnotizar, ainda rouba parte da minha energia! — sibilou. Sentia-se cansada, fraca. Mas tinha de correr atrás dele! Porém, naquele momento, ela não poderia recorrer ao seu querido universitário. Não havia tempo. Alec, o demônio, já devia ter ido embora há muito tempo.

Ela passou a mão no capote negro que usava. Sentiu uma elevação no bolso e pegou o celular.

Foi na discagem rápida e ligou.

— Legna?

— Pelo amor de Deus, o que esse demônio lhe fez? Você está acabada! — Legna disse em tom alto e claro quando chegaram ao quarto do hotel. Diablo se sentou na cama, sentindo-se exausta.

— Ele me hipnotizou assim que eu olhei para ele. — Diablo disse de maneira cansada. — Me falou algumas coisas e... Depois tirou parte da minha energia. — murmurou. — Filho de uma puta.

— E você se deixou hipnotizar?! — Legna disse quase gritando. — Diablo! Eu esperava mais de você! — ela bufou. — Pensei que fosse mais inteligente! Já lhe avisamos tanto sobre olhar nos olhos dos demônios, ainda mais como ele. — enfatizou.

Diablo suspirou e passou a mão no rosto. Sentia seus olhos pesados e seu corpo dolorido. Ah, como ela queria dormir naquele momento! Nem vontade de fazer sexo com Harlan ela estava.

— Eu não sabia o que estava fazendo — Diablo disse, mas logo acrescentou: — Não, espera. Eu sabia. Mas a ideia de ele me hipnotizar nem passou pela minha cabeça... É algo tão velho. A maioria dos demônios nem se lembram como se hipnotiza para paralisar alguém. Nem eu lembro. E olha que era do meu tempo esse negócio de hipnotizar e paralisar...

Legna suspirou.

— Tudo bem. — ela disse e puxou uma cadeira do quarto. — Como ele era?

Diablo olhou para ela.

— Deslumbrante.

Legna revirou os olhos: — Eles sempre são.

— Não, ouça... Era diferente com ele. Ele era deslumbrante de uma maneira... Muito deslumbrante. Sério. Ele tem uma beleza diferente. Mais desumana e mais surreal do que os outros. Mas ao mesmo tempo ele parece ser tão... — Diablo parou de falar. Pigarreou e continuou: — Ele era diferente. Eu sentia isso. Havia algo nele. Algo que eu não sei explicar. Tudo nele lhe atrai. Entende? Desde o dedão do pé até o último fio de cabelo. Ele era... irresistível.

A boca de Legna estava escancarada.

— Ah, não. — o anjo disse.

— O quê?

— Você está atraída por ele. — ela acusou.

— Mas é claro que não! — Diablo rebateu. — É claro que não estou. Ora essa. Eu? Atraída por um demônio? — ela disse de

maneira debochada. — Tenha dó, Legna. Apenas achei a beleza dele muito diferente, da qual eu estou acostumada a ver.

Legna olhou para ela de maneira desconfiada, acusatória. Diablo soube o que ela estava pensando naquele momento apenas em olhar em seus olhos. Admita, ela pode ouvir a voz de Legna na sua cabeça, você está caída por ele. Vamos lá, admita. Não é feio. Amar é bom, sabia?

— Eu não estou apaixonada. — Diablo disse.

— Mas está atraída.

Diablo se encolheu.

— Ele era bonito, tá legal? — ela disse. — Apenas isso. Fiquei atraída, sim, pela beleza dele. Mas isso não vai me atrapalhar na hora de destruí-lo. Vou vê-lo como a Medusa. Vou evitar olhar em seus olhos e tudo ficará bem. — olhou nos olhos turquesa de Legna. — Estou falando sério. Vou trazer a cabeça dele para Eloi em uma bandeja.

Legna suspirou.

— Ok, se ele era tão bonito, descreva-o.

Diablo cruzou a perna. Começou a descrevê-lo. Porém, acabava acrescentando sem querer, mínimos detalhes totalmente desnecessários. Quando percebeu, sentiu-se uma adolescente com seus hormônios à flor da pele contando para a melhor amiga como foi o primeiro encontro com aquele garoto, ou coisa parecida. Logo ela amenizou os detalhes. Porém, não conseguiu amenizá-los quando o assunto foi seus olhos.

— Eles eram tão... azuis. — ela disse. — Eram lindos. Completamente lindos. Acho que foi por isso que me deixei

hipnotizar. Eram atraentes, bonitos. E também acho que foi por isso que as garotas se entregaram tão facilmente a ele.

— Isso é — Legna disse. — se elas se entregaram tão facilmente a ele. Talvez ele tenha usado hipnose nelas também.

— Eu não acredito. — Diabolo disse. — Acho que elas se entregaram para ele. Digo, ficaram atraídas. Ele tem uma beleza inacreditável, Legna. Nem você acreditaria se o visse. — ela fez uma pausa. — Aliás, acho que ele é íntimo de Lúcifer e Lilith. Ele mencionou sobre as Alrunes e sobre o quão menos bonitas elas eram de mim.

— Que cara de pau! — Legna riu. — Além de lhe hipnotizar, ele tem coragem de lhe cantar? — ela perguntou. — Ok. Eu vou pesquisar. Devo ter uma lista de todos os íntimos de Lúcifer e Lilith. — ela hesitou. — Aliás, você já teve alguma visita? Digo, de e algum amigo de Lúcifer?

— Por enquanto não — Diabolo disse. — Mas espero não ter tão cedo. Tenho que me concentrar. Perder tempo com demônios de Lúcifer vai apenas prejudicar meu trabalho e mais adolescentes vão acabar mortas. — suspirou. — Enfim, eu preciso dormir, Legna. Preciso descansar. Não posso recorrer ao meu trabalho de súcubo agora. É cedo demais, ainda por cima.

— Tudo bem. — Legna disse. — Vou informar Eloi sobre o acontecido. Ele provavelmente vai ficar histérico, berrar e quebrar coisas. Vai lhe chamar de incompetente também, por ter o cara na palma da sua mão e não detoná-lo. Mas acho melhor não falar no assunto de ele ser tão incrivelmente bonito que lhe deixou deslumbrada.

— É. — Diablo disse. — Não diga isso. Capaz dele ainda vir aqui e me esganar. Aliás, eu também me sinto uma incompetente por isso.

— Não é sua culpa, Diab... — ela parou de falar no momento que Diablo estreitou os olhos para ela. — Ah, tudo bem, não vou tentar amenizar a situação. É sua culpa, sim. Mas acredite: você ainda vai pegar esse desgraçado.

Legna se levantou da cadeira e a colocou no mesmo lugar onde estava antes.

— Eu vou indo. Um bom sono.

— Obrigada. — Diablo disse. Legna saiu do quarto, fechando a porta. Diablo suspirou e deixou que seu corpo caísse sobre a cama. Sentia-se exausta. Queria dormir, naquele momento, mais do que nunca.

Não se deu ao trabalho de tirar a roupa. Apenas ficou deitada, na cama. E em seguida, fechou os olhos. Depois de muito tempo sem dormir, ela entrou no mundo dos sonhos.

O pavoroso mundo dos sonhos.

Oito.

Achou estranho que estivesse acordada novamente. Ela acabara de dormir, não? Quando súcubos dormiam, elas não tinham sonhos — tinha noites de sono sem sonhos. Apenas um breu total. Mas achou completamente estranho ver-se deitada numa cama com colchas vermelhas e vestindo apenas uma fina camisola negra.

Ok, ela não estava acordada. Ela estava sonhando.

Sentou-se rapidamente na cama. Onde ela estava? Que diabos era aquilo? Ela não queria fazer sexo com Harlan. Aliás, na maioria das vezes, era Harlan quem se encontrava na cama, não ela. Ela sempre vinha depois.

Então, o que era aquilo?

— Vejo que você acordou.

Ela olhou rapidamente para o lado esquerdo, da onde viera à voz. Era grave e suave como veludo; a mesma voz daquele demônio que ela encontrara mais cedo. Ele estava sentado de uma maneira relaxada em uma poltrona avermelhada, com uma maçã na mão e um sorriso malicioso nos lábios. Ele trajava apenas uma cueca negra, junto com um grosso roupão igualmente negro. Diablo evitou olhar em seus olhos.

— Não se preocupe. — ele disse. — Pode olhar em meus olhos. Estamos em um sonho. Não posso usar meus poderes aqui, e nem você.

Diablo olhou em seus olhos.

— É, acho que sim. — ela disse friamente. — O que você quer?

— Conversar. — ele jogou a maçã para um canto da sala. — Fazer algumas perguntas. E quem sabe... — ele baixou os olhos azuis até o corpo de Diablo. A fina camisola negra era quase que transparente. — ...Fazer algumas coisas mais. Soube que súcubos são boas de cama. Suas irmãs que o digam.

Diablo estreitou os olhos para ele, mas não lhe respondeu. Puxou a coberta vermelha para cobrir seu corpo; não se sentia a vontade com aquele demônio comendo-lhe com os olhos. Era totalmente desconfortável.

— Fiquei sabendo que você está atrás de mim. — ele disse.

— Por que matou aquelas garotas? — ela perguntou, ignorando o que ele disse. — Eram adolescentes. Boas garotas, sem dúvidas. Tinham tudo para ter a vida perfeita que sempre quiseram, ou estavam quase lá. Por que você as matou?

Ele esboçou um sorriso.

— Diversão? — ele deu de ombros. — Eu gosto de virgens. De garotas santas. O fruto proibido. As apertadas. Gosto daquilo tudo. A sensação de estar dentro dela... De sentir seu hímen intocado romper-se com a minha penetração. E os gritos... Ah! Os gritos...

— Cale a boca! — Diablo gritou. Seus olhos castanho-escuros estavam marejados. — Pare! — gritou novamente. — Você é um monstro. Um monstro! — as lágrimas grossas correram pelo rosto dela. Como ela queria matá-lo naquele exato momento. Queria ver seu sangue jorrar na parede e ver seus olhos perderem o foco. E ver seu corpo, tão belo e forte, queimar na mais incandescente e brilhante chama.

Porém, por um momento, aquilo parecia errado. Parecia errado ver o sangue dele na parede. Mais errado ainda era ver seus olhos,

tão brilhantes e azuis, perderem o foco. E seu corpo... Ah, seu corpo. Vê-lo ficar em chamas era algo realmente perturbador.

Diablo piscou, sentindo a última lágrima grossa escorrer pelo seu rosto. Não. Ela não estava pensando naquilo. Embora aquilo fosse apenas um sonho e nenhum dos dois pudessem usar seus poderes, ele devia estar confundindo a mente dela de alguma maneira. Ela queria destruí-lo, não tê-lo!

Os pensamentos começaram a correr por sua mente, e ela mal notara a aproximação do demônio. Ele se sentara na beirada da cama, próximo dela. E antes que ela pudesse fazer qualquer coisa, ele passou o dedo sobre seu rosto. Arrastou-o suavemente para o lado, limpando uma lágrima. Ela levantou os olhos e encontrou os azuis dele.

Sua mão bateu com força na dele. Ela o empurrou, depositando toda sua força naquele ato. Ele caiu da cama, batendo com o corpo na parede, que não estava muito longe. Seu corpo escorregou até o chão e ela o viu fazer uma careta. Rapidamente, ela foi até ele, que tentava se levantar. Deu uma joelhada no seu rosto, o que fez com que ele batesse com a cabeça novamente na parede.

Diablo agachou-se na sua frente, colocando os pés entre as suas coxas. Com a mão esquerda, ela puxou a cabeça dele pelos cabelos e com a direita, desferiu um tapa no rosto dele, que até aquele momento, estava quase que impecável.

— Eu daria tudo, tudo, para que isso não fosse um sonho. — ela disse com a voz amarga. — Porque então, eu poderia lhe destruir. Aqui, e agora. Mas, pensando melhor. Não irei fazê-lo; irei lhe torturar. Farei com que você passe toda aquela dor que causou àquelas garotas. Você irá me implorar pela morte, mas não lhe darei

ouvidos; tornarei as coisas muito piores. — ela desferiu desta vez, um soco no rosto dele, ainda segurando-o com força pelos cabelos. Ela viu um filete negro de sangue escorrer pelo nariz dele. — Espere este sonho acabar; e tornarei sua existência num inferno. Você se arrependerá de ter migrado para a Terra. Pedirá perdão por todas aquelas garotas a quem você deflorou e matou.

O demônio olhou para Diablo, com certa diversão. Ele gargalhou alto e em seguida, disse:

— Você não vai me pegar nunca, Lilim. Nunca. — ele disse, com um sorriso malicioso. — Pois eu sou seu pior pesadelo.

Ela esboçou um sorriso.

— Está enganado, meu caro Alec — ela segurou os cabelos dele com mais força ainda e pressionou sua cabeça contra a parede. — Guarde minhas palavras. — ela sibilou. Aproximou seu rosto mais do dele, e disse em seu ouvido: — Você não é meu pior pesadelo; eu que sou o seu.

Diablo abriu os olhos e arfou.

Seus dedos estavam firmes, segurando com força o lençol branco e surrado da sua cama. Depositara tanta força que chegava a acreditar que era com a mesma força que segurava os cabelos do demônio. Suas mãos tremiam absurdamente, da mais pura raiva. A maneira como ele falara daquelas garotas deixou Diablo mais disposta a matá-lo; não, torturá-lo. Nunca o deixaria morrer. O que ele ganharia com a morte, se não o descanso eterno? Ele sofreria? De fato, não. Então o torturaria. O faria gritar de dor, sentir na pele

tudo o que causara àquelas inocentes adolescentes. O fazia implorar pela morte. Gemer pela morte. Gritar como uma garotinha pela morte — e, se ele sucumbisse à dor e se entregasse à morte, ela fazia o inferno para que ele sofresse mais e mais. O fazia abrir os olhos novamente.

Fazia com que ele se arrependesse. De tudo.

Ela levantou da cama, determinada e confiante. Eloistier que a perdoasse, mas ela não o mataria, de jeito nenhum.

Porém, acreditava que ele fosse adorar a ideia de torturá-lo. Era uma ideia brilhante, genial. E agora, precisava apenas colocá-la em prática.

— Meu querido Alec — ela cantarolou enquanto colocava vários de seus apetrechos nos bolsos do capote. — Onde você está agora? — um sorriso maldoso se formou em seus lábios.

E ela saiu. Porta a fora, atrás do demônio.

Nove.

Era noite. Diablo acabara de atravessar a rua, e sentiu o vento gélido vir ao seu encontro. A rua pela qual andava não era movimentada, o que era ótimo. Os cheiros dos humanos não se misturavam com o de enxofre que ela procurava. Aquilo facilitaria o trabalho para encontrar o demônio, cujo nome que ele tinha dado era Alec — e Diablo sabia muito bem que esse não era o nome dele. Ele tinha outro, o seu verdadeiro. E ela tinha certeza absoluta disso. Agora, o único problema, seria saber o seu nome verdadeiro.

A rua estava silenciosa — muito silenciosa. Algo que deixou Diablo intrigada. Ela olhou para os prédios ao seu redor, e viu que havia poucas janelas com luzes acesas. Também era digno; estava perto da meia-noite. A maioria das pessoas iria dormir naquele momento.

Ela precisou dar apenas dois passos para ser atingida em cheio pelo cheiro de enxofre. Ela inalou-o e sentiu seu pulmão se esquentar. Ela virou para o lado, vendo de onde vinha o cheiro. Não se tratava de Alec. E sim de outra pessoa. Um demônio.

— Olá Lilim. — ele disse, abrindo um sorriso gentil. Suas roupas eram negras e surradas. Apesar disso, ele era indiscutivelmente belo. Cabelos negros, curtos e bagunçados e olhos castanhos levemente alaranjados. O rosto era angular, com traços fortes.

— Cheitan. — ela grunhiu.

— Acho que já deve saber por que estou aqui. — ele disse calmamente. — Não é?

— Imagino. — ela disse. — Lúcifer?

Ele assentiu com a sua cabeça.

— Sua vida vai ficar turbulenta, minha querida súcubo. Isso é, se você viver depois desse nosso encontro e eu não matá-la aqui mesmo. — ele deu dois passos na sua direção. Diablo ficou estática. — Lúcifer está oferecendo quinhentos corpos totalmente suculentos em troca de sua cabeça. Sabia disso?

Corpos. Humanos. Lúcifer procuraria quinhentos humanos e daria para os demônios em troca da cabeça de Diablo. Ela não valia aquilo tudo. E ela não poderia ser pega. Caso contrário, quinhentas vidas inocentes seriam mortas por causa da incompetência dela. Corpos. Eram apenas corpos que os demônios queriam. Corpos para se alimentar, abusar, e almas para poder roubar-lhes o poder espiritual e se tornarem mais fortes. Era apenas isso o que eles queriam.

— Não. — ela respondeu firmemente. — E, imagino que você veio aqui atrás de mim.

— Não, na verdade vim tomar um sorvete. — ele disse sarcasticamente.

— Você não vai conseguir me pegar.

— Na verdade não, Lilim. Eu vou conseguir. Você é que não vai conseguir me pegar.

Ele deu uma piscadela para ela e desapareceu da sua frente, com uma pequena explosão de fumaça.

Cheitan era um demônio nascido da fumaça; ele podia se transportar para qualquer local onde tinha fumaça, sendo ela por mínima que fosse. Podia também soltar fumaça, criar fumaça, graças aos seus poderes sobrenaturais.

Diablo olhou para os lados, procurando-o. Não havia motivo para ele ter ido embora tão cedo; ele provavelmente queria pegá-la para

ter seus quinhentos corpos assim que entregasse sua cabeça à Lúcifer. Então, porque ele sumira?

Logo ela sentiu o braço passar em torno de seu pescoço, puxando-a para trás, com força. O braço apertou ainda mais seu pescoço, e ela sentiu sua cabeça encostar-se ao peito de alguém. Cheitan, obviamente.

— Peguei você — ele murmurou.

Diablo reprimiu um sorriso e limitou-se a responder. Pensou o quanto ele era burro. Ela levou seu braço dobrado um pouco para frente e jogou-o com tudo para trás, acertando com o cotovelo em cheio no abdômen de Cheitan. O mesmo tossiu e a largou. Ela rapidamente saiu de perto dele e buscou sua arma no seu capote.

Empunhou a arma recheada das balas com a mais pura água benta. Apontou para ele e disse em tom ameaçador:

— Não se aproxime.

Ele sorriu.

— Você acha que uma arminha de nada vai me machucar?

Ela, dessa vez, sorriu.

— Acho.

Ela atirou. Porém, a bala atravessou o corpo de Cheitan como se atravessasse apenas um pouco de fumaça. O peito dele acinzentou-se e abriu-se para a bala passar e depois se fechou. Seus olhos castanhos se arregalaram; ela não pôde conter o espanto.

— Droga! — murmurou.

Ela viu um sorriso malicioso se formar no rosto de Cheitan. Ele não poderia morrer.

Ao menos se fosse pego de surpresa, o que provavelmente seria muito, muito difícil. Ele estava totalmente preparado para todas as

balas que Diablo tinha. Então, como ela o mataria?

— Eu não posso morrer — ele disse e Diablo fez uma força desumana para não revirar os olhos. — Acho que você percebeu isso.

— É claro que percebi — ela grunhiu.

— Mas você pode. — seu lábio repuxou-se para cima, num sorriso maléfico. — Ah, minha cara, você está realmente fodida.

Ele desapareceu novamente, numa pequena e controlada explosão de fumaça. Diablo olhou para os lados e correu, ainda com a arma nas mãos. Ela não poderia ser pega, pois seria muito capaz de ser morta daquela vez.

Ela não estava acostumada a matar demônios feitos de fumaça — aliás, ela nunca tinha enfrentado ao menos um. Sabia da existência de Cheitan, mas não sabia como matá-lo. Como se sentia inútil naquele momento. Inútil, inútil, inútil. Uma incompetente. Até Eloistier saberia como destruir aquele demônio.

Ouviu uma pequena explosão de fumaça logo atrás dela. Ele estava lá, mas não se atreveu a olhar para trás. Continuou correndo. Virou uma esquina e pode ver a pequena movimentação a alguns metros a frente. Deu meia volta e correu para a outra rua. No momento que atravessou o meio fio da outra rua, a onda de fumaça lhe atingiu como se fosse uma parede de tijolos e ela caiu no chão, rolando. Sentiu ardência no lado esquerdo do seu rosto e pode sentir o próprio cheiro do sangue negro que começava a brotar no local ralado.

— Inferno. — ela reclamou em voz baixa.

— É. — ouviu Cheitan dizer. — É para onde você vai voltar.

Um sorriso malicioso brotou nos lábios de Diablo.

— Não. — ela disse. — É para onde você vai voltar.

Ela se levantou rapidamente e acertou seu rosto. Ou pelo menos tentou. Seu braço atravessou o rosto dele, como se atravessasse apenas... Fumaça. Droga!, ela pensou, ele está fazendo isso de novo!

Ela não conseguiria matá-lo. De maneira alguma. Não conseguia pensar em como fazê-lo.

Assim que tirou seu braço do meio do rosto dele, recuou vários passos. O demônio rapidamente se aproximou dela e atingiu sua barriga com um soco muito forte. Ela caiu no chão sentada, com as mãos no abdômen. Porra, como dói!, ela pensou, com o pensamento quase berrando em sua cabeça. Ela estava puta da vida, de verdade. Ela respirou fundo, aspirando o ar e tentando manter a calma. Porém, sentiu um cheiro que conhecia bem. Um cheiro que lembrava água, sol e céu azul. Ela reprimiu um sorriso, sabendo o que aquilo significava. Levantou os olhos castanhos para o rosto do demônio e disse, com a voz fraca:

— Tudo bem. Faça. — disse.

Ele arqueou uma sobrancelha, sem dizer nada.

— Mate-me. Vamos lá, você pode fazer isso, não pode? Você não quer os seus quinhentos corpos inocentes que o filho de uma puta do meu pai vai arranjar para você? Então vamos lá. — ela disse. — Mate-me de uma vez. Eu não aguento mais lutar. Estou exausta.

Cheitan deu um riso abafado.

— Desistindo com tanta facilidade, princesa Lilim? — ele disse com deboche. — Imaginei que fosse mais difícil, sabia disso? Todos falavam que você tocava o terror por aqui, mas vejo que não passa de uma dem...

O sangue negro jorrou e respingou no rosto de Diablo. Ela fechou os olhos rapidamente e sentiu a gosma negra em seu rosto, escorrendo o que vinha em excesso. O abdômen de Cheitan literalmente explodira. Ele fora pego de surpresa. Ele arregalou os olhos castanho-alaranjados para Diablo e sua boca se abriu, formando um "o" perfeito. Suas mãos partiram para o abdômen, onde uma lança branca com manchas negras o atravessara. Ele fechou os olhos, perdendo a consciência e tombou para o lado, caindo no asfalto. A gosma negra começou a empoçar.

Diablo abriu os olhos, sentindo o sangue de Cheitan em suas pálpebras e grudando na parte superior. Ela fez uma careta e olhou para o homem à sua frente, segurando a lança branca. Ele usava roupas brancas que há minutos atrás estavam impecavelmente limpas, mas agora estava com manchas negras do sangue do demônio. O homem tinha cerca de trinta anos, pele branca, de cabelos castanhos e olhos azuis claros brilhantes. Sua barba estava por fazer, porém um tanto curta. Ele tinha um sorriso angelical e Diablo pôde ver as longas e grandes asas brancas em suas costas. Tatuagens que literalmente brilhavam no escuro de tão brancas e brilhantes estavam espalhadas pelos seus dois braços inteiros e um pouco do tronco.

— Therual. — ela disse e se levantou, com a mão no abdômen.

— Lilim.

Ela estreitou os olhos para ele. Ele trouxe a lança para perto de si e deu um sorriso gentil.

— Não posso evitar, minha cara — ele disse. —, afinal esse é seu nome verdadeiro.

— Dane-se. — ela reclamou. Colocou as mãos nos bolsos do capote, procurando algo. Ao ver que não havia encontrado, olhou para o arcanjo e perguntou: — Tem um isqueiro?

Ele riu.

— Desculpe, mas eu não fumo. — ele falou calmamente.

Ela revirou os olhos. Ele botou a mão livre no bolso e quando tirou, jogou para ela um quadrado de metal branco com ouro, um tipo de isqueiro. Diabolo arqueou uma sobrancelha ao pegar o objeto.

— Uau. Isqueiro celestial. Que demais. — ela disse.

Ele deu um meio sorriso. Ela acendeu o isqueiro e uma grande chama saiu dele. Ela não se assustou. Olhou para o chão e pegou um pedaço de jornal que se encontrava na calçada. Ateou fogo e jogou no corpo caído de Cheitan que incendiou liberando a fumaça mais negra do que qualquer outra. O odor que saía dela era uma mistura de enxofre com algo indescritível e insuportável.

Diabolo jogou o isqueiro branco novamente para Therual.

— Valeu.

— É “obrigada, Therual querido do meu coração. Aliás, agradeço também por salvar a minha vida, serei eternamente grata”. — ele disse com a voz levemente afinada.

Diabolo jogou a cabeça para trás e riu.

— Ah claro. Vai nessa, Therual. — ela disse com sarcasmo. — Mas estou mesmo grata por salvar minha vida.

— Acho que estou aqui para isso.

— Não tenha dúvidas. — ela deu de ombros.

Eles ficaram em silêncio e olharam para o local onde segundos atrás estava um corpo. No local, havia agora apenas um monte de pó preto misturado à gosma negra no asfalto.

— É incrível como queimam rápido — Diablo disse. — mas demoram um inferno para morrer.

— Sim. — Therual disse com a voz grave. — Escute, Lilim. Eu vim aqui para lhe avisar algo...

— Meu pai quer minha cabeça. — ela disse, interrompendo-o. Olhou no fundo de seus olhos azuis claros e ele os fechou delicadamente e assentiu com a cabeça.

— Acho que o demônio já lhe avisou sobre isso.

— Sim. Não se dê ao trabalho.

— Não se deixe ser pega, Lilim.

— Não deixarei.

— Estou falando sério.

Ela levantou as mãos para o céu.

— Mas que diabos?! Por que ninguém me leva a sério?! — ela reclamou. — Eu não deixarei que ninguém me pegue, que raios, Therual!

— Eu acredito em você — ele disse de maneira hesitante. —, mas não o suficiente para confiar totalmente em você. Quero dizer, você é filha de Lilith e Lúcifer. Tem o sangue dessas criaturas correndo por suas veias, isso não lhe torna uma pessoa completamente confiável.

— Ah, Therual. — ela disse com a voz cansada, porém doce. — Faz um favor?

— O quê? — ele perguntou com as sobrancelhas pouco erguidas.

— Vá à merda. — ela disse secamente.

Ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Soube que encontrou o demônio responsável por matar todas aquelas adolescentes. — Therual disse. Ele colocou a lança atrás das

costas, prendendo-a com algo que Diabolo não pôde ver. Ele cruzou os braços, com respingos da gosma negra de Cheitan.

— Sim.

— Mas também soube que você o achou... como Legna disse? Ah, deslumbrante. Muito deslumbrante. Irresistível. Um Edward Cullen.

— Therual disse com sarcasmo. Diabolo não pode conter uma risada.

— Mande Legna para o inferno por mim, por favor. — ela disse. — O que vocês ficam fazendo no meio das nuvens, hein? Falando da vida alheia como duas velhas fofoqueiras?

— O que eu quero dizer, Lilim — Therual disse ignorando-a completamente. — é que você não pode, de maneira alguma, se envolver com ele. Tanto física quanto emocionalmente. A única coisa que você tem que fazer é destruí-lo e pronto.

— Eu não vou destruí-lo. — Diabolo se pegou dizendo. Logo se arrependeu ao ver o semblante de confusão de Therual. — Vou torturá-lo — ela se corrigiu. —, afinal, é o que ele merece.

— Não é o que Eloistier quer. — Therual disse.

— Oh, por favor. — ela revirou os olhos. — O que ele vai ter com a morte? O descanso eterno. A paz. Só. E com a tortura? Dor. Muita dor. E o que eu quero é fazê-lo sofrer mais do que ele fez aquelas adolescentes sofreram, Therual. É isso que estou querendo dizer.

— Essa não é sua tarefa, Lilim. — Therual disse com um tom sério. — Você não pode fugir à sua tarefa. Sua tarefa é destruí-lo e pronto. Você está passando isso totalmente para o lado emocional.

— Me perdoe se eu tenho pelo menos um pingo de consideração com as garotas que ele estuprou! — ela quase gritou, mas se conteve ao ver que um grupo de pessoas se aproximava. Por sorte, elas não podiam ver as asas de Therual, pois eram visíveis apenas a

anjos, demônios e médiuns. — Eu quero vê-lo sofrer, Therual. Quero que ele se arrependa de ter vindo a esse mundo, de ter estuprado todas elas. Quero que ele grite como uma garotinha por perdão!

Therual se aproximou dela, quase colando seu corpo ao dela. Seus olhos azuis há pouco tempo tão calmos e gentis agora berravam fúria.

— Lilim, você está passando isso para o lado emocional! — ele disse com a voz grossa e recheada de fúria. — Sua tarefa é destruí-lo. Eu tenho consideração com as garotas que ele matou, por isso quero que você o mate! — ele sibilou ao ver que um grupo de pessoas se aproximava deles cada vez mais. — Sua tarefa é essa, apenas essa. Se você fugir a ela, juro que não vai ser apenas Lúcifer e milhões de demônios lhe caçando; eu entrarei na lista. — ele olhou em seus olhos castanhos. — E, agindo dessa maneira, sabe com quem você está parecendo? Com uma droga de um demônio vingativo!

Diablo quis berrar umas poucas e boas para ele, mas estava com tanta raiva que não conseguia nem falar. Apertou mais e mais seu punho, segurando-se para não acertar em cheio aquele rostinho perfeito de celebridade que ele tinha.

— Cale... essa...boca. — ela grunhiu compassadamente, arreganhando os dentes aos poucos. — Ou senão eu juro que lhe arrebento inteiro, Therual.

— Faça isso e você volta para o lugar de onde veio — disse, estreitando os olhos para ela. — E creio que você será muito bem vinda por lá. — disse com sarcasmo.

Ela quase estourou seu próprio punho de tanto apertá-lo. Ela não poderia bater em Therual, mas a vontade era gigante. Se ela o

fizesse, ele a mandaria para o inferno. E ela estaria, sem dúvidas, condenada.

— Você vai seguir as regras e cumprir sua tarefa da maneira como eu lhe falei — Therual disse com leve ar de superioridade. — Estamos entendidos?

Ela apertou os lábios.

— Sim. — disse com a voz rouca. Os palavrões que queria soltar a ele estavam na ponta de sua língua.

— Ótimo. — ele disse. — Tenho trabalho a fazer. Pegue o demônio e o mate. Nada de torturá-lo. — ele olhou discretamente para trás, onde o grupo de pessoas havia parado na esquina, conversando alto e rindo. Bêbados. — Até logo, Lilim.

Ele desapareceu da sua frente em um piscar de olhos. Ela quis gritar como uma criança birrenta naquele momento. Odiava ser mandada. Odiava de verdade. Ainda mais mandada por Therual, que era uma droga de um arcanjo metido à besta, que liderava todos os grupos de caçadores de demônios da Inglaterra.

Ela bufou e deu meia volta. Continuará andando, até encontrar qualquer outro demônio e dilacerá-lo. O sangue negro fervia em suas veias da mais pura raiva, e ela podia sentir a força que vinha com ela. Sentia-se invencível. A raiva levava a tudo quando se era um demônio; e dava força, energia, poder. Ela odiava ficar com raiva, mas em alguns momentos, ela simplesmente amava.

Ela parou ao ver a silhueta de uma mulher parada na próxima esquina. Suas vestes eram negras e seus cabelos castanhos iguais aos dela caíam como uma cascata ondulada em suas costas. Sua pele era tão pálida que cintilava com a luz da lua que batia exatamente em sua pele. Seu coração falhou uma batida naquele

momento e voltou a bater rapidamente. Era surpresa, confusão, medo e indignação misturadas. Em seguida, o cheiro de enxofre atingiu suas narinas.

A mulher se virou em sua direção, como se sentisse sua presença. Ela estava a poucos metros longe dela, e pode ver o rosto da mulher. Lindo. Perfeito. A personificação da beleza, a perfeição em pessoa. Tinha olhos castanhos iguais aos do cabelo, um sorriso gentil e sobrancelhas arqueadas e bem alinhadas. Não se via uma imperfeição em seu rosto, assim como em seu corpo. Diabolo reprimiu uma careta. O sorriso da mulher se aumentou, e ela disse com a voz doce:

— Oi filha.

Dez.

Diablo recuou um passo ao ver que a mulher se aproximara.

Ela sabia bem quem era aquela mulher — ou melhor, aquele demônio. A mulher tinha feições muito próximas às suas; aos olhos dos humanos, elas poderiam ser irmãs. Não que elas não tivessem um parentesco, pelo contrário. Elas tinham. Mas não eram irmãs. Eram mãe e filha.

— Como você cresceu. — a mulher comentou com a voz levemente amorosa.

— Eu não mudei nada. — Diablo retrucou rispidamente.

A mulher deu um sorriso gentil para ela, exibindo um pouco dos dentes brancos imaculados.

— Não exatamente... — ela disse calmamente. — É incrível como os filhos sempre discordam das mães. Ah, querida Lilim, você mudou tanto...

— Não está se referindo à minha aparência — Diablo disse com o canto direito da boca repuxado para cima, num sorriso debochado. — e sim aos meus atos. Que novidade.

— Sua percepção é ótima. — a mulher disse, aproximando-se de Diablo com mais um passo. — Não tanto quanto deveria ser, se continuasse a morar conosco no castelo. Mas creio que dessa maneira está bom.

— Vá direto ao assunto, Lilith. — Diablo disse rapidamente. — O que você quer?

O sorriso da mulher desapareceu.

— Seu pai aplicou a competição por sua cabeça a todos. — a mulher disse. — Até mesmo para os seus familiares. Oh meu bem, acredite em mim, me dói muito ter de matar você, pois você sempre foi meu anjinho. Mas quinhentos corpos? Oh, quinhentos corpos é muita coisa! Acho até generosidade o suficiente da parte do seu pai. E vamos combinar: generosidade da parte dele é quase que um milagre. — Ela levou a mão até os lábios e um risinho fino escapou pelos mesmos.

— Quer dizer que você entrou na caçada também? — Diablo estreitou os olhos na direção da mãe. — Como se já não bastasse as crianças e bebês que você mata e atormenta! Agora quer mais quinhentos corpos de pessoas inocentes?

— Quem disse que são inocentes? — outro riso fino escapou dos lábios dela. Lilith era delicada, sutil. Algo que ninguém esperava dela, logo dela, a súcubo que matava crianças e bebês para se alimentar, e atormentava mulheres em sua gestação. — Lúcifer sabe ser bem generoso, minha querida. Ele vai pegar os mais pecadores. Caso contrário, os anjos cairão em cima dele. Creio que ele vá fazer a limpa no presídio mais próximo — a mulher disse com indiferença. — Ou em qualquer outro lugar com um grande número de assassinos ou estupradores.

— Como aquele demônio de Malphas?

As duas sobrancelhas castanhas de Lilith se arquearam, fingindo confusão.

— Não sei do que você está falando.

Diablo segurou-se para não avançar no pescoço da própria mãe.

— Ah, não sabe? — ela disse com ironia. — Aquele demônio de Malphas que fugiu do Inferno, migrando para a Terra para estuprar e

matar adolescentes que não tem nada a ver com os problemas infernais. Eu não fiz questão de pesquisar essa parte, mas creio que elas eram totalmente comprometidas com Deus, sabia disso? Evangélicas, católicas, ou até aspirantes a freiras! — Diabolo soltou tudo com fúria. — E ele não vai parar. O que acha de falar para o papai para ele pegar alguns de seus demônios para oferecer poder espiritual?

Os olhos castanhos de Lilith se estreitaram na direção dela. O canto esquerdo dos seus lábios levemente pintados de vermelho se repuxou para cima, demonstrando a raiva que sentia naquele momento. Diabolo viu as longas e grandes asas negras de morcego se abrir nas costas de Lilith. Os olhos dela se avermelharam e chifres negros saíram de sua cabeça. Sua pele ficou mais pálida e o branco de seus olhos começou a ficar negro.

Ok, Diabolo pensou, isso significa “fim de conversa” e um “você está de castigo”.

— Corra Lilim — Lilith disse, com a voz deformada e com um ar demoníaco; era o tipo de voz que arrepiava até o último pelo do corpo. — Mas corra muito. Por que quando eu lhe alcançar...

Diabolo não esperou que Lilith terminasse de falar. Que fosse para o inferno sua honra, mas ficar e apanhar da própria mãe era o fim. Ainda ser morta! Que mãe desnaturada, ela pensou. Usou seus poderes de demônio e em menos de um minuto, já tinha atravessado mais de quinze ruas após aquela.

Não se importava com que os humanos a vissem. Ela se faria de covarde por uns minutos, correria e assim, arrastaria a própria mãe para um local afastado onde ela não poderia machucar ninguém. Assim, ela daria um fim ou apenas espantaria Lilith.

Atreveu-se a olhar para trás. Por sorte, não vira ninguém. Não na estrada. Olhou para cima e viu, lá no alto, a mulher pálida com as vestes negras e rasgadas, com longas asas de morcego. Os cabelos, naquele momento de um louro tão claro que era quase branco, esvoaçavam-se com o vento. Ela não conseguia enxergar direito às feições da mulher, mas poderia dizer que a coisa estava realmente feia. Pois quando Lilith completava sua transformação, ela não se transformava naquela coisa simplesmente linda e irresistível que todos pensavam. Ela se transformava num verdadeiro demônio feminino com asas.

Diablo não demorou a parar próximo a um galpão abandonado, nos limites da cidade. Chutou a porta de madeira com força, quebrando parte dela e passando pela parte quebrada. O galpão estava abandonado fazia, obviamente, alguns longos anos. As janelas eram extensas e em sua maioria, estavam quebradas. Por algumas, a luz da lua passava e batia no chão de madeira gasta.

Diablo atravessou o galpão, ouvindo seus pés baterem contra a madeira e causando um ruído alto. Algumas partes do piso de madeira se rachavam, quebravam, ou qualquer outra coisa, mas não deixava de fazer barulho. Ela enfiou a mão no bolso do capote e pegou a pistola. Carregou-a com as balas com água benta, e logo sacou palitos de fósforo. Seu isqueiro estava detonado, então teria de usar aquilo mesmo.

Estranhamente, suas mãos tremiam. É claro que ela estava com medo de Lilith, afinal, sua mãe era poderosa. Uma das mais poderosas demônios fêmea. Era digna de ser esposa de Lúcifer, embora os outros acreditassem que ela merecia algo muito melhor.

As portas de madeira se quebraram totalmente com a entrada da mulher. Ela estava centímetros maiores do que antes. Sua boca estava alargada e seus dentes longos e afiados. Um sorriso maléfico tomava conta de seu rosto. Seus olhos estavam de um vermelho puro, e o branco de seus olhos estava virado em um breu total. Seus cabelos estavam mais claros do que Diabolo havia visto antes e os chifres negros contrastava com seus cabelos louros claros.

Diabolo sacou a arma rapidamente e apontou para ela. Uma gargalhada distorcida saiu de sua boca e ela bateu com as asas rapidamente. Diabolo piscou e a mulher saiu de sua vista. Ela arregalou os olhos e olhou para todos os lados. Mas, como sempre, não para cima.

Por sorte, Diabolo jogou-se no chão, rolando para o lado. Se não tivesse feito isso, Lilith iria pular bem em cima dela e cravar aquelas unhas de oito centímetros na sua pele. Lilith cravou as unhas na madeira e as tirou rapidamente, quase que tirando o piso ao redor inteiro conforme a força usara. Diabolo segurou a arma com força e apontou para a demônio. Mas no momento que atirou, ela desviou e a bala atingiu a parede.

— Droga. — Diabolo resmungou baixo.

Diabolo se levantou rapidamente e correu para o lado do galpão. Podia sentir Lilith voando logo atrás dela. Sem olhar para trás, simplesmente jogou a mão para trás e atirou. Torceu para que ouvisse o grito agudo de sua mãe, mas apenas pode ouvir a bala atingir as paredes do galpão e uma janela.

Lilith aproximou-se de maneira perigosa de Diabolo; suas unhas longas pegaram na sua perna fazendo com que Diabolo tropeçasse e caísse no chão. Sua arma voou quase dois metros longe dela. Lilith

parou em cima da filha, com uma das mãos em seu pescoço, segurando-a com força.

Diablo quase engasgou. Em seguida, tateou com a mão direita, a procura de algo que poderia atacar em Lilith. Seus dedos tocaram num pedaço de madeira, e logo a ideia surgiu.

— Esse é o seu fim. — Lilith sibilou. — Até a próxima vida, Lilim.

Um sorriso malicioso apareceu no rosto de Diablo.

— Não — ela disse com a voz fraca e rouca devido as garras de Lilith em seu pescoço. —, esse é o seu fim.

Ela arrancou rapidamente a madeira e levou até o peito de Lilith. A madeira era grossa, porém fraca. Parte dela atravessou o peito de Lilith e a outra parte caiu no chão. Lilith soltou um grito agudo e jogou-se para trás, com as mãos no local atingido. Assim, ela acabou soltando Diablo, que aproveitou o momento e correu até a arma. Sacou e apontou para Lilith, que tirava a madeira presa em seu peito.

Ela se aproximou, mas em uma distância segura. Apontou a arma para o meio da testa de Lilith. A demônio, ao perceber aquilo, levantou os olhos vermelhos para a filha.

— Lilim, filha, tenha piedade. — ela disse com a voz fraca. — Eu sou sua mãe.

Um sorriso debochado brotou nos lábios de Diablo e ela disse com doçura:

— Foda-se.

Ela puxou o gatilho e atirou. A bala atingiu com tudo o meio da testa de Lilith e a cabeça se explodiu no mais negro sangue. O sangue jorrou para todos os lados. Diablo colocou o braço na frente dos olhos para se proteger. Ao tirar, ela olhou para o corpo no chão.

Lilith voltara a ser como antes em questão de segundos; a pele branca, os cabelos castanhos e os olhos igualmente castanhos. Porém, suas vestes continuavam negras e rasgadas e agora, um furo estava instalado no meio de sua testa, com o sangue negro vazando pelo rosto e caindo no piso de madeira.

Diablo se aproximou da mulher e agachou-se ao lado dela, colocando a arma no bolso do capote. Passou os dedos suavemente entre os olhos da mulher, fechando-os.

— Descanse em paz no inferno, mamãe. — ela disse com indiferença. Levantou-se e pegou um pequeno vidrinho no bolso do capote. Abriu-o e jogou o líquido no corpo da demônio. Era água benta. Em seguida, pegou a caixa de fósforo e riscou um palito. Imediatamente incendiou o corpo que se tornou em fumaça negra cheirando a enxofre e tomando conta de todo o recinto.

Diablo saiu rapidamente do galpão, ao ver que o fogo do fósforo começara a atingir o piso de madeira. Quando se afastou, ficando em uma distância segura do local, viu que o galpão todo começara a incendiar. A fumaça que saía era cinza misturada com a fumaça negra do corpo da súcubo. Ela deu uma última olhada para o galpão e, por fim, deu as costas e foi embora, voltando para a cidade.

Ela esperava, sinceramente, que o cheiro de enxofre não invadissem suas narinas tão cedo.

Onze.

Os jornais de Manchester estampavam a seguinte manchete:

Galpão abandonado nos limites da cidade é queimado. Mais informações na página 5.

Diablo quase riu ao ler alguns trechos. Ela não podia evitar; tinha de ler. “Não se sabe como começou o incêndio...”, “Não há sinais de queima na mata próxima...”. Ah, era melhor que eles nem imaginassem a causa do incêndio no local. Diablo não tinha intenções de queimar o local, apenas Lilith. Mas não pode evitar. O piso era de madeira, então, ou queimava ou queimava.

Mas um trecho que lhe chamou a atenção foi: “Foram encontrada cinzas negras em certo ponto do galpão. Nem os policiais ou os bombeiros sabiam o que era.”

Então Lilith fora queimada inteira, Diablo pensou, isso é bom.

Sua mãe não voltaria para lhe aterrorizar novamente. Ou, se voltasse — coisa que ela duvidava muito —, não seria tão cedo.

Diablo folheou o jornal, procurando por algo mais interessante. Talvez fosse difícil, porque fazia apenas algumas horas que o galpão fora queimado. Menos de um dia. Ela esperava encontrar algo sobre Alec, ou sobre outro sequestro. Assim ela poderia persegui-lo.

Bingo! Ela não demorou a encontrar. Estava na página sete.

Havia uma pequena reportagem com uma foto em preto e branco de uma garota de cabelos e olhos escuros. Sua pele, ao contrário, era tão branca que fazia contraste com os cabelos. Ela tinha um belo

rosto, mas em questão de corpo — que pouco aparecia, pois sua foto pegava desde o topo da cabeça até a metade do busto —, ela era um pouco gordinha. Diablo começou a ler a reportagem.

A adolescente Drew Hauke (16) desapareceu no final da tarde dessa última terça-feira, entre as ruas Newcastle Street e Bonsall Street. Sua mãe, Narisa Hauke, conta que ela iria até a casa de uma amiga pegar a matéria que ela tinha perdido devido à sua ausência na escola no dia anterior, por estar doente, e não voltou mais. Ligou desesperadamente para o celular da filha, mas não adiantou — a garotinha o tinha esquecido em casa. Ligou depois para a casa da amiga aonde ela iria, mas a amiga atendeu e disse que ela não tinha chegado ainda. "Eu liguei para a polícia", conta Narisa, "mas eles falaram que só iriam iniciar a busca após vinte e quatro horas do desaparecimento. Acho isso um absurdo! Ainda mais com esses sequestros acontecendo, essas garotas aparecendo mortas, isso me preocupa! E se minha filha for uma dessas?"

Diablo parou de ler ao ver que estava quase rasgando o jornal de tanto apertá-lo. A raiva invadia suas veias novamente. Alec tinha agido, e mais cedo do que ela imaginava. Geralmente, ao que ela percebera, ele agira em torno de quinze em quinze dias. Mas parece que ele estava fazendo aquilo — mudado a sua maneira de agir, começando pelos dias em que ele sequestrava adolescentes — apenas para deixá-la com mais raiva ainda, levando em conta que ele sabia que Diablo estava procurando por ele.

— Que desgraçado. — ela se pegou dizendo em voz alta. O homem que estava ao seu lado na banca olhou para o jornal e

concordou:

— É mesmo. — ele disse. — Ele merece morrer, esse cretino.

— Não — o dono da banca disse, enquanto contava as notas de cinco libras com um cigarro nos beiços. — ele merece ir para a prisão, isso sim. É lá que vai haver justiça. Os presidiários vão comer a bunda dele todos os dias. Ele vai gritar como uma mocinha, vai passar por tudo que ele fez essas garotas passarem. — sentenciou o dono da banca, enquanto guardava as notas de cinco libras e em seguida, ajeitou a sua blusa de gola alta que usava.

— Concordo com você. — Diablo disse, olhando para o homem. Ele abriu um sorriso em meio ao rosto gorducho. — Ele terá de ser estuprado por todos os presidiários. Ele não deve morrer. O que ele vai encontrar na morte senão a paz eterna? Ele irá sofrer? Irá se arrepender? Não. Nada disso. — ela disse sem conter a raiva em suas palavras. — Capaz do filho de uma puta renascer em outro corpo e fazer tudo de novo. Ou ser solto daqui a um ano.

— Uau — o rapaz ao seu lado disse. — Botei fé em você, gata.

Diablo colocou uma nota de cinco libras em cima da bancada e guardou o jornal dentro do capote. Estreitou os olhos para o rapaz:

— Gata — ela disse com desprezo —, só se eu fosse a porra da sua mãe.

E ao terminar de dizer, ela saiu, pisando forte.

Na banca, o rapaz olhou para ela, boquiaberto e depois olhou para o homem da banca:

— Caramba, cara! Eu só a elogiei! — ele disse indignado. — O que as mulheres querem, cara? Se não as elogiarmos, elas ficam chateadas, agora se elogiamos, elas também ficam chateadas! Ah, vá para o inferno.

Diablo fechou a porta do quarto do hotel em que estava hospedada. Moderou a força ao fechar, pois acreditava que se batesse com tudo a porta, as paredes do hotel acabariam se rachando e caindo aos pedaços de tão velhas e gastas que estavam.

Ela tirou o capote, deixando à mostra a fina blusa regata vermelha que usava — acreditava que fosse a única peça de roupa que não fosse preta que ela tinha — e um pouco da sua tatuagem nas costas. Ela jogou o capote sobre a poltrona no canto do quarto e com ele, caiu o jornal no chão, com a página da garota desaparecida aberta. Ela não pôde evitar um grunhido baixo.

Deixou que seu corpo caísse sobre a cama. Ela sentia-se exausta. Depois de Lilith, ela teve de encarar outros dois demônios, que pertenciam à Legião de Abigor; eram demônios simples, fáceis de matar. Uma bala de água benta na testa e ponto final. Aquilo usara muito de sua energia, e ela estava muito, muito cansada. Porém, ela teria de procurar o mais rápido possível por Alec. Então não gastaria seu tempo dormindo.

Ela, então, procurou por Harlan.

Ele passou os dedos nas costas nuas dela. Seus dedos traçaram o suave caminho da sua tatuagem. Sua pele era suave, delicada. Dava vontade de beijar e acariciar o tempo inteiro.

— Por que você não pode falar? — ele perguntou com a voz rouca. Os olhos castanhos de Diablo fixaram-se nos dele. Ela soltou um suspiro.

— Eu posso — ela disse com a voz rouca. — mas não quero.

Os olhos de Harlan se arregalaram ao ver que ela falara daquela maneira sem ele ter de insistir. Ela nunca havia falado abertamente com ele, a não ser que fosse por pensamentos. Ele sentiu o seu coração bater com mais força e mais velocidade no peito. Sua mão parou no meio da tatuagem dela.

— Por que você não quer? — ele perguntou depois de um tempo.

— Conversar com você significa que eu estou ficando próxima de você. Pode não ser dessa maneira para você, mas para mim é. — disse calmamente. — E uma coisa que eu não quero é ficar próxima de você.

— Por quê? — ele perguntou com leve indignação. — Já não estamos próximos o suficiente? Quero dizer, você vem aqui e nós ficamos transando igual a coelhos.

— Isso não é real. — ela disse. — Isso é apenas um sonho.

— Tem certeza que é apenas um sonho? — ele perguntou sentando-se na cama, não se importando se estava nu. Diablo fez questão de não olhar para as partes dele, ficou concentrada em seu rosto. — Uma noite você me arranhou, e eu acordei com mesmo arranhão, no mesmo lugar. Você sabia disso?

— Você deve ter se machucado em algum lugar e não tenha visto. Simples.

— Não. Geralmente quando eu me machuco, eu vejo na mesma hora, pois eu sinto. Mas foi diferente. Eu fui dormir ótimo e acordei com uma marca de três unhas nas minhas costas!

Diablo ficou sem resposta. Seus olhos ficaram fixos nos dele, e ela tentou procurar alguma desculpa para aquilo. Aquilo era apenas um sonho, não era? Não podia ser nada real.

— O que você é? — Harlan perguntou. — Hein? Normal você não deve ser. O que diabos você é?

Ela torceu os lábios, deixando-os em linha reta. Não poderia falar. Ele era um humano e não tinha nada a ver com tudo o que acontecia. Ela não poderia envolver ninguém nos seus problemas com demônios. Isso significa sem amizade com humanos que não fossem da Associação.

— Eu não posso lhe contar, Harlan.

As mãos dela foram rápidas para sua boca e os olhos dele se arregalaram. Mas não de surpresa, e sim, de indignação.

— Como? — ele perguntou. — Do que você me chamou?

Diablo não respondeu.

— Como você sabe meu nome? — ele levou as mãos até os ombros dela. — Como?! E por que eu não sei o seu?

— É questão de segurança — ela disse rapidamente. — Eu não sou quem você obviamente pensa que eu sou. Eu não sou normal, nisso você está certo. Mas eu não posso lhe contar quem eu sou. Não tenho o direito de lhe envolver em meus problemas. Não é seguro que você saiba meu nome.

— E é seguro que você saiba o meu?

— Isso é completamente diferente.

— Ah, vá se ferrar!

— Me perdoe — Diablo disse e respirou fundo. —, mas eu realmente não posso lhe contar.

— E se pudesse? Você me contaria?

Ela baixou o olhar, e não voltou a levantá-lo.

— Não.

Harlan acordou ofegante, como sempre. Seu coração batia a mil no peito, seu corpo estava suado e suas mãos tremiam um pouco. Ao ver que se encontrava no bagunçado quarto do dormitório da universidade onde estava ele respirou fundo.

Ela era real. Ela sabia seu nome.

Então, ela o conhecia? Ela já o vira alguma vez? Talvez. Porém, ele duvidava muito que ela o conhecia de verdade — ela não era uma garota que podia ser esquecida facilmente por um homem. Ela era linda. Perfeita. O sonho de qualquer homem. Se Harlan tivesse a conhecido pessoalmente, ele nunca que teria se esquecido dela.

Mas eis a questão: como ela conseguia entrar nos seus sonhos? Por que ela fazia aquilo tudo — os beijos, carinhos, e principalmente o sexo?

Harlan suspirou, relaxando. Precisava se acalmar e pensar mais sobre o assunto. Precisava pesquisar a respeito — pesquisar sobre aquela garota que invadia seus sonhos todas as noites.

Harlan tentou sair da cama, mas sentia seu corpo pesado. Um cansaço tomou conta do seu corpo. Seus olhos ficaram pesados, deixando complicada a tarefa de ficar acordado. Mas ele se esforçou. Saiu da cama, tirou o pijama e vestiu o primeiro jeans que viu. Colocou um moletom qualquer da universidade e saiu do dormitório.

Ele seguiu até a biblioteca mais próxima. Não fazia a mínima ideia de que horas fossem, mas a biblioteca do campus sempre ficava aberta até mais tarde — afinal, sempre havia vários alunos indo para lá trocando o conforto do seu dormitório até horas e horas da manhã estudando.

Não demorou a chegar à biblioteca. Ela estava com as portas abertas, e a atendente da madrugada estava lá, quase cochilando em cima do balcão. Era uma mulher de cinquenta e poucos anos, pouco gordinha e de cabelos louros platinados, com as sobrancelhas ralas e olhos acinzentados.

— Ora — ela resmungou. —, isso são horas de você vir à biblioteca?

— Pesquisa urgente — Harlan disse, encolhendo os ombros e dando um sorriso torto. A mulher olhou por alguns segundos para seu rosto e cedeu. Ela assentiu com a cabeça e gesticulou para a mesa larga com divisórias e computadores desligados.

Harlan foi até um computador afastado do balcão da bibliotecária e o ligou. Ele fazia um barulho que parecia um trator em funcionamento; era o tipo de computador pré-histórico, em que a tela ainda era aquele caixote branco com o Windows 94. A única coisa boa nele era a internet, que era imensamente rápida. Alguns universitários sugeriam que ela funcionava de acordo com o pensamento — pois antes mesmo de eles darem enter, o site em que queriam abrir já estava lá aberto em um piscar de olhos.

Ele clicou no ícone da internet, e rapidamente a página do buscador virtual abriu na tela. Ele digitou as palavras: mulher, sonhos, relações sexuais e clicou em buscar. Mais de mil resultados apareceram. Ele clicou no primeiro.

Um site com fundo negro abriu na mesma janela. Um efeito do site fazia com que a seta ficasse avermelhada e com estrelas saindo pelas pontas. O título da página estava escrito em vermelho sangue e em letras grandes: Demons.com. Harlan franziu o cenho e desceu a página.

Uma imagem de uma mulher de cabelos negros e olhos avermelhados estava colocada ao lado do texto. Ela estava sentada sob uma pedra, com asas de morcego, os cabelos caindo pelo corpo pálido e tampando os mamilos. Seu corpo era, sem dúvida, perfeito. Suas pernas eram longas e bonitas, e ela usava uma curta saia avermelhada. Seus lábios eram cheios e vermelhos e ela tinha um sorriso sedutor.

Ao lado da imagem, a palavra literalmente berrava: Súcubo.

Harlan leu o texto que vinha a seguir:

Os Súcubos são demônios de sexualidade feminina, sendo elas uma oposição de Íncubo. Tentam os homens durante os sonhos, tomando a forma ou original delas, ou da pessoa amada. Nada as detém até que ela tenha relações sexuais com ele. Reanimam cadáveres depois de uma noite de amor. A maneira mais comum de se alimentarem é tendo uma relação sexual com sua vítima — ou seja, um homem — deixando-as exaustas e depois se alimentando da energia dispersada no ato sexual. Podem entrar numa casa sem ser convidadas, tomando a forma que quiserem, principalmente da pessoa amada da vítima. Seus ataques mais comuns são em forma de sonhos. São comumente conhecidas como Vampiras da Europa Medieval.

Harlan olhava estupefato para o texto e depois, olhara para a imagem. Não digirira exatamente o que acabara de ler. Então aquela garota dos seus sonhos era aquilo? Uma súcubo? Não poderia ser. Ele nem ao menos acreditava naquilo! Ela, de fato,

deveria ser algo de sua imaginação — afinal, era a garota perfeita para ele.

— Demônios? — ele murmurou, com deboche. — Rá. Que piada.

Ele fechou a janela da internet e desligou o computador. Enfiou a mão nos bolsos da calça. Despediu-se com um aceno com a cabeça para a bibliotecária sonolenta, que quase engolia as xícaras de café que pegava com frequência. Ele voltou ao seu dormitório, quase que correndo — o tempo esfriara, e ele queria ter o conforto de sua cama.

Porém, ao chegar ao quarto, ele parou na porta, fechando-a atrás de si. Não poderia voltar a dormir — não enquanto ela estiver em seus sonhos. Ela tirava sua energia, por isso que ele acordava exausto toda vez que sonhava com ela. Em algumas vezes, tinha de dormir até mais tarde e perder um bocado de suas aulas.

Seus olhos pesaram e seu corpo, de repente, ficou cansado. Ele tinha de dormir, infelizmente. Entretanto, tinha um plano: iria afastá-la todas as vezes que ela aparecia em seus sonhos. Mandaria buscar outro idiota para ela dar uma de gostosa e transar para alimentar-se.

Ele tirou o jeans que usava, ficando apenas com o moletom e a cueca. Ele colocou a calça de pijama e deitou na cama, puxando o cobertor para si. Cobriu-se e fechou os olhos.

Não demorou a cair no mais profundo sono.

E, naquela vez, sem a companhia da súcubo.

Diablo abriu os olhos, e ofegou. Parecia que não respirava há anos. Ela tossiu e parou sentada na cama, com as mãos no meio do peito, forçando o ar a sair. Tossiu novamente e respirou fundo.

As palavras de Harlan saltavam em sua mente. Eu fui dormir ótimo e acordei com uma marca de três unhas nas minhas costas!

— É impossível — ela disse a si mesma. — Tem de ser impossível. Não poderíamos ter criado uma ligação tão forte.

— Falando sozinha, Diablo?

A voz feminina veio da poltrona. Ela rapidamente olhou. Era Legna, sentada na poltrona velha e detonada, com as pernas cruzadas.

Diablo não respondeu. Entretanto, Legna perguntou com calma:

— Encontrou... Ele?

— Não.

Legna assentiu com a cabeça.

— Tudo bem... Escute, só estou aqui para tirar uma dúvida do Thernal.

— Diga, Leg.

Era a primeira vez que Diablo a chamava de Leg — até a mesma estranhara.

Legna deu um sorriso de escárnio.

— Foi você quem matou Lilith, Diablo? — ela perguntou. — Afinal, nenhum anjo ou humano estava nas redondezas quando colocaram fogo nela e no galpão.

— Sim — Diablo interrompeu impaciente. —, qual o problema?

Legna olhou para ela, com evidente surpresa. Seu queixo estava caído e seus olhos levemente arregalados. Ela mal piscava.

— Qual o problema? — ela disse. — Qual o problema? — repetiu com indignação. — Escute, Diablo, você não esperava ganhar uma estrelinha por matar sua própria mãe, esperava? Por favor, diga-me que não!

— Não. — ela respirou fundo, buscando paciência. Ter um surto de Legna naquela hora não era algo muito agradável. — Eu não esperava. Olhe, eu matei uma das piores demônios de todo universo. Não vou pedir para que me agradeça por isso, mas que simplesmente não me torre a paciência. Você nunca falou nada a respeito de eu matar algum demônio. Por que isso agora?

Legna respirou fundo.

— Olhe, meu trabalho era apenas vir aqui e tirar as dúvidas vindas de Therual. Mas agora o negócio vai ser meio pessoal, Diablo. — ela disse com irritação. — Matar um demônio qualquer não é problema algum; nem ao menos há problema em matar algum demônio. É até bom. Bom não, ótimo. Mas você matou sua mãe. Sangue do seu sangue. Carne da sua carne. Querendo ou não, ela era sua família e você tinha de aceitar. Matar sua mãe é... Errado.

Diablo arqueou uma sobrancelha.

— Aonde você quer chegar? Ou melhor, o que quer dizer com esse falatório todo?

— O que eu quero dizer — ela disse, com calma. —, é que vai ser um milagre caso sua Vela de Deus ainda esteja acesa nos próximos cinco minutos.

E, ao dizer aquilo, Legna desapareceu num piscar de olhos.

Diablo colocou a mão na testa e puxou a mão para trás, jogando assim junto, os cabelos. Seus olhos fixaram-se na vela branca acesa na cabeceira, a vela que nunca derretia e permanecia sempre acesa.

Durante cinco minutos inteiros e exatos, ela ficou observando a vela. Percebeu que, nos últimos trinta segundos, a vela foi perdendo força. E no último segundo, apagou.

Observou a vela apagada por mais dez segundos. Depois, levantou-se da cama e disse, com calma:

— Cinco...

Foi até a poltrona com a sua velocidade sobre-humana.

— Quatro...

Pegou o capote.

— Três...

Vestiu o capote.

— Dois...

Empunhou a arma.

— Um.

E a janela do quarto explodiu.

Doze.

— **Eu ainda não acredito** que ela fez aquilo.

Sehedin olhou para o irmão louro de olhos verdes. O rapaz estava encostado na parede, olhando para a extensa janela de vidro do castelo de Lúcifer. Sehedin suspirou, cansado.

— Conforme-se — Sehedin disse com calma. —, ela fez.

Roudin olhou para ele, com os olhos verdes opacos contorcidos de dor.

— Ela era nossa mãe — Roudin disse com a voz rouca e fraca. — Ela era a maior vadia da história, uma das piores súcubos, dos piores demônios. Mas, ela era a maldita da nossa mãe! — disse compassada e pesadamente. — Ela não devia ter feito aquilo.

Referiam-se a Diablo. Seu nome original — Lilim — se tornara proibido nos domínios de Lúcifer desde que Roudin voltara para casa com sua resposta negativa de retorno. Por mais que ela fosse filha legítima de Lúcifer, ele proibiu que seu nome fosse pronunciado sob seus domínios. Disse também que não aceitaria vê-la atravessar por aquela imensa porta de entrada do castelo, ao menos que estivesse morta e entre os dentes de um Chimera, ou nas mãos de um de seus demônios.

Declarara também, no mesmo dia, que daria quinhentos corpos para aquele que trouxesse a cabeça dela para ele. Lilith, no começo, protestou, justamente por ser sua filha e sua preferida; entretanto, tamanha generosidade da parte do marido acabou atijando-a para também participar da temporada de Caça à Lilim/Diablo.

Infelizmente, quem acabou morta e queimada fora Lilith, e não sua filha.

Quem fora confirmar sua morte fora Aurius, o mensageiro e protetor de Lúcifer. Aurius foi mandado para procurar Lilith e a encontrou no galpão em chamas — mas já era tarde demais. Todavia, em meio às chamas, conseguiu reconhecer o rosto dela. E quem não reconheceria? Um belo rosto como aquele, de uma beleza esplêndida e extraordinária. Um rosto pelo qual vários demônios já se tentaram e vários humanos já tiveram em seus sonhos.

Sehedin suspirou ao lembrar-se dos acontecimentos dos últimos dias. Estava preocupado com Diablo, não podia negar. Afinal, era sua irmã, sua família. Ele a adorava, e não queria que ela se machucasse.

Ele olhou para o lado. O castelo inteiro estava de luto por Lilith. Algumas Alrunes de Lilith — ou seja, suas filhas, vindas de outros casos com outros demônios — estavam lá, chorando juntas e compartilhando a perda da tão amada mãe. Todas elas eram bonitas, mas sua beleza era incomparável com a de Diablo e da própria Lilith.

— Há quanto tempo ele está lá?

Sehedin olhou para frente. Uma Alrune, conhecida como Isis, estava na sua frente. Trajava um vestido negro de alças, com os braços pálidos totalmente descobertos e mostrando a pequena tatuagem de uma rosa cheia de espinhos que tinha no braço esquerdo. Seus olhos estavam um pouco avermelhados. Isis era a mais bela dentre as Alrunes. Tinha cabelos castanho-avermelhados ondulados e olhos azuis safira belíssimos. Era filha do caso de Lilith com Scox, o Duque do Inferno, conhecido pela sua fama de ser

mentiroso e ladrão. Por algum milagre, Isis não adotara esses aspectos do pai que sequer sabia de sua existência.

Sehedin percebeu que Isis se referia a Lúcifer que estava na sala principal fazia algum tempo.

— Há algum tempo — ele disse com indiferença. O silêncio instalou-se entre os dois.

— Inacreditável, não? — Isis disse, abraçando-se, espantando o estranho frio que invadia aqueles corredores do castelo. — Logo ela, que se dizia ser imortal e invencível. E acaba morrendo de uma maneira ridícula.

— Você nem sabe como ela morreu.

— Obviamente, foi de uma maneira ridícula. E ela foi queimada, afinal de contas. — Isis deu de ombros. — Sabe, eu estou surpresa com a capacidade dela. Não que eu não duvidasse. Ela nunca foi fraca, e sempre foi determinada. Mas fico imaginando se ela está arrependida.

— Ela odiava Lilith. — Sehedin disse com calma. — Sempre odiou. Quero dizer, ela odiava isso tudo e fazia questão de não esconder isso de ninguém. acredite, ela pode estar bem, ruim, feliz, triste. O que for. Mas arrependida ou com peso na consciência? Ah, não. De maneira alguma. Deve estar até mais radiante do que nunca. Eu conheço a irmã que tenho.

— Ou que tinha.

Sehedin estreitou os olhos para Isis. Ela se encolheu.

— Ora, me desculpe. Não pude evitar. — disse com calma e sinceridade. — Mas quem garante que ela estará viva nos próximos dias? Metade do Inferno ou até mais do que isso está atrás dela. Um pequeno descuido e a cabeça dela será servida em uma bandeja de

prata para Lúcifer. Olha, eu a adoro mesmo. Mas estou apenas lhe contando uma realidade, Sehedin.

Sehedin suspirou.

— Como eu disse — retrucou o demônio —, eu conheço a irmã que tenho. E sei que ela não vai se descuidar. E se você quer saber, Isis, ela sabe se cuidar e muito bem.

A Alrune se encolheu. Olhou para o meio-irmão e disse:

— Me desculpe.

Os ombros de Sehedin relaxaram. Isis era um doce, e totalmente contrário de Scox ou Lilith. Ele estendeu os braços para ela, e sem demora, ela o abraçou. Ele a envolveu num abraço confortável. Os dois amavam Diablo de coração. Os dois estavam aflitos por ela. E os dois estavam compartilhando sua aflição por ela.

O silêncio caiu sobre os dois novamente durante alguns segundos. Os braços de Sehedin estavam firmes ao redor de Isis e seu queixo estava apoiado sobre o topo de sua cabeça. O “momento” dos dois não durou muito; logo foi interrompido pelo berro de Lúcifer, vindo da sala principal do castelo.

— Eu não admito isso! — vociferou o Príncipe do Inferno fazendo todos estremecerem assustados. — Aurius! Espalhe por todo inferno: mil corpos por ela. Aumentarei a oferta. Mas dessa vez quero que a traga viva para mim! Assim eu a matarei, e com muito gosto!

Sehedin sentiu um arrepio percorrer sua espinha ao ouvir aquilo. Lúcifer a mataria com as próprias mãos caso a trouxesse e até ele — e, acredite, a sua morte não seria rápida nem indolor. Por que ele mesmo não a procura?, pensou, há dias atrás quando declarou por iniciada a Temporada de Caça à Lilim/Diablo. Ele não conseguiu

chegar a qualquer outra conclusão que não fosse a que Lúcifer ainda se importava com ela; que ainda nutria sentimentos paternos em relação a ela.

Entretanto, ele não conseguiu captar resquício algum de dor ou tristeza em suas palavras, berradas há pouco. Ele só captou raiva.

A mais pura raiva.

Ele olhou para Isis, que o olhava aflita com as duas grandes e belas safiras mirando o local de onde vinham os estridentes gritos de Lúcifer. Ela mordia o lábio inferior e seu cenho estava franzido. Sua expressão era de uma mulher assustada. Sehedin teve certeza de uma coisa naquele momento: Os dois estavam rezando. Apenas rezando para que Diablo ficasse bem a partir daquele momento.

A parede da janela do quarto estava destruída. Cinco corpos de demônios jaziam inconscientes no chão. Era só questão de tempo até que a bala de água benta perdesse seu efeito e os fizesse abrir os olhos novamente.

Diablo riscou o palito de fósforo. Uma pequena faísca saiu e em seguida, veio uma chama. Diablo jogou sobre os dois corpos que estavam amontoados no chão. Ela pegou os outros três que também estavam jogados e os colocou em cima dos dois corpos em chamas. Eles incendiaram no mesmo instante.

Ela pegou apenas o necessário; balas com água benta, pistola e duas novas caixas de fósforo. Enfiou tudo no bolso interno do capote e foi até a beirada da nova varanda que se formou da explosão da

janela do quarto. Eram três andares. Ela deu de ombros e pulou, sabendo que não se machucaria.

Pular de lá lhe deu acesso a rua. Ela deu uma última olhada para o quarto surrado do hotel que estava quase inteiro pegando fogo. Não demoraria até que alguém ligasse para os bombeiros.

Suspirou, resignada. O único local protegido para que ela pudesse ficar havia sido destruído. Procurar outro estava fora de questão; até lá, já teria virado o lanche da meia-noite de vários demônios. Agora, precisava encontrar um local já protegido pela Vela de Deus, e que fosse de algum conhecido que a convidasse para entrar em seu lar — afinal, ela era apenas metade súcubo. Ela não tinha todos os poderes das súcubos e, entrar em uma casa sem permissão não se encontrava nos poderes que ela tinha.

Agora, eis a questão: quem? Eloistier vivia mudando de residência, e quando soubesse do que acontecera, a chamaria de tudo quanto era nome, indo de irresponsável para cima — e a última coisa que Diablo queria naquele momento era um sermão de Eloi.

Pedir ajuda a Legna também não adiantaria, ela estava, digamos, “cabreira” com Diablo por ter matado a própria mãe. Aliás, Legna não tinha residência na Terra. Mas, afinal, o que ela tinha a ver com isso?, Diablo se perguntou, pensando em Lilith. Não entendia o surto de Legna. E nem queria entender.

Diablo virou uma esquina, cujas luzes estavam fracas. Ela fez uma força sobre-humana para não revirar os olhos. Mais demônios?, perguntou-se. Já estava de saco cheio, devia admitir, mas não poderia abandonar aquele... “ramo”. Naquele momento, só queria se jogar numa cama e esquecer-se do mundo por algumas horas. Dormindo, e não usando seus poderes de súcubo.

Quando estava chegando perto do meio fio da outra rua, sentiu uma mão pegando no seu braço e puxando-a para o lado. Cambaleou e viu-se num beco escuro. Ia berrar para o demônio ou humano que estivesse fazendo isso, mas sua boca fora tampada. Ela se debateu nos braços da coisa que a segurava.

— Ei... Ei! Calma! — ouviu a voz masculina familiar. — Ah, que inferno Diablob, acalme-se!

Ela olhou atenta para o rosto da pessoa pela primeira vez. Os olhos negros e sem brilho algum a relaxaram. Ela relaxou os ombros e parou de se debater. Era Sehedin. Ele tirou a mão da sua boca e ela deu um meio sorriso.

— Eu poderia lhe enfiar a mão no meio das fuças por isso, Sehedin — disse com falsa doçura. —, mas acho melhor deixar para mais tarde.

— É — ele disse, mas sem sorrir. — Escute, eu tenho algo importante para lhe dizer.

— Nós temos. — disse uma voz feminina vinda da penumbra do beco.

Diablob olhou e viu ao lado do irmão a garota de cabelos castanho-avermelhados e olhos azuis se aproximou e o abraçou provavelmente para se proteger do evidente frio que fazia naquela noite. Diablob arqueou uma sobrancelha.

— Isis?

A Alrune sorriu.

— Há quanto tempo, Lilim.

Diablob retribuiu o sorriso, mas não se mexeu para abraçá-la ou qualquer outra atitude. Ela olhou novamente para Sehedin, que tinha um semblante sério no rosto.

— Escute — Sehedin disse levando as mãos aos seus ombros. — Lúçifer aumentou a proposta.

— Para quantos?

— Mil corpos — Isis respondeu, aproximando-se dos dois. — Mas disse que quer você viva. Diz ele que quer fazer justiça com as próprias mãos.

Diablo não pode evitar em arregalar os olhos.

— Mil corpos? Mil corpos?! Ele enlouqueceu!

— A proposta apenas aumentou com a morte de Lilith — Sehedin disse. Diablo procurou algum pingo de raiva ou amargura em suas palavras, mas não as encontrou. Nada. Ele disse de maneira totalmente calma, como se estivesse mais aliviado em falar aquilo para ela. — Ele ficou realmente bravo e decepcionado com a morte dela.

— Ela veio atrás de mim — disse Diablo, com indiferença. — e não tinha intenção de me convencer a voltar para casa. Ela queria me matar. Eu fui obrigada a matá-la para sobreviver e... — ela parou ao ver o rosto de Sehedin. — Que cara é essa?

— Nós... — Isis começou, ficando pálida. — Não sabíamos que Lilith tinha ido atrás de você. Ela disse que tinha coisas a resolver na Terra, mas... — ela engoliu a seco. — Não sabíamos disso.

— Todos no castelo estão lhe julgando por ter matado Lilith por vontade ou capricho. As Alrunes estão enlouquecidas de raiva.

Diablo franziu o cenho.

— E Roudin?

Sehedin mordeu o lábio inferior.

— Ele está inconsolável — disse com hesitação. — Não acredita que você foi capaz de fazer isso.

— Ela era a maior vagabunda de todas. Todos sabiam disso. — Isis disse. — Mas... Ainda assim era nossa mãe. Também fiquei triste no começo. Mas superei. Entretanto, as outras não superaram. Algumas Alrunes estão loucas da vida com você. Elas querem tanto a sua cabeça quanto Lúcifer.

— Eu não pude evitar — Diabolo disse com calma. — Eu precisava me proteger.— ela franziu o cenho mais ainda. — Droga. Eu decepcionei Roudin mesmo, não é?

— Pra caramba.

Ela se encolheu.

— Não me importo com as Alrunes. Nenhuma delas, para ser sincera — olhando para Isis, como se pedisse desculpas, mas que deu de ombros, sem dar importância para o que a súcubo havia dito. — Mas me importo com você e Roudin. Eu queria poder me desculpar com ele. Eu...

— Eu sei. — Sehedin disse.

— Nós sabemos — Isis acentuou.

Diabolo olhou para ela e depois olhou para Sehedin.

— Vocês estão, tipo...juntos? — perguntou rapidamente. Sehedin olhou incrédulo para ela.

— É claro que não — Isis respondeu com calma, antes que Sehedin falasse alguma coisa. — Ele é meu meio irmão, Lilim.

— Diabolo — ela corrigiu, estreitando um pouco os olhos para a Alrunes ruiva. — Além do mais, Sehedin também era meio irmão de Sulpicia, mas isso não o impediu de dar 'uns pegadas' com ela no quarto no final do corredor do terceiro andar — havia certo sarcasmo em suas palavras. Sehedin enrubesceu.

Isis olhou para ele com curiosidade.

— Ah, é?

Diablo revirou os olhos.

— Vão para um quarto, por favor.

Sehedin suspirou.

— Eu trato Isis como uma irmã para mim...

— ... Que você queria transar... — interrompeu.

— ... E só vim aqui para lhe alertar — ele disse com a voz pouco irritada. — Por favor, Diablo, tome cuidado. Agora mesmo vão chover demônios atrás de você. Mil corpos é um preço muito alto. — sua voz passou de irritada para tensa. — Aliás, quero saber o que você está fazendo fora do seu quarto de hotel.

Ela se encolheu um pouco.

— Eu tinha uma Vela de Deus. Pedi para Legna fazê-la logo depois que você foi embora. — disse com calma. — Mas ela se apagou.

— Se apagou? Uma Vela de Deus?! — Sehedin quase gritou.

— Por causa da morte de Lilith. — explicou.

— Então... — Isis começou a falar, mas logo Diablo a interrompeu:

— É. — ela olhou para Isis. — Eu estou sem proteção alguma. Preciso de algum lugar para ficar, onde tenha proteção. Mas a questão é: aonde?

Os olhos azuis de Isis brilharam.

— Uma igreja.

Diablo riu com sarcasmo.

— Ah, claro. Vou queimar se ficar tempo demais lá dentro. É um local sagrado. — ela disse. — Não tenho permissão para ficar.

— É só pedir.

Diablo estreitou os olhos para ela.

— Não irei pedir. Quero um local onde eu possa guardar minhas coisas, minhas armas e principalmente procurar poder com... — ela se calou no mesmo momento. Sehedin a olhou com um ponto de interrogação na testa. Mas depois, cruzou os braços e encostou-se na parede.

— Eu posso fazer uma pra você.

— Você o quê?

— Eu aprendi a fazer uma — Sehedin explicou. — Aconteceu algo entre... Bem... Eu e uma... Anjo. — ele falou, ficando cada vez mais enrubescido de vergonha. — Ela me ensinou a fazer. Disse que era bom para proteger locais especiais... Mas que se apagava quando decepcionávamos os céus, anjos, o que for. Ou se perdêssemos nossa fé.

— Sim. — Diablo falou, sentindo o ponto de interrogação crescer em sua própria testa.

— E então... bem, ela me ensinou.

— Não foi aquela que Lúcifer mandou destruir quando... — Isis parou de falar ao ver os olhos negros de Sehedin faiscando para ela.

— Era. — ele disse, por fim. — Seu nome era Aurora.

Diablo lembrou-se rapidamente dela. Aurora procurava por demônios e os destruíra — mas quando ela tombou com Sehedin, que estava zanzando por um país qualquer, foi amor a primeira vista (clichê básico). Lembrava-se que ainda estava no Inferno quando Sehedin a conheceu. Ele sentiu o ar angelical vindo dela, mas não conseguiu se afastar. Ele a descreveu para Diablo; olhos azuis como o céu, cabelos longos, lisos e louros, belos lábios, um corpo magro e pequeno.

Eles viveram tempos e tempos de amor. Até Lúcifer ter conhecimento de Aurora. Mandou um dos demônios de suas legiões matá-la quando descobriu; o demônio a destruiu e alimentou-se de seu poder espiritual, fazendo com que ela não pudesse mais voltar. Quando Sehedin foi encontrá-la, seu corpo estava no chão do quarto de um luxuoso hotel onde sempre se encontravam, branco, pálido e se desfazendo aos poucos.

Sehedin nunca perdoou Lúcifer por isso. O trata como pai, mas mesmo assim, ainda tem grande ressentimento e rancor por isso. Roudin o fez acreditar que aquilo era o melhor para ele. O fato de perder Aurora era doloroso, sim, mas ele superaria, e até agradeceria a Lúcifer mais tarde. Entretanto, Sehedin não agradeceu. Superou, mas não consegue perdoá-lo por isso. Quando está sob o mesmo teto, age com indiferença, para não demonstrar toda raiva e rancor que sentia em relação ao padrasto.

— Então — Diablo disse, olhando para os próprios pés. — Você pode me ajudar, não pode? Só precisamos ir até o hotel mais próximo para fazermos o ritual e...

O cheiro forte de enxofre invadiu as narinas dos três. Eles prenderam o ar no mesmo instante, e seus peitos estufaram por alguns segundos. Eles se olharam, com os olhos arregalados. Sehedin olhou para o lado discretamente, e depois, sussurrou para Isis e Diablo:

— Corram. — ele disse. — Mas corram muito.

Diablo se atreveu a olhar para o lado, e logo se arrependeu.

No meio da rua, olhando para eles, encontrava-se a maior Chimera que ela já tinha visto. Tinha três cabeças, uma de bode, outra de leão e outra de dragão. A parte dianteira do corpo tinha

duas grandes patas de leão em cor levemente dourada, e a parte de trás — sendo seu tronco e as patas traseiras — era de um corpo de um bode. Onde deveria estar o seu rabo, sustentava uma cauda de serpente cor areia. No tronco, um par de asas grandes e avermelhadas de um dragão.

A espinha de Diablo gelou. Costumava lutar contra Chimeras de uma cabeça apenas — ou que sofriam algumas mutações, como por exemplo, uma que enfrentara há um tempo e que tinha cabeça de leão, corpo de bode com as duas patas dianteiras de leão e cinco cobras arroxeadas tentando picá-la. Não foi difícil, mas também não foi agradável. Essa, que ela destruiu era uma Chimera mediana, fácil de enfrentar. Mas aquela, parada diante dos três demônios inertes, já mostrando os dentes e rosnando, era uma Chimera gigante com quase cinco metros de altura.

— Fo... — Diablo começou.

— ...deu. — terminou Isis.

O leão rugiu e o dragão cuspiu fogo para o céu.

— Corram! — Sehedin sibilou. — Agora.

— Mas e você?!

— Cale essa boca, e vá. Estou indo logo atrás! — Sehedin disse.

Isis puxou a mão de Diablo, mas a irmã não se moveu.

— Diablo, vamos!

— Eu não vou deixar você aqui! — ela gritou para Sehedin. —
Nunca!

Sehedin olhou para ela.

— Não quero que você vire torrada! — ele gritou de volta, após o leão rugir novamente e ir em direção a eles, com a boca queimando e soltando fumaça pelas narinas. — E é melhor nós correremos agora.

— É, eu concordo com você. — Isis disse.

Os três não demoraram. Correram na velocidade sobre-humana que tinham, mas mesmo assim não conseguiram despistar a Chimera. Ela passou por aquele lugar quebrando e rachando paredes e queimando tudo o que via pela frente. O chão onde as patas de leão passavam ficava marcado, deixando o rastro da besta-fera.

— Ele está fazendo um puta estrago! — Diablo gritou enquanto corria. — Tenho que detê-lo!

— Não pode! Já viu o tamanho daquela coisa?! — Sehedin gritou de volta. — Não vai durar um minuto! Nem tem armas apropriadas! E queimar não vai adiantar, ele é feito de fogo!

— Quem foi o idiota que criou essa merda?! — ela gritou com raiva. Atravessaram um quarteirão em menos de um minuto. Isis estava logo atrás deles, com os cabelos castanho-avermelhados esvoaçando-se.

— Pensei que a intenção era levar Diablo viva para o Inferno — Isis disse em tom alto. — Não morta.

— Acho que Lúcifer não foi tão claro — Diablo disse com ironia. — Afinal, todos nós já estamos mortos, não é?

— Parem — Sehedin disse e parou. Diablo e Isis pararam alguns metros a sua frente e logo voltaram para perto dele. — Acho que parou de nos seguir.

— Ou não. — Isis disse e olhou para os lados. A rua onde estavam estava completamente vazia.

— Vão embora — Diablo disse. — Voltem para o castelo antes que Lúcifer desconfie. Agora. Vão!

— É claro que não! Precisamos lhe ajudar! — Sehedin disse indignado.

— Não precisam bosta alguma! — Diablo reclamou. — Já me deram o aviso de que Lúcifer aumentou a proposta. Não o façam aumentar novamente, mas dessa vez, esperando três cabeças, a minha e as de vocês dois. Eu me viro.

— É claro que n...

— Sehedin, cale a boca, por favor. — Diablo disse. — Isis, leve-o para o castelo. Vão para os seus quartos. Ajam normalmente, não deixem Lúcifer desconfiar de na...

Buum. Uma porta de carro saiu voando pelos ares.

— Merda. — disseram em coro.

O dragão da Chimera colocara fogo em um carro cujas portas eram negras, e que não pôde suportar a temperatura e explodiu

— Vão. Agora. — Diablo disse e empurrou os dois para o lado.

— Di...

— Vão! Que inferno! — ela olhou para Isis. — Seja útil pelo menos uma vez na vida e leve-o agora. Não o deixe voltar!

Isis assentiu com a cabeça. Sehedin iria se afastar dela, mas ela foi rápida demais e grudou em seu braço. Num piscar de olhos, eles haviam sumido. Diablo suspirou, aliviada. Ouviu de longe o rugido alto do leão. Respirou fundo e fechou os olhos. Em seguida, os abriu e viu a cauda de serpente a alguns metros da onde ela estava.

— Vem cá, gatinho... — disse com doçura e seguiu em direção até a cauda de serpente.

Treze.

— Merda!

Colocou a mão sobre o braço. Havia uma bela queimadura lá, e provavelmente demoraria curar. Ela precisaria recorrer até Harlan novamente para curar aquela queimadura. Se sobrevivesse.

O dragão da Chimera não a acertou em cheio por muito pouco. Mas conseguiu acertar uma tenda que havia em frente a uma loja de roupas de grife.

Diablo tentou ao máximo arrastar a Chimera para longe da cidade, mas era uma tarefa quase impossível. Quanto mais a Chimera andava, mais estragos fazia. Ainda estava tentando atingir os limites da cidade, mas o monstro fazia questão de acordar a cidade inteira. Aquilo estava ficando cada vez mais complicado.

Mas Diablo não se arrependeu de ter mandado Sehedín e Isis embora — por mais que, naquele momento precisasse de ajuda, ela se sentia mais aliviada por saber que os dois estavam em um lugar seguro. Ou não tão seguro. Diablo acha que qualquer lugar onde Lúcifer esteja, não é tão seguro como os próprios demônios pensam.

Ela esgueirou-se até a beirada da parede do grande prédio em estava encostada. A Chimera estava alucinada, procurando-a por todos os lados e batendo com a cauda de serpente em várias paredes, causando arranhões e até mesmo rachaduras bem profundas.

Diablo olhou novamente para o braço queimado, em que a chama atravessara o tecido do capote e atingira sua pele até a pouco tempo, intocada e pálida. Agora estava em negro puro, ardendo o

diabo, e úmida por causa do sangue negro escorrendo pelas beiradas. Em volta, estava num contraste de vermelho com roxo.

— Que inferno — reclamou. Respirou fundo e ouviu o rugido do leão. Pôde ver uma luz no prédio ao lado acendendo. — Que inferno! — repetiu, mas dessa vez sibilando. Ela foi até o meio da rua e assobiou. A Chimera voltou-se rapidamente para ela.

Deu um meio sorriso e assobiou novamente. Em seguida, saiu correndo, indo em direção aos limites da cidade. Por lá havia apenas rodovias e menos civilização. Qualquer carro que passasse por lá e visse um vislumbre da Chimera, pensaria que era um animal qualquer e que fosse apenas uma imagem criada pela imaginação associada à velocidade do carro.

Porém, a Chimera foi fazendo mais escândalo do que antes. Rugia e soltava fogo, e principalmente grunhia como bode. A cauda de serpente passava de raspão em algumas paredes dos prédios, muros e janelas — principalmente nessas, fazia um som horrível para os ouvidos humanos. Diablo olhou de relance várias luzes sendo acesas nos prédios e se chutou mentalmente por fazer com que a Chimera faça tanto escândalo.

O seu celular vibrou dentro do capote. Ela quis se chutar mentalmente de novo. Enquanto corria, torturava-se com a dúvida de atender ou não ao telefone. As únicas pessoas que tinham seu número era Eloistier e Legna — era, ainda por cima, um celular que Eloistier havia arranjado para ela.

Ela pegou o celular enquanto corria. Atendeu-o, berrando:

— O que é?!

— Diablo? É a Legna...

— É, EU SEI! — gritou e acelerou ainda mais ao sentir o certo calor quase tocar suas costas.

— O que está acontecendo?! — havia agora um evidente desespero em sua voz. — Diabolo, o que você está fazendo?

— ESTOU FUGINDO DE UMA CHIMERA, LEGNA! — gritou histérica. — FALE LOGO O QUE VOCÊ QUER!

— Ai... Meu Deus. Ei, escute, é... Onde você está? Vou falar com Therual e iremos para aí em questão de minutinhos.

— EU NÃO TENHO MINUTINHOS, LEGNA! — gritou. — FALE LOGO O QUE VOCÊ QUER! — repetiu.

— Ok, escute, eu descobri qual é o demônio que você está correndo atrás! Aquele “deslumbrante” — Legna disse rapidamente, e sem querer, Diabolo diminuiu o passo. — Ele é o...

Mas Diabolo não pode ouvir o que vinha a seguir. A enorme pata de leão a atacou, jogando-a para o lado. Seu corpo bateu com força contra o grande muro de um colégio.

E em seguida, ela desmaiou.

Diabolo não sentia seu corpo. Era como se ela estivesse fora dele; não sentia seus músculos, seus ossos, nada. Talvez estivesse finalmente morta, então? Culpou-se por isso. Agora Lúcifer iria pegar mil corpos para pagar à pessoa que a levou até ele.

Mas Diabolo abriu os olhos. Não estava morta. Seu corpo estava apenas adormecido. Ela olhou para o local e viu que se encontrava no seu antigo quarto do castelo onde morava com... sua família.

Finalmente sentiu alguma coisa: um arrepio percorrer sua espinha. Então a haviam pego. Droga, droga, droga, ela pensou, que demônio deve estar recebendo mil corpos nesse exato momento?

Sentou-se na cama, ainda sem sentir seu corpo direito. Viu que fora vestida com um vestido negro de algodão e alças. A queimadura em seu braço havia sarado. Olhou ao redor; as paredes eram como sempre, de pedra. O piso, de mármore. Os móveis eram do mais puro e escuro mogno. Ela tirou a cobertura avermelhada de cima de si e tentou sair da cama. Mas logo fora impedida.

— Você acordou. — a voz feminina veio do seu lado. Ela mal percebera a presença da Alrune lá. Era uma Alrune loira e alta, de olhos castanho claros. Não sabia de quem ela era filha e nem queria saber. Aparentava ser a mais velha dentre as outras que conhecera durante sua morada no castelo.

Não, imagina, eu estava treinando para morrer, Diabolo pensou.

— Lúçifer está lhe esperando na sala, Senhorita Lilim. — a Alrune loura disse.

— Diabolo — ela rosnou.

A Alrune loura apenas sorriu com falsa gentileza.

As duas saíram do quarto. A Alrune a guiou até a sala principal — a preferida de Lúçifer. Mal conseguia mover suas pernas de tão adormecidas que estavam, mas, conforme ia andando, a circulação voltava aos poucos e com ela, o chato formigamento.

Diabolo pôde sentir a péssima aura que aqueles corredores exalavam; medo, dor, tristeza, raiva, angústia. Muitos e fortes sentimentos e emoções simultâneos. Tão fortes que ela podia senti-los, como se fizesse parte daquilo, como se estivesse sentindo aquilo tudo.

Parou em frente à extensa porta de mogno. Evitou engolir a seco ou demonstrar qualquer tipo de medo. Era seu fim, e ponto. Ela não

poderia sentir medo naquele momento — aliás, não poderia sentir medo nunca.

A Alrune abriu a porta, revelando a grande sala do castelo. No meio dela, havia um extenso tapete negro e grosso de pura pele de algo que Diabolo não sabia identificar. Havia uma lareira em frente ao tapete e três sofás negros. E, em um deles, encontrava-se Lúcifer.

Ele era um homem belo. Do alto de seus um e oitenta de altura podia-se contemplar um corpo bem definido e um belo rosto. Trajava um terno negro com o colarinho vermelho vinho aparecendo. A sua barba estava rala, mas isso o deixava apenas mais bonito do que o habitual. Seus cabelos eram castanho claro, bem aparados e curtos. Tinha grossas sobrancelhas e olhos da mesma cor dos cabelos: castanho claros.

Mas algo que chocou Diabolo foi o demônio em pé ao lado dele. Cabelos cor chocolate. Olhos azuis. Corpo bem definido. Diabolo sentiu seu coração parar e seu sangue ferver sob suas veias. Era Alec.

Viu um sorriso se formar nos lábios de Alec; aquele sorriso sedutor e malévolo. Foi ele quem me pegou?, ela se perguntou. Ele era o dono daquela Chimera?, pensou. Só poderia ser. Por qual outro motivo ele estaria na sala de Lúcifer?

— Oh, Lilim.

Diabolo desviou os olhos para Lúcifer. Ele olhou para a Alrune loura e disse:

— Pode ir. Estás dispensada.

A Alrune loura assentiu com a cabeça e se retirou da sala. Por fim, fechou a porta, deixando os três a sós.

Lúcifer se levantou. Um sorriso gentil se formou nos lábios do demônio.

— Há quanto tempo, minha filha — disse com carinho; falso carinho, e obviamente, Diabolo havia notado. — Venha cá, dê-me um abraço. — ele estendeu um pouco os braços na direção da filha.

Ela recuou um passo.

— Nunca. — respondeu. — Prefiro morrer.

Uma risada escapou dos lábios de Alec.

— Corajosa essa sua filha. — comentou com diversão. — Corajosa demais para o próprio tamanho. — O sorriso em seus lábios foi de total malícia.

— Ela se parece com a mãe, acredita? — Lúcifer disse com raiva contida em suas palavras. Diabolo recuou mais um passo, mas Lúcifer avançou dois. — A mãe que ela matou, com as próprias mãos. Mãos imundas, devo dizer! — disse em tom mais alto. — E que não ficou nem um pouco arrependida! — rosnou.

— Não fiquei mesmo — retrucou Diabolo. — Fiz, e faria de novo, e com muita vontade!

Lúcifer se aproximou dela e desferiu um tapa em seu rosto. Entretanto, depositou força demais em sua mão, o que fez Diabolo cambalear, batendo com as costas na parede de pedra e caindo sentada no chão. O lado onde levava o tapa ardia o inferno e, naquele momento, voltou a sentir tudo. Seu corpo doía, suas pernas formigavam e a parte em seu braço onde estivera queimada até há pouco, voltou a arder com a mesma intensidade de antes — embora não tivesse ferida alguma.

— Irei fazer com que você se arrependa ardentemente por matá-la — Lúcifer rosnou. — Vou fazer com que você implore-me a morte,

com que você passe a eternidade sofrendo pela dor que causou a ela. Vou lhe torturar e quando me cansar, te matarei, Lilim!

— Ei, acalme-se! — Diablo olhou para o lado e viu Alec, com os olhos azuis levemente arregalados, segurando os braços de Lúcifer.

— Não irei me acalmar! — Lúcifer rugiu. — Eu irei matá-la! Pois ela matou Lilith!

— Acalme-se, Lúcifer! — Alec gritou. — Escute, eu posso começar a torturá-la.

Diablo olhou para ele. Ele falava sério. Muito sério. Ela não pôde evitar ficar com um pingo de medo. O que Alec faria? Ela seria estuprada? Espancada? Pois Alec era famoso no mundo dos humanos justamente por causa disso.

Lúcifer parou de tentar se soltar de Alec e avançar em Diablo. Agora, ele conversava aos sussurros com ele. Diablo percebeu que aquela era sua deixa; era o momento oportuno para se levantar, se concentrar e dar o fora dali, voltando para a Terra.

Entretanto, quando tentou se levantar, sentiu um forte chute na perna, que a fez desabar no chão novamente. Fora Lúcifer quem a chutara. Quando levantou o olhar, viu Lúcifer a olhando com um sorriso maldoso nos lábios.

— Você irá dar um passeio com ele, Diablo — disse calmamente, com gentileza. — Você sabe quem ele é?

Sim, ela pensou, querendo responder. Mas não conseguiu falar nada; sua garganta parece ter se fechado.

O sorriso no rosto de Lúcifer aumentou ao ver que ela não responderia nada.

— Ele é Cresil. O demônio da Impureza.

A porta se fechou atrás dos dois. Diablo ficou parada no meio do quarto de hóspedes, olhando para o chão. Ela aguentaria ser estuprada, espancada. Mas aguentaria as torturas de seu pai? Duvidava muito. Lúcifer iria, obviamente, pedir uns conselhos à Hel, a deusa da tortura e punição — isso é, se a própria Hel não fosse fazer-lhe uma visitinha especial no seu quarto. O que eu vou perder primeiro nas mãos de Hel?, pensou, olhando para o piso de mármore, os mamilos? Os dedos? Os dentes? Hel é uma verdadeira caixinha de surpresas.

Ela sentiu o seu corpo se arrepiar com as duas mãos firmes na sua cintura, vindo por trás. Em seguida, ela ajustou a sua postura e ficou estática. As mãos subiam e desciam levemente, indo da altura dos seus seios até seu quadril.

— Se você curte fazer sexo com gente morta — Diablo começou a dizer com a voz cheia de sarcasmo —, então aproveite. Prometo não me mexer nem um pouco, nem gritar.

Ela sentiu o nariz dele na curva de seu pescoço. Os lábios dele tocaram-no com suavidade. Seus lábios passaram pelo lado do seu pescoço inteiro, indo até o lóbulo de sua orelha. Ele mordiscou e suspirou. Diablo evitou demonstrar que ficara realmente arrepiada com aquilo, mas não conseguiu; os pelos de seu braço se eriçaram no mesmo segundo, e Alec — também conhecido como Cresil, o demônio da impureza — riu roucamente em seu ouvido.

— Você vai ficar me devendo uma depois dessa. — disse com a voz grave e rouca. Diablo respirou fundo até falar alguma coisa.

— Vou ficar lhe devendo uma pelo o quê? Por você me estuprar nesse quarto? Espancar-me? Fazer o serviço inteiro para aquilo que as pessoas dizem que é meu pai? — Diablo disse sem conter a raiva.

Alec respirou fundo. Suas mãos ficaram firmes em sua cintura e ele a girou, fazendo com que ela ficasse de frente para ele. Ele a forçou olhar em seus olhos. Ele deu um daqueles sorrisos sedutores e disse, com calma:

— Na verdade, eu estou salvando isso que você chama de vida.

Um ponto de interrogação em cor laranja fluorescente brotou na testa de Diablo.

— Hein? — ela perguntou, arqueando uma sobrancelha.

— Espere só — ele disse e deu um sorriso. — Feche os olhos, minha dama.

Diablo olhou para ele com certa desconfiança, mas em seguida, fechou os olhos, respirando fundo. Sentiu um formigamento sob seus pés, e as mãos de Alec ficaram ainda mais firmes em sua cintura. De repente, uma brisa veio ao encontro dela.

Brisa?!, ela pensou, alarmada. Não havia brisa no Inferno, de maneira alguma. Ela abriu os olhos imediatamente, e apenas encontrou o rosto de Alec, com um sorriso sereno estampado. Ela desviou o olhar do seu rosto e olhou ao redor.

Encontrava-se no meio de um cruzamento em Manchester, de madrugada.

— Como... — Diablo começou a perguntar, mas se calou no mesmo segundo. Sua boca estava entreaberta. Ela olhou para Alec, franzindo o cenho. — Por que fez isso?

Ele não respondeu. Apenas ficou olhando-a, com um sorriso.

— Não está pensando que eu deixarei de perseguir você até lhe destruir por causa disso, está? — perguntou, estreitando os olhos para ele.

— De maneira alguma — ele respondeu com sinceridade. — Apenas acho que você vale muita coisa para morrer tão cedo.

— E o quanto eu valho?

O seu sorriso gentil se tornou malicioso.

— Muita coisa. acredite em mim.

Ela revirou os olhos. Colocou as mãos em sua cintura, tocando as mãos brancas e grandes dele. Ela as tirou de sua cintura e afastou de seu corpo.

— Trégua — ela disse com calma. — Apenas nos próximos dez minutos. É melhor você correr, pois eu irei atrás de você e, acredite, você não vai querer saber como isso vai acabar.

— Você se torna confiável nesses dez minutos? — ele perguntou. — Não vai correr atrás de mim até os dez minutos passarem?

Ela olhou para ele, e deu um meio sorriso.

— Nove e cinquenta nove. Nove e cinquenta e oito. Nove e cinquenta e sete... — suspirou. — Por mais que eu realmente odeie você, Alec, eu fico grata por me salvar. Mas ainda não entendo o motivo disso. Eu já estou condenada. Lúcifer não vai medir esforços em me pegar novamente; provavelmente mandará outra Chimera atrás de mim e vai me matar na primeira oportunidade.

— Como eu disse, você vai ficar me devendo uma — ele disse com indiferença. — E essa uma eu vou cobrar. E creio que você bem entenda disso. Saiba do que eu estou falando.

— Ora essa! — ela exclamou. — Eu nunca faria sexo com você. Eu tenho repulsa de você!

— Ah, é? — ele disse com um sorriso malicioso. — Então porque ainda está segurando as minhas mãos?

Diablo as soltou imediatamente.

— Não se aproxime de mim! — exclamou, recuando três passos. Ele deu de ombros.

— acredite em mim, Diablo — ele pronunciou seu nome com gentileza. — você ainda vai vir até mim. Eu irei cobrar, e você virá como uma cachorrinha abandonada para mim. acredite nisso. — ele piscou.

Ela fechou a cara.

— Os meus dez minutos acabaram.

Mas não tinham passado nem cinco.

Alec riu. E desapareceu da frente dela.

Diablo quis gritar de raiva e frustração. Ela não transaria com Alec — nunca! E, aliás, ela não era obrigada a fazer isso; se ele curtisse necrofilia, o problema era dele. Iria dar 'uns pegadas' numa garota que não se mexia, falava, gritava ou gemia. O problema seria se ele não se importasse com aquilo e partisse para cima dela mesmo assim.

— Argh, que inferno! — reclamou.

Quatorze.

Harlan estava sonhando novamente. Deu-se conta disso quando viu que fora diretamente para o quarto de paredes avermelhadas, onde ele sempre encontrava Diablo. Ele se sentou na cama rapidamente e olhou para os lados. Não havia sinal algum dela, o que era bom. Ele daria uma maneira de fugir. Não deixaria que ela abusasse de seu corpo novamente.

Será que se eu passar por aquela porta, eu acordo?, ele pensou, olhando fixamente para a porta de mogno, há alguns metros longe de sua cama. Uns três metros de distância, quem sabe mais, quem sabe menos. Ele se levantou e dirigiu-se até a porta. Quando tocou na maçaneta, levou um choque. Mas mesmo assim, continuou. Apertou a mesma e tentou girar. Estava trancada.

— Não há como fugir. Ao menos que eu deixe.

Ele virou-se rapidamente para a direção da cama. Diablo estava lá, sentada, com as pernas cruzadas. Ela estava com o cenho levemente franzido, e seus olhos berravam a palavra culpa. Não havia malícia alguma em sua voz quando ela disse aquilo; parecia mais tristeza.

— Então é bom que me deixe ir agora. — Harlan disse furioso.

— Harlan, eu preciso mesmo falar com você. É importante.

— Falar? — ele indagou com sarcasmo. — Pensei que o seu negócio era apenas sexo selvagem.

Diablo fechou os olhos e respirou fundo. Antes que falasse qualquer outra coisa, Harlan disse:

— Eu sei o que você é. — disse com amargura. — É uma súcubo. Você entra em meus sonhos e se aproveita da minha energia. Por isso que sempre que eu acordo depois de sonhar com você, eu fico fraco e muito cansado. — ele estreitou os olhos na direção dela. — Por que você não me falou isso antes?

— Porque imaginei que essa fosse a sua reação. — ela disse calmamente. — Olha, Harlan, eu não gosto de fazer isso. Encontrar você por meio de sonhos e fazer... — ela limitou-se a dizer a palavra sexo. Ela só respirou fundo. Estava, estranhamente, constrangida demais. — Eu apenas preciso. Isso me dá forças, me dá energia quando eu acordo.

— Porque você rouba a minha! — exclamou Harlan.

— Eu já disse, Harlan: eu não gostaria de ter de fazer isso. Mas eu preciso tornar meu trabalho rápido, eu não posso me dar ao luxo de ficar perdendo tempo dormindo.

— E o que você faz, hein? Procura outros rapazes para roubar a energia? — perguntou com raiva.

Ela respirou fundo. Era a hora da verdade.

— Eu caço demônios.

Pela primeira vez, Diablo viu que a expressão de Harlan mudou completamente, saindo de furioso para surpreso.

— Como... Como é que é? — ele perguntou, parecendo não digerir bem a notícia.

— Eu caço demônios. — ela repetiu. — Não existem apenas súcubos no mundo. Existem vários. Eu os destruo, para que eles não possam mais causar problemas ao mundo. É por isso que não posso me dar ao luxo de estar dormindo. Nesse exato momento, mais de dez demônios devem estar migrando para a Terra, para alimentar-se

de espíritos humanos, causarem pânico. E principalmente estuprar adolescentes. — ela disse a última frase com raiva contida em sua voz. — Mas eu não sou a única que faz isso. Alguns anjos também me ajudam. Ou melhor, eu os ajudo.

Harlan piscou algumas vezes, e encostou-se na parede do quarto, colocando as mãos nos bolsos do jeans velho e surrado que usava. Era seu preferido — e o preferido de Diabla também.

Ele não conseguia acreditar. Era realmente possível que aquilo tudo existisse? Que existiam anjos e demônios, batalhando para manter a paz e a ordem? Havia de fato o céu e o inferno?

Eram perguntas que assolaram a mente de Harlan durante a vida inteira, e agora, foram devidamente respondidas.

— Como você os ajuda? — ele perguntou, ainda meio atordoado. — Quero dizer...

— É fácil — disse Diabla com calma, dando um meio sorriso, ainda sem tirar a evidente tristeza dos seus olhos. — Eu sou filha de Lúcifer e... da falecida Lilith. Morei no inferno durante a minha vida inteira e saí faz menos de um ano. Conheço todos os demônios; em sua maioria, eles simpatizavam com meu pai e com minha mãe, e acabei por conhecê-los. — deu de ombros.

Harlan deu um riso nervoso.

— Você fala como se fosse normal. Algo como “ei, são amigos do meu pai, ele é um demônio, o pior de todos, mas eu os conheci num churrasco com carne humana que fazemos todos os domingos”.

Diabla deixou escapar uma risada.

— Ora, e não foi assim que aconteceu? — disse.

Harlan olhou para ela, sem piscar. Seu queixo caíra.

— É brincadeira. — ela disse. — Mas, quando se mora no inferno, é normal que todos os demônios se conheçam. No inferno, as coisas funcionam como funcionam aqui. Ok, não exatamente. Mas de certa forma, sim. — deu de ombros. — E Lúcifer não é o pior demônio de todos. Ele é só um príncipe.

Harlan arqueou uma sobrancelha.

— E tem pior, então?

— Claro que tem. — Diabro descruzou as pernas. — Definimos os piores pelas quantidades de legiões infernais que eles têm, e por sua força, adquirida ou por nascença, ou por poder espiritual adquirido com o tempo ou com a matança. Nos últimos anos a escala de pior demônio andou mudando, por causa da Segunda Guerra Mundial, Guerra Civil, essas coisas... Os demônios aproveitavam as mortes causadas nesses incidentes e alimentavam-se dos espíritos dos soldados, que eram em geral, muito fortes. Volta e meia um demônio subia de uma até dez escalas... Mas agora relaxou em um. Ayperos. Tão pior quando Abbadom ou Abraxas.

— Não entendi raios algum — Harlan disse. —, mas tudo bem.

Diabro deu um meio sorriso.

— Imaginei que não entenderia. Não é um assunto fácil de se entender, ou de falar. Ao menos que seja demônio, é claro.

Eles ficaram em silêncio durante alguns segundos, apenas fitando o chão. Diabro suspirou e Harlan disse, com calma:

— Qual é o demônio da vez?

Diabro levantou os olhos para ele.

— Cresil.

— E quem é esse aí?

— É o demônio da impureza — Diablo se remexeu, desconfortável.
— Trombei com ele poucas vezes, mas não consegui pegá-lo. Ele sempre dá um jeito de fugir. — suspirou. — Ele tem feito coisas terríveis.

— Como o quê, por exemplo? — ele perguntou se aproximando da cama, onde Diablo estava sentada.

— Ele tem estuprado e espancado adolescentes. — Diablo olhou para ele. — Eu estou caçando ele há um tempo, acredite em mim. Mas ele é impossível; é veloz, ágil, inteligente. No começo, achei que fosse impossível de encontrá-lo, pois ele não deixava rastro, pistas, nada. Mas um dia eu acabei o encontrando. Ele me hipnotizou, tirou parte da minha energia e foi embora. — explicou, dando de ombros.

— E você está lidando com um cara desse tipo? — Harlan quase berrou. — Pelo amor de Deus, você não pensa? Não pensa no que esse cara, ou melhor, demônio, pode fazer com você?!

Diablo riu.

— Eu não sou feita de vidro, Harlan. — disse com doçura. — Eu também tenho minhas técnicas. Também sei dar um soco, pisar numa perna e dar uma joelhada no ponto frágil, onde o faria gritar como uma garotinha. — sorriu para ele. — E também tenho meus apetrechos. Eu não sou quebrável. Acredite em mim. Sei me cuidar, e muito bem.

Harlan franziu o cenho.

— Mas você parece ser tão... frágil.

— Impressão sua. — ela deu de ombros. — Mas, então... você me desculpa por tudo isso? Tudo o que eu causei, tudo o que omiti — a sua voz foi perdendo o tom enquanto falava, e ela se encolheu um pouco.

Harlan sentou-se na beirada da cama, ao seu lado. Abraçou-a com força e beijou seu rosto.

— É claro que perdoo. Mas com uma condição.

— Pois diga. — ela olhou para ele.

— Não minta mais para mim. Nunca. Quero que seja sempre sincera comigo. Assim você poderá usar meu corpo.

Ela franziu o cenho.

— Não irei mentir para você. — disse. — Mas a maneira como você falou, foi como se... — ela balançou a cabeça. — Como se eu abusasse de você, ou coisa pior, até.

Ele riu.

— Não era essa a intenção.

— Imaginei que não fosse.

Ele puxou-a pela cintura e a colocou no seu corpo. Dera-se conta que ela usava apenas aquela camisola negra quase que transparente, e sem dúvidas, aquela camisola caía muito bem nela.

Seus dedos passearam pelas mechas escuras do seu cabelo, e ele olhou bem no fundo de seus olhos castanhos. Como ela era linda! Acreditava que nunca ia se acostumar com aquela beleza estonteante dela.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou, com a voz rouca, e ainda maravilhado com a beleza dela. — Eu sou digno de sabê-lo?

Diablo olhou em seus olhos por uns segundos. Ela baixou o olhar e depois, olhou em seu rosto novamente.

— Diablo — disse. —, meu nome é Diablo.

Harlan sorriu. Ele não duvidou que fosse; ele confiava cegamente nela naquele momento.

Por fim, ele puxou o rosto dela para mais perto do seu e a beijou.

Diablo abriu os olhos e de imediato, sentiu o sorriso tomar conta do seu rosto. Todavia, o sorriso desapareceu ao pensar nas consequências que aquele sonho traria.

Harlan sabia do seu nome, sabia o que ela era e sabia o que ela fazia. Sabia onde ela estava principalmente — não seria difícil deduzir, pois Manchester era a única cidade onde estava acontecendo essa onda de assassinatos em adolescentes. Harlan descobriria isso em questão de segundos, tendo um computador com acesso a internet. O problema principal agora era: ele viria atrás dela?

Diablo sentou-se na cama da casa onde entrara. Era uma casa de dois andares, com móveis elegantes e bonitos, obviamente caros. A casa estava escura, quieta. Os donos haviam saído de férias e voltariam dentro de algumas semanas. Diablo poderia usar a casa durante um tempo e partir para outra. Entretanto, ela não poderia fixar-se num local, pois seria um chamariz de demônios.

Saiu da cama, sentindo-se melhor do que antes; mais forte, mais alerta. Rodou um pouco pelo quarto, atrás de um telefone. Precisava ligar para Legna para informar o lugar onde estava. Encontrou um telefone apenas na cozinha, no andar de baixo. Assim que pegou, discou.

Demorou até Legna atender. Mas quando atendeu, quase surtou ao escutar a voz de Diablo.

— Ai, meu Deus, Diablo! Onde você estava?! — ela gritava histérica no telefone.

— Eu lhe explico depois. Venha aqui na casa onde eu estou e faça uma proteção. Por favor.

Não deu outra. A ligação fora encerrada e, em menos de um minuto, Legna se materializou ao lado dela, na cozinha. Diabla não levou um susto; estava acostumada com as aparições de Legna. Em suas mãos, já havia uma sacola de plástico, com tudo o que precisava para fazer uma proteção divina, com a tão famosa Vela de Deus. O ritual se repetiu, e como da última vez, Diabla ganhou um corte no centro da palma da mão. O sangue caiu, a vela acendeu e tudo ficou bem. Legna pegou a vela e colocou sobre a mesa e depois se virou para a súcubo, com as mãos na cintura, e disse:

— Explique.

Diabla suspirou.

— Um Chimera me pegou. — disse com calma. — Acabei indo parar nas mãos de Lúcifer. Por muito pouco eu não caio morta no palácio dele. Eu só saí viva por que... — a frase morreu na sua boca. Falaria de Alec — ou melhor, Cresil? Ou não? As coisas poderiam ficar piores caso ela tocasse no nome do demônio.

— Por que... — Legna disse, pedindo continuação.

— Eu consegui escapar. — Diabla disse rapidamente. — Sehedin e Isis me ajudaram — mentiu. —, sabe. Sehedin é meu irmão e ele não quer me ver morta, então...

Legna fungou.

— Estou farejando mentira, Diabla. — ela disse. — Você mente muito mal.

Diabla suspirou.

— Alec me salvou.

Legna engasgou com o ar.

— Alec? — perguntou perplexa. — Alec? Aquele demônio?
Diablo assentiu com a cabeça.

— Ele estava com Lúcifer, no palácio. Lúcifer quis me matar, mas ele disse que iria me torturar primeiro, aí Alec se meteu e disse que poderia começar com a tortura. Quando ele me levou para um quarto, disse para eu fechar os olhos e... Puft. Eu estava em Manchester de novo. — Diablo se encostou à bancada da cozinha. — Ele disse que eu ficaria lhe devendo uma. E que iria cobrar em breve.

— Eu não acredito. — disse Legna pausadamente. — Ele lhe salvou... isso é inacreditável.

— É. — concordou. — Também acho. Mas estou mais preocupada com o que ele vai querer em troca de me salvar. Ele obviamente vai cobrar e, se eu não quiser dar o que ele quer, ele provavelmente vai me levar pra Lúcifer de novo.

— Se Eloistier saber disso? — perguntou Legna preocupada.

— Se ele souber, o que não vai ser o caso... — disse Diablo fuzilando a anjo com os olhos. — Legna, por favor, não conte nada para ele. Ele vai surtar. Capaz dele mesmo vir atrás de mim e me entregar para Lúcifer. acredite, eu não duvido disso.

— Nem eu. — Legna suspirou e cruzou os braços. — Desde a morte de Josey, ele tem ficado meio perturbado, louco atrás de vingança. Ele está ficando pirado, Diablo. Sério. — ela olhou para a súcubo, com os grandes olhos cor turquesa a fitando. — Eu estou preocupada caso faça alguma besteira. Ele está ficando impaciente, quer a cabeça de Alec logo... Ou melhor, Cresil.

— Ah — Diablo deixou escapar. — Então você descobriu.

— Sim — Legna disse. — Eu fiz minhas pesquisas. São poucos os demônios que procuram relações sexuais em humanos. Demorou até que eu me desse conta de que era ele. Afinal, céus, ele é o demônio da impureza. Como eu nunca havia pensado nisso antes? — ela falou indignada. — Eu iria lhe falar naquele dia, mas você simplesmente resolve desaparecer, sendo levada por uma droga de uma Chimera.

— Uma Chimera bem grande, devo dizer. — Diablo disse. — Eu fiquei com medo. Sério. A criatura era a maior que eu já tinha visto, e estou com receio de que Lúcifer vá mandá-la atrás de mim de novo. Afinal, conseguir me pegar através daquela fera foi fácil demais. Ela fez uns estragos na cidade, mas me trouxe na boca dela como um belo cãozinho trás o seu osso.

Legna riu.

— Seria bem digno, devo dizer.

Dessa vez, as duas riram juntas.

— Bem, Legna... Eu tenho que trabalhar. — disse, dando um meio sorriso. — Preciso encontrar Alec, ou Cresil, tanto faz... antes que ele faça outra atrocidade.

— Tudo bem. — Legna assentiu com a cabeça. — Vou mandar lembranças a Therual. Ele ficou preocupadíssimo com o seu desaparecimento repentino, Diablo.

— Imagino — ela riu amargamente. — Ele ao menos se dignou a abrir uma garrafa de champanhe quando descobriu que um Chimera me abocanhou em uma rua destruída de Manchester?

— Quase isso. Se anjos pudessem beber champanhe... Digamos que ele deliciou-se com um belo vinho. — Legna deu um sorriso malicioso. — Aliás, um de nossos anjos, o Anjo do Esquecimento,

deu um jeito para que as testemunhas não se lembrassem de nada do que aconteceu com o Chimera e com você pela cidade. Ela foi reconstruída, aliás. Nessa parte, Therual foi obrigado a ajudar em alguma coisa. Apenas ele sabe reconstruir as coisas sem defeitos algum. Os outros anjos... — sua voz abaixou e ela deu de ombros.

— Novatos — Diabolo debochou.

— Novatos — Legna riu. — Mas, tudo bem então. Até logo, Diabolo.

— Até, Legna.

Numa pequena explosão de luz controlada, Legna desapareceu, deixando Diabolo sozinha na cozinha.

A súcubo acabou por perceber que usava apenas aquele vestido negro em que fora vestida quando estava no palácio de Lúcifer. Ela seguiu para o quarto e depois até o guarda-roupa, encontrando algumas roupas elegantes demais para ela. Deu um meio sorriso. Ela poderia dar um jeito naquilo. Pegou um casaco de pele grande demais para seu tamanho e apertou-o. O mesmo entrou em chamas, e quando Diabolo estalou os dedos, o fogo apagou, deixando o casaco inteiramente negro e pouco encolhido. Caçou uma calça jeans escura, um par de botas e vestiu tudo. O casaco caiu bem melhor nela do que o velho capote que ela costumava usar. Ela suspirou, confortável.

Percebeu que, na prateleira vazia ao lado do grande espelho do luxuoso quarto, encontrava-se uma caixa preta de madeira, com uma tranca prateada. Ela seguiu até a caixa e a abriu.

Uma bela pistola prateada encontrava-se lá. Munição com água benta. O famoso isqueiro celestial de Therual. Alguns pedaços de madeira pequenos do tamanho de uns palitos de dente para poder incendiar e jogar nos demônios.

E, por fim, no meio da caixa com cobertura de veludo, encontrava-se um bilhete. Um pedaço de papiro. Ela pegou cuidadosamente, com medo de que fosse rasgar, de tão velho que parecia, o desdobrou e viu, escrito de maneira firme e elegante:

Boa Sorte.

T

Ela levantou a cabeça para o alto e riu. Olhou para o teto e disse:
— Eu sei que você me ama, colega.
Um raio estourou no céu e ela riu novamente.

— Eu espero sinceramente que você não me decepcione, Roesia.
A mulher pálida e loura de olhos cinzentos sorriu para ele, orgulhosa.

— Não irei lhe desapontar, meu senhor. Acredite em minhas palavras.

O homem sorriu.

— Certamente acredito — ele passou os dedos na ponta do encosto da cadeira. — Entendesse bem seu dever?

— De fato.

— Então vá. Não aceitarei fracasso, de maneira alguma. Não volte para esse lugar sem o corpo daquele rapaz.

— Não voltarei até consegui-lo, meu senhor — ela sorriu docemente. — Além do mais, devo dizer que estou honrada por ser

escolhida para realizar uma tarefa dessas, meu senhor. Sempre imaginei que meus poderes eram descartáveis para vossa senhoria.

— No começo eram, de fato — o homem admitiu, mas mesmo com aquela confissão, o sorriso do rosto da mulher não desapareceu ou caiu um pouco sequer —, mas agora, diante de uma situação delicada como essa, não vejo pessoa melhor para realizar essa tarefa, cara Roesia.

Os olhos cinzentos da loura brilharam. O sorriso em seu rosto aumentou.

— Obrigado, meu senhor, por me confiar tamanha responsabilidade.

O homem apenas deu um meio sorriso e assentiu com a cabeça. A loura abaixou a cabeça e, num piscar de olhos, desapareceu da vista do homem. Ele relaxou na cadeira e bufou, irritado.

— Pensei que nunca me livraria dela! — ralhou. — Sulpicia, refresco.

— Sim, caro Lúcifer.

A súcubo ao seu lado pegou um jarro de vidro com um pouco de um grosso líquido vermelho vivo com cubos de gelo. Pegou um copo de vidro e despejou um pouco do líquido e entregou para o homem sentado no trono. Lúcifer bebeu tudo em apenas um único gole.

— Mas, sem querer me intrometer senhor, qual o motivo de o senhor falar com ela?

Lúcifer sorriu.

— Ela é uma das únicas maneiras de atingir minha tão adorada filha — disse despejando um pouco de sarcasmo nas quatro últimas palavras. — Uma das poucas pessoas em que eu confiava era Cresil, mas ele a ajudou a escapar de meu castelo. Os outros demônios são

inúteis. A cada dez que mando, onze acabam morrendo. Então, um dos meus subordinados descobriu uma maneira de atingi-la. Mal posso esperar o resultado. — sorriu maliciosamente.

A súcubo ao seu lado sorriu.

— Seu demônio é um gênio, meu senhor. — Sulpicia disse. — Poderia eu saber quem ele é?

— Mas é claro, minha querida — ele disse com um sorriso. — Ele é Roudin, filho de Sammael.

— Ei Harlan, qual é? Vamos lá! — um rapaz de cabelos escuros com pele morena insistiu. — Só uma noite, cara. Há quanto tempo você não sai para beber?

Harlan revirou os olhos.

— Desde que... — ele começou, mas logo fora interrompido:

— Fala sério, Harl — a garota de cabelos castanho-claros disse — Olha, assumo, ok? Eu não tenho preconceito. Fale para todo mundo que você é gay. Você é, não é? Não sai com os seus amigos e eu nunca lhe vi com alguma garota! — seu tom de voz era de deboche.

Harlan abriu a boca para responder duas vezes, mas não disse nada. Isso porque você não sabe dos meus sonhos, ele pensou. Segurou-se para não dizer aquilo, pois o que poderia ser as mil maravilhas para ele, seria de fato, uma eterna piada para ser lembrada pelos seus amigos.

— Tudo bem. Eu vou. — rendeu-se.

O rapaz e a garota deram um grito alto e animado.

— Vamos lá então, garanhão!

Harlan suspirou.

— Eu só tenho que ir para o dormitório trocar de roupa e...

Mas novamente, fora interrompido.

— Trocar de roupa? — a garota reclamou. — Harl, você está simplesmente ótimo desse jeito — ela olhou para a calça jeans que ele usava e a camiseta polo branca com listras azuis escuras. A camisa era um ou dois números menor, o que realçava seus músculos. A garota evitou morder o lábio inferior. — Eu lhe pegaria de jeito.

Harlan revirou os olhos.

— Kelly, eu me recuso a lhe responder.

— O quê?! — o amigo moreno berrou. — Você acaba de dar um fora na Kelly?

— Ela supera — Harlan disse com indiferença.

— É, eu supero, Charles. — Kelly disse com a voz amarga. — Eu sempre supero, não é mesmo? — seus olhos estreitaram na direção do rapaz. Ela seguiu até o estacionamento logo ao lado deles, marchando furiosamente. Os dois amigos poderiam jurar ver o piso rachar sob seus pés.

— Cara — Charles disse. —, eu definitivamente não esperava por essa.

Harlan bufou.

— Vamos lá, Charlie.

Os dois seguiram até o estacionamento, indo atrás da garota. Kelly havia sentado no banco da frente, de braços cruzados e cara emburrada. Ela estava com um bico gigantesco; provavelmente ficaria assim até encontrar um copo cheio de vodca e um cara para

ficar aos beijos a noite inteira. Aí ela se animaria e esqueceria o que Harlan dissera mais cedo.

Charlie ficaria com o volante, deixando Harlan atrás, sozinho. O mesmo cruzou os braços da mesma maneira que Kelly, que não deu um pio durante o trajeto da universidade até a boate onde Charlie levaria os amigos.

Não demoraram a chegar. Charlie estacionou o carro a uma boa distância da boate, por falta de estacionamento. O céu já estava quase que escuro; com cores que iam do azul ao roxo, já mostrando a lua e algumas estrelas.

O trio seguiu até a boate, com Kelly à frente, ainda de braços cruzados e emburrada. Seu salto agulha fazia um barulho chato quando batia contra a calçada, o que deixou Harlan levemente irritado. Kelly Wemm adorava fazer uma birra.

Antes mesmo de passarem pela porta de entrada onde dois seguranças vestidos de preto estavam, o trio já podia escutar a música bate-estaca que vinha do local. Puderam ver as luzes vermelhas, azuis e roxas brilhando lá dentro e girando loucamente.

Eles entraram juntos. A música invadiu os ouvidos de Harlan, assim como dos outros dois. Kelly já havia desaparecido, ido obviamente até o bar dar uma namorada numa garrafa de Absolut — a sua eterna namorada, esposa, amante, rolo, casinho... Como os amigos diziam.

Harlan andou um pouco pelo local, espremendo-se entre as pessoas que contorciam seus corpos conforme a música. Procurava entre as garotas de cabelos escuros, um rosto familiar; procurava por ela. Ele não conseguia segurar a vontade de encontrá-la, que a cada dia tomava conta dele. Fantasiava em acabar encontrando-a

por acaso, na universidade ou por algum canto de Bristol. Queria poder tomá-la nos braços e beijá-la como fazia nos sonhos que tinha com ela. Uma chama de esperança cresceu quando descobriu que ela de fato existia.

Entretanto, ele sabia que essa sua fantasia não iria se realizar; não tão cedo, ao menos.

Ele foi até o bar, tombando com Charlie que já estava dançando com uma garota loura de cabelos curtos, com uma roupa tão curta que dava para ver quase tudo. Logo avistou Kelly, perto do bar, que estava num beijo tão profundo e ardente com um rapaz que não sabia dizer qual mão era de quem no meio daquilo.

Pedi um drinque razoavelmente forte. O barman riu e encheu um copo com vodca e misturou com algumas coisas que não viu. Assim que barman terminou, ele estendeu o copo até Harlan, que por fim, deu seu primeiro gole.

Aquilo parecia fogo puro. Sua garganta queimou insuportavelmente, e com ela, seu corpo. Sentiu um arrepio na espinha e também sentiu todos os seus pelos no braço se eriçarem rapidamente. Foi como se tivesse levado um choque. Mas uma coisa que ele tinha de admitir é que aquele drinque era muito, muito bom.

Rodou um pouco mais pelo local, sempre bebericando a bebida — e quando percebeu, já havia terminado. Largou o copo em uma mesa qualquer e seguiu até a pista de dança que estava apinhada de gente. Mas, assim que chegou à pista, já quis sair.

De longe, ele pôde ver aqueles reconhecíveis olhos castanho-escuros, quase negros, assim como os cabelos ondulados e bem arrumados. A maquiagem que ela usava nos olhos era um pouco

escura, mas combinava exatamente com ela. Seus lábios eram vermelhos sangue, e ela usava uma roupa inteiramente preta.

Ele não conseguia acreditar naquilo. Era mesmo ela. Diabla. A mesma súcubo que invadia seus sonhos todas as noites, a fim de transar com ele.

Ele piscou e forçou sua vista, pensando que era uma miragem. Ou qualquer coisa que fosse. Ele não conseguia acreditar que era ela de fato, até ela sorrir gentilmente para ele e abrir espaço entre as pessoas para chegar até ele.

Seu corpo parou no mesmo segundo. Ele não conseguia se mover; seus olhos estavam presos nos olhos castanhos da mulher-demônio de seus sonhos. Seu coração batia descompassado e rapidamente em seu peito, parecendo que poderia explodir a qualquer momento.

Diabla se aproximou. Exibiu um sorriso gentil e tocou o meio do peito dele com a mão direita. Suas unhas negras e longas tocaram o tecido da blusa.

— Ei. — disse ela suavemente.

Não importava se a música estava incrivelmente alta, ou se as pessoas não paravam de berrar conforme a letra da música. Harlan conseguiu escutar aquele “ei” como se não houvesse mais barulho algum ao seu redor.

Ele arfou.

— Ei — disse. —, você por aqui.

Logo se arrependeu. Que coisa idiota de se falar, pensou. Mas seus pensamentos estavam a mil. Ele mal sabia o que dizer.

O sorriso gentil permaneceu nos lábios de Diabla.

— Senti sua falta. — disse. Levou sua mão até o pescoço dele, e do pescoço passou para a nuca. O puxou para mais perto e lhe deu

um beijo suave.

Harlan não demorou quanto a isso. Levou suas mãos até a cintura dela e a puxou, levantando-o um pouco do chão. Aprofundou o beijo, e logo pode sentir as mãos dela em seus cabelos.

Mais cedo do que queria e do que esperava, eles se separaram. Harlan ofegou e olhou para ela, franzindo o cenho. Ela deu um sorriso torto e pegou com firmeza em sua mão. Ele pode ver os lábios vermelhos e pouco borrados dela dizerem: “venha comigo”.

Ele não contestou. Deixou-se ser levado até uma porta nos fundos da boate, que dava para um velho beco sujo, típico de umas ruas abandonadas de Bristol. Ao fechar a porta atrás deles, Diablo jogou-o contra a parede de tijolos à vista e o beijou. Entretanto, dessa vez não havia tanto carinho como antes. Desejo. Havia apenas desejo.

Diablo despiu a jaqueta de couro preta que usava e a deixou cair ao chão, mostrando a regata preta que usava. Voltou a beijá-lo imediatamente.

Harlan estava indo ao delírio. Estava, por fim, junto dela, como sempre quis estar — ou seria apenas algum efeito da bebida? E se ela não estivesse realmente lá?

Não importava realmente. Desde que fosse ela, para ele estava tudo bem.

Mas chegou um momento em que a súcubo parou de beijá-lo nos lábios. Ela beijou seu queixo, seu maxilar e foi descendo... Até chegar em seu pescoço. Depositou um beijo leve e depois, uma pequena e suave mordida. Harlan gemeu baixo. A mão da súcubo partiu para seus cabelos e o puxou, um pouco para o lado.

Harlan não se preocupou até o momento exato.

E esse momento exato foi quando ela simplesmente mordeu de verdade o seu pescoço.

Ele grunhiu, segurando a dor. O que ela estava fazendo?!

— Mas o que... — ele tentou perguntar, mas logo um grito de dor escapou dos seus lábios quando ela cravou os dentes no seu pescoço mais uma vez. Ele pôde sentir os caninos perfurarem sua pele e soltarem algum tipo de veneno pelo seu pescoço... O seu corpo queimava. Queimava intensamente.

Ele se contorceu e logo sentiu que os braços dela não estavam mais em torno de seu pescoço. Grunhiu e pode ver o sangue escorrer pelo seu pescoço e chegar até a gola da polo impecavelmente branca. Seu pescoço doía e ardia e seu corpo queimava. Ele deixou que suas pernas fraquejassem e que seu corpo caísse no chão, sentado. Ele se contorcia de dor.

Levantou os olhos, procurando-a. Por que ela fez isso? Por quê?, ele se perguntava em sua mente. Até que a encontrara.

O par de pernas pálidas estava à mostra. Pudera ver o sapato de salto negro, mais ou menos dez centímetros. Levantou os olhos um pouco mais. No lugar das calças jeans, estava uma saia preta surrada e um top igualmente preto. Os cabelos eram louros e levemente ondulados nas pontas, os olhos eram cinzentos. Entre tudo isso, o rosto era impecavelmente bonito e perfeito... Se não fosse o par de caninos longos e manchados de sangue.

— O meu senhor vai adorar saber que obtive sucesso — ela disse triunfante.

— Onde... Onde...

— Aquela coisa? — a loura perguntou com deboche. — Ora, vocês humanos são tão idiotas... É tão fácil enganá-los! Ela nunca esteve

aqui, rapaz. Nunca. E acredito que, para lhe deixar completamente desprotegido numa cidade como essa, ela nem tenha intenção de aparecer. Coitadinho.

A risada ecoou pelo beco, e a queimação no corpo de Harlan aumentou, deixando-o atordoado.

A última coisa que ele pensou antes de apagar foi: Diablo.

Quinze.

Diablo andava por uma rua qualquer de Manchester. Começara a escurecer havia pouco tempo, mas já era quase oito da noite. Ela estava com uma sensação estranha; de que algo ruim fosse acontecer, mas não deu bola. Coisas ruins acontecem com ela o tempo todo. Ela já estava acostumada, fez disso sua rotina. Por um milagre, os jornais de Manchester não estampavam nada em suas manchetes em relação ao Fantasma — para Diablo, nem tão fantasma assim —, caso ele tenha raptado outra adolescente.

Ela sabia que, mesmo que ele a tivesse salvo das torturas de Lúcifer, e que eles tenham quase que virado — ah, não, eca! — “amigos”, ou pelo menos um terço disso, ele não deixaria de uma hora para outra de dar uns pegas em uma adolescente virgem, umas porradinhas, matar, e depois desovar o corpo por aí. Não. Era algo que ele obviamente continuaria fazendo, até que Diablo o detivesse. E para isso, ela só tinha uma única opção: matá-lo.

Ela era obviamente, contra isso. Ela não queria matá-lo. Ela queria torturá-lo e fazer com que ele passasse por toda a dor que ele causou àquelas adolescentes. Infelizmente, ela tinha que matá-lo depois — havia sido uma ordem de Therual e, obviamente também, de Eloistier. Se ela o pegasse e não o matasse, sem dúvidas Eloistier e Therual participariam da temporada de Caça a Diablo (como se já não tivessem demônios o suficiente, loucos por sua cabeça).

Diablo parou de andar. Uma sensação estranha tomou conta do seu corpo. Era algo realmente ruim. Algo estava a assustando de alguma maneira, mas ela não sabia explicar o que era.

Imediatamente, lembrou-se da ligação que tinha com Harlan. Quando um demônio — íncubo ou súcubo, principalmente — tem algum tipo de ligação muito forte com um humano, o demônio pode, pelo mínimo que seja, sentir o que o humano sente. Quanto mais forte a ligação, mais forte o demônio pode sentir o que “seu humano” sente. Embora a relação amigável entre demônios e humanos seja muito rara.

Ouviu um barulho ao seu lado. Ela rapidamente olhou, imaginando que tenha sido um demônio.

De fato, era. Mas não era um que queria sua cabeça. Pelo menos assim ela pensava.

Ela se virou totalmente para ele. Sehedin se aproximou dela e colocou as mãos em seus ombros. Seus olhos escuros fixaram-se nos dela e ele disse, seriamente:

— Eu não posso demorar. Mas só tenho um aviso para lhe dar, Diablo.

Ela arqueou uma sobrancelha, preocupada.

— Fale.

— Não confie em Roudin. — disse pausada e seriamente. — Ele está morto de raiva de você. De alguma maneira, ele descobriu sobre o “seu humano” — enfatizou as duas últimas palavras —, e a delatou para Lúcifer. Não faz muito tempo que ele mandou aquela vampira Roesia, que também é uma súcubo, uma das filhas de Lilith atrás de...

— Roesia?! — guinchou Diablo. — Ele a mandou atrás de...

De repente, Diablo gritou. Era um grito alto, agudo e de dor. Uma queimação se espalhou pelo seu corpo como se ela tivesse se jogado em uma fogueira gigantesca. Cada célula do seu corpo ardia

loucamente, causando uma dor insuportável. Entretanto, seu corpo estava intacto. A queimação que sentia era o efeito da ligação — e, no caso de Diablo, uma ligação muito forte.

A queimação foi amenizando, até parar completamente. Ela arfou e sentiu seus joelhos tocarem o chão. Sentiu uma pontada de dor quando ofegou. Ela levantou os olhos para Sehedin, que estava de joelhos a sua frente.

— Merda. — ela deixou escapar com a voz rouca e baixa.

— Ela o mordeu. — Sehedin sussurrou. — Ah, bosta, bosta, bosta! — repetiu freneticamente. — Eles vão usá-lo contra você agora que o morderam. Tome cuidado. Vão usá-lo para lhe atingir. Ele obviamente vai se transformar num vampiro. Dos maus. Se bem que não existem vampiros bons.

Diablo não escutava uma palavra do que Sehedin dizia. Nada daquilo importava. A única coisa que importava naquele momento, rodava em seus pensamentos: ela o havia perdido. Para sempre.

A grande porta da sala principal se abriu. Lúcifer arqueou uma sobrancelha grossa ao ver o grupo de demônios trazendo um corpo e, logo na frente deles, a vampira loura de olhos cinzentos vinha, os guiando. Ela tinha um sorriso malicioso e ao mesmo tempo triunfante plantado em seu rosto.

— Ora, ora, ora — Lúcifer disse dando um sorriso. Ele olhou para Sulpicia ao seu lado e estalou os dedos. — Traga Roudin aqui. Precisamos ter certeza de que é ele.

O sorriso da vampira desapareceu e ela fez uma careta.

— Ora, meu senhor, é claro que é ele. — disse. — Eu senti isso. E ele ficou deslumbrado quando me viu na forma de sua filha.

Lúcifer riu.

— Cara Roesia, digamos que a minha filha seja muito bonita. Bonita até demais para uma súcubo. — ele disse com indiferença. — Qualquer ser humano ficaria deslumbrado com sua beleza.

Roesia ajeitou sua postura, desconfortável.

A porta se abriu novamente. Roudin apareceu, inteiramente vestido de preto — de luto eterno pela mãe.

Lúcifer gesticulou com a cabeça para o corpo inconsciente que havia sido colocado sobre o tapete escuro e grosso, colocado no centro da sala principal.

Roudin olhou para Roesia e perguntou:

— Há alguma mudança física após a mordida antes de completar a transformação?

Roesia balançou a cabeça negativamente.

Roudin assentiu com a cabeça e se aproximou do corpo, analisando. Ficou quase três minutos inteiros analisando cada parte do corpo do rapaz. Enfim, se virou para Lúcifer e disse:

— É ele. Pelo menos o que eu vi na visão, tenho certeza de que é ele.

Roesia olhou confusa para os dois.

— Visão? — perguntou. — Que visão?

Roudin olhou para ela, com os olhos verdes faiscando. Seus olhos não tinham o mesmo brilho de antes. Estava opaco, sem vida. A morte de Lilith afetou mais a ele do que aos outros. As filhas de Lilith, as Alrunes — agora, algumas servindo como escravas para

Lúcifer — haviam superado, ainda que guardem um ódio mortal por Diablo. Mas Roudin... esse não superou. E não perdoou.

— Eu falei com uma Alrune que tem clarividência. Perguntei-lhe como eu poderia atingir minha irmã. Ela me tocou e mostrou esse rapaz. Disse que, eu o machucando, a machucaria também, pois eles tinham uma ligação, e muito forte.

Roesia arfou.

— Ok! — ela disse. — Você só queria machucá-lo para machucá-la também?! — ela estava indignada.

Roudin deu um meio sorriso.

— A ligação de minha irmã com esse humano é muito forte, Roesia. Algo que eu poderia chamar de... como é mesmo? Ah, sim. Amor. — disse a última palavra com nojo. — Nós o usaremos quando a transformação dele se completar. O usaremos contra ela, pois duvido sinceramente que ela vá conseguir lutar direito contra ele sem acabar vendo sua forma real e amolecendo.

Roesia arqueou uma sobrancelha.

— Parece uma ideia inteligente. — disse.

— É inteligente. — Roudin quase rosnou.

Roesia sorriu para ele.

— Pena que não vai funcionar.

Roudin rosnou dessa vez.

— Por que não?

Roesia manteve o sorriso no rosto e cruzou os braços abaixo do peito, de maneira sutil e delicada.

— Em quanto tempo vocês pretendem agir contra ela? — perguntou.

— O mais cedo e mais rápido. — Lúcifer disse olhando para a vampira de maneira curiosa.

— Então, de fato, não vai funcionar. Não tão cedo. — ela disse simplesmente, sorrindo e exibindo os dentes alinhados e brancos; principalmente os caninos visivelmente afiados. — O veneno do vampiro se espalha demasiadamente devagar pelo corpo. Todo o processo de transformação leva no mínimo, sete dias. Pode levar mais, é claro. Isso é, se ele não morrer quando o veneno chegar ao coração, pois isso também pode acontecer.

— Eu não sabia disso. — Roudin grunhiu.

— Devia ter feito a tarefa de casa, querido. — ela lhe lançou um sorriso falsamente simpático e Roudin lhe devolveu com um grunhido. — Há mais tempo também para a domesticação. E para que ele tome a forma que vocês desejam e seja completamente submisso, devem dar sangue de demônio para ele. Se ele beber sangue humano, terá a forma de um ser humano comum.

— Qual o problema do sangue de demônio? — Lúcifer perguntou.

— O sangue negro de demônio tem substâncias que causam mutações genéticas irreversíveis. Deformidades no rosto ou no corpo, ou até adição de alguma coisa. Asas, rabo, chifres, garras. Além de ter um gosto muito, muito ruim. Mas, para matar a sede, nós bebemos qualquer coisa. — ela deu uma risadinha.

A sobrancelha grossa de Lúcifer se arqueou.

— Você já bebeu, então? — perguntou.

— Uma vez, apenas — confessou. — Eu estava com muita sede e sem poder para poder migrar para a Terra. Sequei um demônio da legião de Ronwe e ganhei um presentinho pouco agradável.

— Mostre-nos. — Roudin ordenou.

Ela deu de ombros, pouco ligando para a grosseria do demônio. Tirou o casaco que usava e puxou os cabelos para frente. Puxou a barra da camisa negra que usava para cima, deixando as costas nuas. Virou-se de costas para Lúcifer e arqueou as costas. Havia dois pequenos riscos negros que não deviam nem ter mais do que três centímetros, na diagonal em suas costas, que se alargaram para cima e deles, saiu um par de asas de morcego. Longas, grandes e negras asas de morcego.

— Inacreditável. — ela ouviu Lúcifer murmurar ao mesmo tempo que Roudin balbuciava “aberração”.

— É bem útil quando preciso chegar rapidamente em algum lugar — Roesia disse com indiferença. — E é bem fácil de escondê-la — deu uma risadinha. — O demônio que sequei tinha asas de morcego. Intrigante, não? Toda vez que um vampiro seca um demônio, ele adota alguma de suas características. Nunca se sabe qual você vai pegar... Pode ser a deformidade no dedo do pé ou um belo par de chifres de Baphomet... É uma caixinha de surpresas.

Roudin não disse uma palavra sequer. Roesia escondeu as asas, fazendo-as diminuir e voltar para os riscos negros que tinha em suas costas, para debaixo da pele onde, no lugar, ficou uma mínima elevação. Se pintasse, poderia dizer que era uma tatuagem. Ela ajeitou a blusa que usava e virou-se para Lúcifer com um sorriso.

Ele o retribuiu e depois, olhou para Sulpicia, que estava ao seu lado olhando embasbacada para Roesia. Ela piscou e olhou para Lúcifer em seguida. Ele lhe disse:

— Separe todos os piores demônios para daqui a sete dias, todos de minhas legiões — disse com diversão. — Vamos preparar um banquete para esse rapazinho.

— Diabolo.

Silêncio.

— Diabolo...

Silêncio.

— Diabolo!

A súcubo saiu do transe com o grito do irmão mais velho. Ela olhou para ele com os olhos arregalados.

— O que foi? — perguntou.

— Vamos embora! — ele sibilou. Sua mão pegou a dela com força e a puxou para longe.

— O que está acontecendo?! — perguntou.

— Olhe para trás e tire suas próprias conclusões! — disse Sehedín enquanto corria, levando Diabolo consigo.

Diabolo olhou para trás e logo se assustou. Há pelo menos vinte metros deles, uma Chimera de tamanho médio, uma Fúria — que Diabolo julgou que fosse Megera —, e dois Baphomets vinham em sua direção. A Fúria vinha voando e guinchando. Os Baphomets vinham correndo com suas pernas de bode, com as mãos humanas empunhando longas e perigosas foices. Eram lâminas negras, grandes, afiadíssimas e manchadas de sangue. Passe a ponta do dedo numa dessas e, se você não perder parte do dedo, perde a superfície da pele e o que vem depois.

Diabolo fez uma careta e voltou a olhar para frente, observando o caminho para onde Sehedín a arrastava. O mesmo corria para um lugar qualquer, tomado pelo medo. Diabolo ofegou por um segundo e

sentiu o cheiro de enxofre invadir suas narinas. O cheiro vinha da direita.

Exatamente onde Sehedin seguia.

— Cuidado! — ela gritou e puxou-o para trás. Sehedin tombou contra ela e no mesmo lugar onde ele estava, um machado gigante achatara o chão. Sehedin ofegou. Um gigante Minotauro aparecera na rua em frente à deles, segurando o gigante machado.

— Merda! — Diablo e Sehedin disseram juntos.

O Minotauro rugiu.

— Teletransporte! — Diablo gritou.

— Eu preciso de concentração! — Sehedin gritou.

— Agora não é uma boa hora para se concentrar?! — Diablo estava histérica.

Sehedin respirou fundo e olhou para trás. As criaturas estavam muito mais perto. Alguns passos e eles poderiam tocar no casal de irmãos.

— Se der alguma coisa errada — ele disse com a voz pouco trêmula. — Saiba que não é minha culpa!

— Tá, tudo bem! Anda logo!

Sehedin fechou os olhos.

O Minotauro ergueu o machado gigante, a Fúria bateu as asas e desceu, rápida como uma águia. Os Baphomets se aproximaram e a Chimera rugiu com a sua cabeça de leão. O Minotauro abaixou o machado.

Mas nada atingiu. Apenas a estrada. A Fúria guinchou quando tombou com o machado. A Chimera rugiu mais alto do que antes e os Baphomets se trombaram, por pouco um não matando o outro.

Sehedin e Diablo haviam sumido.

Diablo sentiu seus pés tocarem o solo diferente ao que era do asfalto. Era piso. Ela abriu os olhos e arfou.

— Merda! — ela disse.

— O quê? — Sehedin abriu os olhos. Ele não conseguiu dizer nada. Estava pasmo demais.

Os dois estavam cercados por obras de Van Gogh, Picasso, Da Vinci, dentre vários outros artistas. Eles estavam situados no meio do tão famoso Louvre.

— Nós não podemos nos mexer. — Diablo disse, olhando para os lados. — Tem sensores de movimento por aqui.

— Eu acho melhor nós nos teletransportarmos ag... — ele se virou para Diablo. Entretanto, a ponta do seu pé direito atingiu um raio vermelho de laser. O alarme disparou e os dois estremeceram juntos.

— Você acha? — Diablo indagou. — Pense em um lugar dessa vez, como, sei lá... Um cruzamento de Manchester.

— Por que você não faz isso?

Diablo bufou.

— Que saco. Tudo bem. — ela revirou os olhos. — Segure bem firme no meu braço. Sei exatamente para onde irmos.

Sehedin segurou firme no braço de Diablo. A súcubo fechou os olhos e se concentrou no quarto chique da casa onde ela estava “hospedada”.

De repente, ela sentira uma vertigem e ao mesmo tempo, sentiu seus pés tocarem o tapete da porta da casa. Ela abriu os olhos, sentindo a bile subir e descer pela sua garganta.

— Por que paramos aqui? — ela se perguntou.

— Deve ser porque eu não tenho permissão para entrar. —
Sehedin disse.

— Agora tem. — Diabolo disse dirigindo-se até a porta. Ela abriu-a e entrou na casa. — Entre, Sehedin.

Sehedin caminhou até a porta e entrou na casa sem problemas.

— Você está horrível. — ele comentou.

Diabolo suspirou.

— Odeio teletransportar. Digo, quando eu estou conduzindo. Eu não costumo usar, e o uso me desgasta. Estou exausta.

Sehedin assentiu com a cabeça.

— Você passou por muita coisa nos últimos minutos. Precisa descansar. — ele disse. — Vá se deitar. Eu vou voltar para... Casa. — disse ele com nojo. — Ou seja lá o que aquilo for. Se eu ainda puder chamar aquilo de casa.

Diabolo deu um sorriso torto.

— Tudo bem. — disse ela, com a voz arrastada. — Vá, antes que Lúcifer suspeite. Isto é, se ele já não estiver suspeitando.

Sehedin deu um meio sorriso.

— Cuide-se.

— Você também.

— Eu irei.

— Mande um oi para a sua nam... digo, para Isis.

Sehedin riu.

— Tá. — disse. — Até mais.

Ele teletransportou, e desapareceu na frente de Diabolo. Ela suspirou e seguiu até a sala. Sentia-se cansada demais para subir as escadas. Deitou-se no divã que havia próximo aos sofás da sala e fechou os olhos.

Caiu no sono quase que imediatamente.

Diablo sentia-se confortável. Podia sentir a textura das cobertas abaixo de si. Era macia e muito mais confortável do que qualquer outra. Ela se imaginava deitada numa cama de algodão. Ou em uma fofa nuvem branca.

Mas, imediatamente lembrou-se que ela não se deitara na cama para dormir. Ela se deitara no divã.

Abriu os olhos e observou o local. Não se surpreendeu ao ver que estava no quarto das paredes avermelhadas. Talvez até esperasse por isso.

Sentou-se na cama. Olhou para os lados e não demorou a encontrá-lo. Entretanto, ele não era quem ela esperava encontrar. Ela tinha esperanças de que Harlan estivesse lá. Mas não era Harlan que estava sentado na poltrona vermelha, usando uma calça de pijama preta.

Era Alec.

— Ei. Boa noite.

Diablo fechou a cara para ele.

— O que você quer? — perguntou.

Ele riu.

— Eu salvo a sua vida e é assim que você me recebe? — disse ele em um tom divertido. Diablo não respondeu. Apenas estreitou os olhos na direção dele. Ele sorriu e disse: — Eu soube do “seu humano”.

Diablo grunhiu.

— Acredito que você tenha um dedo de culpa nisso. — disse ela com amargura.

— Na verdade, não. — Alec disse. — Foi uma Alrune que me contou. Ela também disse que Lúcifer quer a minha cabeça, como ele quer a sua. Afinal, eu o traí e lhe ajudei.

— Ninguém lhe obrigou a me ajudar — Diablo disse secamente. — Você me ajudou porque quis. Ninguém colocou uma foice de Baphomet no seu pescoço. Agora você terá de arcar com as consequências.

— Verdade. — ele sorriu. — Eu quis lhe ajudar, sem ninguém me obrigar. — ele pareceu refletir por um segundo. — Achei que valeria a pena.

Diablo bufou.

— Não enrole.

O sorriso de Alec logo se alargou.

— Sem o seu humano, você não pode recorrer às suas táticas bem promíscuas de se obter energia. Não é mesmo?

Diablo desviou os olhos dos dele.

— Eu posso arranjar outro. — disse.

— Mas saberá que não será a mesma coisa. — Alec olhou em seus olhos, mesmo que ambos não se encontrassem. — Sua ligação com o humano era, ou é, forte demais para ser substituída.

— Aonde você quer chegar? — ela olhou para ele, estreitando os olhos escuros.

Alec a olhou, com um sorriso cínico. Ele se dirigiu até ela, sentando-se na cama, de frente para ela.

— Aonde eu quero chegar? — ele deu uma baixa risada rouca. — Você precisa de energia, Diablo. Não quer tentar salvar o seu

humano? Não quer livrá-lo da extrema dor da transformação? — ele se aproximou dela, com o rosto a poucos centímetros de distância do dela. — Não quer vê-lo... humano novamente? Sabe que ainda há chances.

Diablo engoliu a seco. Ela queria. Céus, como ela queria salvá-lo!

— Quero — ela disse com a voz embargada e rouca.

— Então você precisará de energia. — ele disse com a voz baixa e com um sorriso sedutor. — E eu vim cobrar o meu favor por ter salvo a sua vida. — ele aproximou o seu rosto ainda mais do dela, roçando seus lábios na sua bochecha direita.

Diablo grunhiu e empurrou-o.

— Eu nunca, nunca ficaria com você, Alec. — ela grunhiu.

Alec deu de ombros.

— Tudo bem. — ele disse com indiferença, voltando a se sentar na poltrona. — Então deixe ele se transformar num vampiro e provavelmente morrer depois. Isso sempre acontece, não é mesmo? A maioria dos vampiros não dura mais de uma semana. A morte dele será problema seu. Aliás, a culpa será sua. Eternamente sua.

De repente, veio o peso na consciência, a culpa assolou todo seu corpo. Seus ombros ficaram mais pesados. A culpa estava caindo sobre suas costas, tornando-a fraca. A culpa seria eternamente sua, caso Harlan acabasse morto. Ela não deveria ter procurando por ele. Pelo menos uma vez, uma única noite com ele bastaria. Mas ela teve de insistir nele. Isso gerou a ligação. E agora pode resultar na morte dele. E a culpa disso tudo acontecer seria dela. Só e unicamente dela.

Ela respirou fundo. Olhou por alguns segundos para a coberta vermelha ao seu lado e depois, levantou os olhos para Alec.

— Eu preciso salvá-lo. — ela disse. — Você está certo. A culpa será minha, pois eu o procurei e eu, apenas eu fiz com que aquela ligação se estabelecesse entre nós. — ela fez uma pausa e olhou nos olhos azuis dele. — Eu preciso de ajuda. Se eu lhe der esse seu favor, você me ajuda a encontrá-lo? A salvá-lo?

O silêncio instalou-se entre os dois. Alec a olhava de maneira intensa e profunda, o que fez com que o estômago de Diablo se revirasse milhares e milhares de vezes. Depois de milênios ela estava nervosa. Não sabia mais como era essa sensação. Até achou estranho no começo. Mas ela precisava de ajuda mais do que nunca naquele momento, e ela teria de apelar para Alec para ajudá-la a salvar Harlan. Ele era o único que poderia ajudá-la naquele momento. O único.

— Sim. — ele disse com a voz grave. — Eu lhe ajudo, Diablo.

Ela assentiu de leve com a cabeça, aliviada pela resposta.

— Então faça. — ela sussurrou. — Torne-me sua esta noite. Neste sonho. Faça o que quiseres e o que bem entenderes. Farei qualquer coisa para você esta noite se me ajudares de fato a encontrá-lo. — fez uma pausa. — Eu não estaria lhe falando isso se eu houvesse um meio alternativo de poder salvá-lo.

— Sexo por falta de opção? — Alec riu gostosamente. — Essa é nova. — ele se levantou da poltrona e seguiu até a cama. Diablo encontrava-se sentada, com as pernas dobradas sobre a cama. Ele subiu na cama, ficando de frente para ela. Pôs se de quatro na sua frente, com as pernas ao redor dela. Sua mão estava apoiada, próxima de onde o seu braço estava e ele ergueu uma mão para o seu queixo. — Mas eu aceitarei. — ele sussurrou e colou seus lábios

contra os dela. — E de bom grado. — murmurou ao separar seus lábios, mas logo os colou novamente.

E, naquela noite, os dois explodiram no êxtase dos suspiros entrelaçados.

Diablo encontrava-se deitada na cama, após ter terminado o “favor” de Alec. Seu corpo suave e ela mal acreditava que havia feito aquilo — havia se deitado com o inimigo. Era a pior coisa de todas. Provavelmente, ela se arrependeria pelo resto de sua existência — para não dizer vida.

Os dedos de Alec passeavam pela covinha de suas costas. Seus olhos estavam fixos nos próprios dedos que lá se encontravam. Os dois ficaram em silêncio durante um tempo após terem “terminado” — ambos estavam meio surpresos ou chocados demais para falar alguma coisa. Ambos ainda estavam tentando não admitir para si mesmos que o sexo entre eles era indiscutivelmente bom. Bom? Não. Ótimo.

Diablo, que estava debruçada sobre o travesseiro, virou a cabeça para o lado dele. Olhou-o em seus olhos, que logo saíram da direção dos próprios dedos e partiram para os olhos castanhos dela.

Encararam-se por alguns segundos, até Diablo respirar fundo e dizer:

— Você sabe onde me encontrar. Não sabe?

— Na realidade não. — ele disse, parando de passar os dedos pela covinha das costas nuas dela. Ele recolheu a mão, trazendo para

mais perto de si. — Creio que deveremos marcar um local para nos encontrarmos. Acho que fica melhor.

Ela assentiu.

— Também acho. — disse com a voz rouca. — Onde?

Ele deu de ombros.

— Você que sabe.

Ela assentiu com a cabeça.

— Sabe o velho galpão nos limites da cidade, onde pegou fogo? — ela perguntou, olhando para ele. Ele tinha que saber. Era obrigado a saber aquilo.

— Claro que sei. Lá será o eterno túmulo da tão adorável Lilith — disse ele com sarcasmo.

Ela deu uma risada amarga.

— Encontre-me lá, às três da tarde. Prepararei tudo até lá, tudo o que eu precisar. — disse Diabolo. — Mas, tire-me uma dúvida: alho tem algum efeito sobre os vampiros?

Alec olhou para ela como se não acreditasse em suas palavras. Ele jogou a cabeça para trás — onde acabou batendo na madeira da cama e reclamou de pequena dor depois — e soltou uma gargalhada.

— Não! — ele exclamou. — Você não me perguntou isso!

Ela deu uma risada nervosa.

— Não zombe. — disse. — Especializei-me apenas em demônios. Não em vampiros. Vampiros não é a minha área. Além do mais, não se vê muito deles por aí. Apenas em livros de romance adolescente e o vampiro é aquela coisa linda de morrer e a garota é uma pata tonta. E eles brilham no sol. Brilham!

— Que coisa mais ridícula. — Alec riu. — Você perde tempo lendo isso?

— Se eu tivesse tempo para ler alguma coisa — Diablo começou, dando um sorriso falsamente gentil. —, eu o perderia lendo algo realmente bom. Quem perde tempo com isso é Legna, que não sabe mais o que fazer da existência como anjo. Tenha dó.

— Quem é Legna? — Alec perguntou.

— acredite em mim: não queira saber. — Diablo disse e sentou-se na cama. Colocou os cabelos castanhos para frente, na intenção de cobrir os seios.

Ao perceber isso, Alec riu.

— Por que você está escondendo? — ele perguntou. — Não há nada mais aí que eu já não tenha visto.

Diablo olhou para ele.

— Meu bem, você já foi hoje? — perguntou docemente.

— Para onde? — ele deu um sorriso.

— Para a merda. — respondeu com a voz amarga. Levantou-se da cama e zanzou pelo quarto, nua, indo em direção até a porta. — Vejo-lhe no galpão. Às três. Atrase-se e ganhará um nariz quebrado quando tudo isso terminar. Ah, e... — ela hesitou e olhou para ele. — Ninguém precisa saber disso. Isso fica entre nós.

— Mas é claro — Alec assentiu. — Já esqueci que transamos como coelhos por aqui. — ele deu dois tapinhas na cama.

Diablo pegou a primeira coisa que viu e jogou dele. Era um vaso decorativo do quarto vermelho que ela nunca tinha visto em todas as vezes que fora lá. Bem, era digno; ela quase nunca saía da cama.

— Imbecil. — ela grunhiu e saiu do quarto, libertando-se do sonho.

Sehedin ofegou quando se teletransportou para o que ele quase poderia chamar de casa. Ele estava mais acostumado a se teletransportar do que os outros, mas mesmo assim, quando o fazia muito, ficava exaurido. Ele respirou fundo e encostou-se à parede do seu quarto. Em seguida, respirou fundo novamente e seguiu até a cama colossal de cobertas escuras. No mesmo momento que enterrou a cabeça no travesseiro, a porta do quarto se abriu.

— Oh! Eu não disse que ele estaria no quarto? — Sehedin ouviu a familiar voz de Isis. Ele levantou a cabeça para observar quem estava na porta e viu que se tratava de Isis e Lúcifer. Imaginou que Lúcifer também estivesse acompanhado de uns dois demônios de sua legião.

Sehedin olhou para o rosto de Lúcifer e viu que ele tinha certa desconfiança plantada em seus olhos.

— O que foi? — Sehedin sentou-se na cama, fazendo uma voz de falsa preguiça, como se ele tivesse acabado de acordar.

— Por onde você esteve? — Lúcifer perguntou.

Sehedin sentiu um calafrio percorrer sua espinha.

— Dormindo. — ele disse. — Não por muito tempo, devo dizer. Fiquei me entretendo com alguns livros e deitei-me na cama. Faz uns trinta minutos, se eu não estiver errado.

Lúcifer estreitou os olhos para ele. Ele não parecia acreditar, mas engoliu a história. Retirou-se do quarto sem dizer mais nada, sendo seguido por dois demônios de pele avermelhada que o esperava ao

lado da porta. Assim que ele se afastou, Isis fechou a porta do quarto e soltou o ar.

— Pelo amor, Sehedin! Onde você estava? — ela perguntou histérica aos sussurros ao aproximar-se dele, sentando-se na beirada da cama. — Procuramos você por boa parte do castelo!

— Por quê?

Isis engoliu a seco.

— Lúcifer está desconfiado. — ela disse. — Ele acredita que você está ajudando Diabolo de alguma forma, em alguma coisa, e por isso não está tão presente como antes. — ela suspirou de maneira nervosa. — E além do mais, para ajudar, Roudin começou a colocar mais lenha na fogueira. Ele o está aticando. Lúcifer está quase convencido de que você está ajudando Diabolo a sobreviver. — ela olhou no fundo dos olhos dele. — Não irei me surpreender caso ele coloque alguns demônios como suas babás, para lhe vigiarem o tempo todo.

Sehedin deu um riso nervoso.

— Esse Roudin é um enorme filho de uma... — Sehedin mordeu os próprios lábios, segurando a palavra nada delicada que ele queria soltar. — ...péssima mãe.

Isis suspirou.

— Sehedin, não o deixe suspeitar ainda mais de você. Tome cuidado.

— Eu serei cuidadoso. — ele disse. — Dessa vez eu apenas avisei Diabolo sobre Roudin. — ele parou. — Aliás, como está o humano dela?

Isis arqueou as duas sobrancelhas.

— Como você soube? — perguntou.

— Diabolo sentiu a dor que ele sentiu. — explicou. — Eles têm uma ligação. Mas, então, como ele está?

— Ele está bem, por enquanto. Até agora não demonstrou nenhum problema com a transformação.

Sehedin assentiu de leve com a cabeça e olhou para Isis depois.

— Então ele foi mesmo mordido.

Isis concordou.

— Fiquei sabendo que Lúcifer dará alguns demônios para ele se alimentar assim que a transformação se completar, para ele poder adquirir algumas características demoníacas. Tipo, asas, chifres, garras...

Sehedin piscou surpreso.

— Como você sabe disso tudo?

Isis sorriu.

— Digamos que Sulpicia adora uma boa fofoca. E ela não sabe ainda exatamente de que lado está. — Isis encolheu os ombros. — Ela quer ajudar, mas tem medo de Lúcifer descobrir e acabar punindo-a.

— Entendo. — Sehedin disse. Ele ia começar a falar outra coisa, mas ouviu um zunido seguido de uma pequena explosão bem concentrada na parede, exatamente onde tinha um pequeno buraco.

Ele pulou da cama e correu até o meio do quarto, onde uma criaturinha preta e vermelha voava em direção à porta. Ele agarrou-a e viu que se tratava de um pequeno demônio.

Isis deu um pulo na cama.

— O que é isso? — perguntou ela.

Sehedin grunhiu.

— É um Saarecai. — ele disse. — É inofensivo, ele habita os buracos da casa. Mas tem bons ouvidos e é bem fofoqueiro. — ele desviou os olhos para Isis e voltou-se para o pequeno demônio.

A criaturinha na sua mão não devia ter mais do que dez centímetros. Tinha a pele avermelhada, asinhas negras e orelhas grandes e pontudas. Tinha grandes olhos inteiramente negros, e seu corpo era meio magricela. Ele cabia na mão de Sehedin. Ele soltava resmungos e gemidos agudos, como se tivesse uma voz de chipmunk. Alguns de seus resmungos eram tão agudos que parecia um porquinho-da-índia resmungando.

— O que você vai fazer com ele? — Isis perguntou.

— Tenho que destruí-lo. — Sehedin falou e os resmungos tornaram-se mais agudos. — Não tenho outra opção. Ele vai contar tudo o que ouviu para Lúcifer. Não podemos deixar isso acontecer.

— Imaginei. — Isis murmurou. — As paredes por aqui têm mesmo ouvidos como as outras Alrunes e os demônios dizem.

— Temos que tomar cuidado com o que dizemos por aqui. O palácio deve estar cheio de Saarecais.

Isis assentiu com a cabeça.

Sehedin olhou para ela e depois olhou para o Saarecai. Estreitou os olhos na direção da criaturinha irritante e se concentrou. Segundos depois, a criaturinha estava em chamas. Sehedin o soltou e ele caiu no chão, já com a metade do corpo transformado em cinzas. Sehedin levou os dedos até as têmporas. Sua cabeça doía o inferno.

— Uau. — Isis disse. — Não sabia que você podia incendiar algo com o pensamento.

— É uma vantagem de ser filho de Sammael. “O destruidor” — ele fez aspas no ar. Em seguida, gemeu com a dor de cabeça. — Ainda sou novo nessa parte. Não estou acostumado. — ofegou. — Preciso descansar.

— Tudo bem. — disse Isis. — Deixarei você dormir.

— Tome cuidado, Isis.

— Você também. — ela esboçou um sorriso.

Os dois trocaram sorrisos amigáveis e Isis saiu do quarto. Sehedin puxou o tapete que tinha ao lado da cama e colocou em cima do pequeno montinho de cinzas, na intenção de escondê-lo até ter tempo ou até mesmo energia para limpá-lo. Em seguida, foi até a cama e se deitou.

Ele acreditava que nunca se sentira tão cansado em toda sua existência. E, depois de anos, naquela noite ele sonhou com Aurora.

Mal conseguia acreditar no que via. Por mais que fosse um sonho, Sehedin podia sentir seu coração bater tão forte no peito que parecia a ponto de explodir. Ele olhou, embasbacado para a imagem à sua frente; a mulher de cabelos louros e lisos, que desciam por suas costas como uma cascata. Usava um vestido branco e tinha os olhos azuis claros mais belos que ele já vira, acompanhados de espessos cílios grossos e longos. Ela tinha um sorriso tímido — aquele sorriso tímido que ele tanto adorava. Seu rosto era simétrico, belo, como de uma boneca de porcelana. Sua pele era tão clara como neve. Seu peito doeu quando a viu. Sentiu-se culpado por ela estar como está nesse momento: morta.

— Sehedin. — ela disse com a voz suave. Estava sentada em um tronco de madeira caído. Seus pés estavam descalços e seus dedos brincavam com uma flor de pétalas cor-de-rosa.

Ele não conseguiu falar. Estava pasmo o suficiente para isso.

— Venha. — ela sussurrou, olhando para ele. Ela colocou a pequena flor que se encontrava entre seus dedos ao seu lado, em cima do tronco. Ela dirigiu-lhe um sorriso gentil e amoroso. Sehedin ofegou.

— Aurora. — ele disse com a voz engasgada. Sentiu seu corpo tremer por um segundo. — Aurora. — ele repetiu. Deu um passo na sua direção e Aurora se levantou, também dando um passo na sua direção. Ele correu até ela e a tomou nos braços, em um abraço forte e ao mesmo tempo carinhoso. Ele sentiu os braços delicados dela envolverem-se em torno dele e sentiu sua cabeça encostar-se a seu ombro. Ele enterrou o rosto no pescoço dela, sem conseguir reprimir um sorriso. Fazia anos desde a sua morte, mas aquela era a primeira vez que ele sonhava com ela. — Céus, é você. É você mesmo. — ele murmurou com a voz embargada.

— Não por muito tempo, meu bem. — ela lhe disse com a voz triste, porém suave. — Isso é só um sonho.

— Não importa. — ele afastou a cabeça do seu pescoço e olhou em seus olhos azuis. — Você está aqui. Faz anos que tudo aconteceu... — sua voz falhou. — Eu me sinto tão culpado. — sua voz estava por um fio. Duvidou que Aurora tivesse o escutado.

— Não, meu bem, não se sinta culpado. — ela colocou as mãos em seu rosto e franzindo o cenho. — O que aconteceu não foi culpa de ninguém. — ela murmurou com os olhos azuis ardendo de sinceridade.

Sehedin encostou a sua testa na dela e fechou os olhos. Suas mãos partiram para seus braços. Podia sentir a textura de sua pele, a essência que ela exalava e até mesmo podia ouvir sua respiração fraca e suave. Podia sentir tudo.

— Eu só estou aqui para lhe falar algo importante. — ela disse com a voz baixa. — Você precisa saber disso.

Ele abriu os olhos e a olhou.

— O que foi? — ele perguntou.

Ela respirou fundo.

— Em breve, haverá um conflito. — ela disse calmamente. — Uma batalha entre o Bem e o Mal. O Céu e o Inferno. — ela respirou fundo novamente. — Não há como impedir; é um acontecimento inevitável. Não sei dizer quando isso exatamente vai acontecer, mas sinto que será em breve. Não sei dizer também que lado vai ser vitorioso. Não me importo em saber se o lado vitorioso será o Bem ou o Mal. Só espero que você esteja vivo, no final de tudo. — ela olhou para ele, em seus olhos escuros. Sehedin percebeu que seus olhos estavam tomados pelo medo. Havia algo que ela não estava lhe contando. — Você e ela serão peças importantes nessa batalha. Confie nela, sempre. Nunca duvide dela. Você e ela conseguirão sobreviver, e pôr um fim nesta batalha.

Seus olhos se arregalaram de surpresa. Não esperava uma batalha entre anjos e demônios tão cedo — por mais que esse cedo possa ser um pouco tarde. Mas ele a olhou confuso pelas suas últimas frases.

— Ela? — ele perguntou. — Quem é ela?

Ela tirou as mãos de seu rosto e desvencilhou-se de seus braços. Afastou-se dele com leveza.

— Você irá descobrir. — Aurora deu um sorriso gentil e desapareceu na névoa que invadia os sonhos de Sehedin.

Sehedin acordou ofegante. Sentia seu corpo inteiro suado e seu coração batia de maneira tão rápida e forte que parecia que iria explodir no peito. O ar lhe faltava. Ele tentou relaxar, mas era completamente impossível. Sentia-se sufocado. Entretanto, em certo momento, ele fechou os olhos e pensou em Aurora. No mesmo segundo, seu coração voltou a bater de maneira normal e o ar encheu-se em seus pulmões. Ele respirou fundo, procurando o relaxamento. A calma.

Ele abriu os olhos. Ainda sentia-se atordoado com o sonho que tivera com Aurora. O que ela dissera fora uma profecia? Ele não sabia ao certo. O sonho parecia tão real que lhe doía o peito pensar que não estaria mais perto dela mesmo que fosse da maneira como estivera no sonho.

Sentou-se na cama. Ele esperava por uma batalha entre anjos e demônios, o Bem e o Mal; como Aurora disse, seria inevitável. Mas por que ele seria uma peça importante na batalha? Quem era ela? E por que Aurora viera lhe informar sobre isso?

Eram várias perguntas. Entretanto, ele não tinha resposta para nenhuma delas.

Diablo olhou para os lados, nervosa. Andava de um lado para o outro, querendo que o tempo passasse mais rápido de uma vez por todas. Alec estava atrasado. Naquela tarde, os dois haviam combinado por meio de um sonho de ir para o Inferno e resgatar Harlan. Ela não fazia à mínima ideia de como reverter a transformação, mas precisava ao menos tentar tirá-lo do local onde ele se encontrava. Ela também tinha esperanças de que Alec pudesse ajudar quanto à parte de reverter a transformação. Ele parecia saber de alguma coisa.

Ela bufou. Virou-se para o lado e andou até perto do outro galpão, poucos metros na frente dos escombros que o dono do terreno não havia mandado alguém tirar. O cheiro de podre, morte e carne queimada ainda pairava sobre aquele local. Ela observou os escombros e viu a madeira negra do galpão, amontoada umas sobre as outras. Viu que algumas estavam reviradas. Os bombeiros obviamente haviam passado por lá no dia do incêndio. Mas fazia tanto tempo. Diablo lembrava-se daquela noite nos mínimos detalhes, como se tivesse acontecido há poucos minutos.

Virou-se novamente para dar outra volta, no mesmo local onde ela estava andando. Perguntava-se se aquilo não fora realmente um sonho. Que ela havia apenas imaginado tudo aquilo. Porém, ao pensar bem, logo descartou a hipótese; havia acordado tão cheia de energia como acordava depois de uma “noite” com Harlan. Arrependia-se amargamente de ter se deitado com Alec, o suposto inimigo — pelo qual ela iria fazer uma trégua naquele dia, para poder resgatar o que Alec o denomina de “seu humano” de Diablo — e sentia-se usada. Ele sempre quis deitar-se com ela. Aproveitou

aquela chance, e agora estaria rindo da cara dela por estar fazendo papel de tola no galpão, realmente esperando que ele aparecesse.

Bufou novamente. Respirou fundo e xingou-o mentalmente de todos os palavrões existentes no mundo. Ele era um cretino. Um extremo cretino, ela pensou. Iria embora naquele momento. Estava decidida; falaria com Legna e pediria ajuda. Imploraria de joelhos e lamperia os seus dedos nos pés se fosse preciso para que ela a ajudasse. Legna provavelmente saberia como reverter uma transformação vampírica. Ela deveria saber. Recebeu o melhor ensinamento de anjos e estava no céu por motivo como aqueles.

Ok. Ela não sabia ao certo se era por aqueles motivos. Seu único objetivo era acabar com demônios, não reverter transformações de humanos para vampiros.

Ela virou-se para voltar para casa, mas sentiu seu corpo esbarrar contra algo duro. Ela levantou os olhos e encontrou o par de safiras brilhantes olhando para ela, com um sorriso torto e sedutor.

— Demorei? — ele perguntou com a voz grave. O estômago de Diablo se revirou como um digno artista do Cirque Du Soleil. Sentia-se desconfortável na presença dele, ainda mais depois do que passaram juntos naquele sonho.

— Sim. Demais. — ela reclamou. — Eu estava indo embora. Eu iria implorar para Legna ajudar-me, caso você não viesse. Mas... — ela encolheu os ombros.

— Imaginei. Vocês, mulheres, são tão impacientes.

Diablo revirou os olhos.

— Ok. Vamos logo com isso. — ela disse de maneira nervosa. — Precisamos salvá-lo. A transformação está avançando ainda mais

com esse tempo que estamos perdendo aqui. Vamos logo. Teletransporte para lá.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Por que eu? — perguntou.

— Não faça perguntas, apenas... faça isso.

Foi a vez dele de revirar os olhos.

— Seu humano ainda deve ter uns seis ou cinco dias. — ele disse.

— Ainda temos tempo. Uma coisa que quero saber é se você sabe como reverter uma transformação, Diabolo.

Ela olhou incrédula para ele. Sua boca se abriu várias vezes, mas ela acabou por não dizer nada. A raiva tomou conta do seu corpo e ela sentiu que poderia grudar os dedos naquele belo pescoço que ele tinha e afogá-lo no vaso sanitário mais próximo.

— Eu pensei que você soubesse. — acusou ela.

— Eu já pensei que você soubesse. — ele levantou os braços na defensiva. — Você aceitou aquilo tão rápido que imaginei que soubesse. Mas acho que foi completamente ao contrário, não é mesmo?

Ela grunhiu.

— Você deu a ideia. Pensei que soubesse de alguma coisa! — ela disse histérica. Começou a falar sozinha, reclamando daquilo tudo.

Alec respirou fundo e colocou as mãos nos ombros dela.

— Diabolo, olhe para mim. — ele disse.

Ela olhou para ele, mas não em seus olhos.

— Pode olhar em meus olhos. — ele continuou. — Não vou lhe hipnotizar.

— Não acredito em você.

Ele deu de ombros.

— Tudo bem. — ele apertou levemente suas mãos nos ombros dela. — Vamos fazer o seguinte: vamos resgatá-lo primeiro, para depois pensarmos em como salvá-lo. Podemos falar com... aquela anjo. Como era o nome dela mesmo? Lena? Lina? Tiffany?

— Legna. — corrigiu.

— Isso mesmo. — ele disse. — Podemos falar com ela. Ela deve saber de alguma coisa. Agora, precisa prestar atenção: precisamos ser cuidadosos. Fui informado...

— Informado por quem? — ela perguntou, estreitando os olhos para ele.

Ele deu um riso baixo e curto.

— Eu tenho meus contatos no castelo de Lúcifer. — ele disse. — Fui informado que há vários Saarecais pelo castelo, e vários demônios zanzando por lá também. Sem contar nas Alrunes.

— Pensei que as Alrunes não fossem problema para você. — Diablo disse e arqueou sua sobrancelha direita. — Não era você que tinha seduzido todas com muito vigor?

Ele riu e olhou para ela, em seus olhos.

— É. Acho que sim. — disse. — Minha lista deve estar completa depois desta noite.

Ela levantou a mão e desceu no rosto dele. Entretanto, a mão dele foi mais rápida, segurando a mão dela, a centímetros do seu rosto.

— Sabe, eu não gosto de apanhar de mulheres. — ele disse.

Diablo não respondeu, apenas grunhiu.

— Escute — disse ele decidido — Lúcifer está comandando tudo no castelo, obviamente. É o castelo dele. Mas todos que estão lá estão obedecendo às suas ordens. E caso contrário, ele vai acabar destruindo quem o desrespeitar. Não vão hesitar em falar que

estamos por lá caso nos virem ou souberem. Eles prezam demais por suas vidinhas inúteis, então farão de tudo para agradar Lúcifer. Creio que até irão limpar a bunda dele com a própria língua se for preciso.

Diablo fez uma careta.

— Credo, Alec. Que nojo.

— Eu estou falando sério, Diablo. Não duvide disso. — ele disse seriamente. Diablo não contestou. — Vamos?

Ela assentiu com a cabeça.

— Vamos. — disse.

Alec segurou as duas mãos dela e, um segundo depois, desapareceram.

Dezesseis.

Diablo e Alec pararam exatamente no corredor próximo aos quartos das Alrunes. Ambos estranharam o funesto silêncio — aquela ala era famosa por ser barulhenta demais por causa das Alrunes que adoravam levar demônios para seus quartos. Silêncio lá era completamente raro.

Os dois quase que se jogaram contra a parede e andaram pelo local com o maior dos cuidados. Uma respiração alta e tudo estaria acabado, assim imaginavam. Um passo errado, um barulho alto demais e os dois virariam churrasco de demônio.

Seguiram em silêncio e com cuidado até perto das escadas, onde duas Alrunes encontravam-se conversando baixinho. Cochichos. Fofoca, Diablo imaginou. Perguntou-se como iria despistá-las. Precisavam passar pelas escadas. Entretanto, surpreendeu-se quando viu Alec se dirigir rapidamente até elas. Surpreendeu-se mais ainda ao ver que se tratava de uma Alrune loura e muito bem conhecida.

Sulpicia.

— Sulpicia. — Alec sibilou. A Alrune loura rapidamente olhou para o local da onde vinha a voz, com os olhos arregalados. Seus braços estavam abraçados contra o corpo e ela parecia apavorada. Seus cabelos estavam amarrados num coque bem feito e ela tinha olheiras. Seus lábios cheios estavam pintados de vermelho e ela trajava roupas escuras, como sempre.

Ela olhou para Alec, que estava encostado na parede, escondendo-se. Sulpicia olhou para a Alrune de cabelos negros a sua

frente e disse:

— Aellis, eu preciso que faça algo para mim. — ela disse calmamente. — O banquete de Lúcifer será servido dentro de uma hora e meia, e acabei esquecendo-me da carne de filhote de Chimera que ele havia pedido. Pode ir até a cozinha e deixar separado para que eu faça depois? Preciso buscar algo em meu quarto.

A Alrune de cabelos negros apenas assentiu com a cabeça, mas antes de sair, disse:

— Carne de filhote de Chimera? — indagou. — Ele é um monstro. Que demônio normal come Chimera? Aquilo tem um gosto horrível!

Sulpicia deu um riso nervoso.

— Estamos falando de Lúcifer, Aellis. — ela sorriu gentil e falsamente. Aellis deu uma risada baixa e desceu as escadas rapidamente. Quando viu que a barra estava livre, Sulpicia seguiu até Alec, com os olhos mais arregalados do que antes. — O que diabos você está fazendo aqui? — perguntou de maneira histérica. — Céus Alec, se pegam você aqui...

— Acalme-se — ele segurou seus braços. — Preciso que me diga onde está o humano. O que Roesia pegou e transformou.

— O quê? Você está louco? — ela sibilou. — Por que você q... Ah. — ela parou de falar ao olhar para Diablo, que estava logo atrás dele. — Ela. — disse à meia voz.

— Olá Sulpicia. — Diablo sussurrou.

Sulpicia forçou um sorriso torto e olhou para Alec.

— Eu não posso contar. Sinto muito, Alec, mas eu realmente não posso contar onde ele está. — ela disse. — Sou uma das únicas aqui que sabe onde ele está, fora Lúcifer, Roudin e os dos guarda-costas

de Lúcifer. — sussurrou. — Vão descobrir que fui eu. Roudin declarou-se totalmente entregue a Lúcifer, totalmente devoto. Ele nunca o trairia, eles fizeram até o pacto.

Diablo arregalou os olhos quando ela disse as duas últimas palavras. O Pacto era um pacto de sangue feito entre dois demônios. Eles fariam juramento eterno de devoção — pelo menos um deles faria. E caso ele traísse o outro demônio, morreria instantaneamente.

Diablo não queria aquilo para Roudin, por mais filho de uma puta que ele fosse. Ele ainda era o seu irmão.

— Se você não contar — Alec ameaçou. —, vou virar esse castelo do avesso atrás desse desgraquinho.

Diablo deu uma cotovelada nele, irritada.

Sulpicia arregalou os olhos ainda mais. Eles estavam quase pulando para fora das órbitas.

— Ah, não, por favor, não! — ela sussurrou. — Vão descobrir você. Vão saber que você... Que vocês dois estão aqui! Os Saarecais são criaturinhas desgraçadas. Eles vão contar tudo para Lúcifer e vai ser questão de segundos até que lhe alcancem.

— Eles não são tão rápidos — Alec disse. — Eu posso impedir isso. Eles não podem se teletransportar. Têm de ir voando até a sala de Lúcifer. O que acredito que seja distante daqui.

— Alec...

— Onde ele está? — ele tornou a perguntar.

— Desculpe-me. Eu realmente não posso. — ela disse em tom de súplica. — Me desculpe mesmo, Alec! Por favor, não o procure. Vão vir atrás de você.

— Venha, Diab!o — ele segurou a m!ao de Diab!o e a arrastou. — Vamos procur!a-lo. Tenho uma leve impress!ao de que sei onde ele est!a.

— Alec! — ela gemeu seu nome. — Eu quero ajudar voc!e, mas...

— Sulpicia — ele rosnou e olhou para ela. — Decida-se. Escolha um lado. Voc!e n!ao vai poder ficar em cima do muro para sempre.

Ele segurou a m!ao de Diab!o com mais for!a e literalmente a arrastou escada abaixo.

Diab!o deu uma !ltima olhada para o alto da escada e viu que Sulpicia olhava para os dois, com os olhos marejados. Seus l!abios moveram-se silenciosamente, formando as duas palavras que ela estava dizendo tanto nos !ltimos segundos:

— Desculpe-me.

— Deixe-me conduzir. — Diab!o pediu. — Conhe!o esse castelo melhor do que voc!e. Acredite em mim. Sei todas as passagens secretas. Todos os buracos e lares de Saarecais. Eles eram bem especiais quando eu ainda morava aqui. Eram uns fofoqueiros dos infernos.

Alec a olhou, desconfiado.

— Duvido que conhe!a tanto os locais preferidos de L!ucifer do que eu. — Alec disse. — Eu era mais pr!oximo dele do que voc!e podia imaginar. Acredito que ele tenha colocado o humano nas masmorras.

— Masmorras? — Diab!o revirou os olhos. — Colocar algu!em nas masmorras !e t!ao clich!e!

— Exatamente por isso que ele colocaria. Ninguém iria lá. — ele disse como se fosse óbvio.

— Eu ainda acho que ele está em algum quarto — Diablo disse. —, sendo supervisionado por Roesia, ou qualquer outro vampiro. Isto é, se existir algum outro além dela aqui. — Diablo encolheu os ombros.

— Eu iria sugerir para nos separarmos — Alec falou. —, mas acho melhor não.

— É. — ela disse. — Sou horrível com teletransporte. Fico horrivelmente cansada depois, não estou acostumada.

— Imaginei. — ele disse. — Vamos às masmorras. Caso não o encontrarmos, vamos até um quarto na ala de hóspedes.

Diablo assentiu com a cabeça. Os dois desceram as escadas rapidamente, tentando manter o volume de seus passos baixos. Mas estavam com tanta pressa e com certo medo de serem encontrados que não conseguiam manter a calma. Seus passos ecoavam pelos corredores, provavelmente chamando a atenção do Saarecai mais próximo. Malditos demônios, Diablo pensava o tempo inteiro. Lembrava-se de quando ela e os irmãos iriam aprontar alguma e um Saarecai contava tudo para Lilith e Lúcifer, e os dois logo cortavam o barato do trio. Diablo odiava profundamente aquelas criaturinhas minúsculas, magricelas e totalmente irritantes.

Assim que chegaram perto do fim da escadaria que dava em direção às masmorras, ouviram uma pequena explosão partindo da parede. Mas não durou muito tempo. Alec rapidamente levantou a mão no ar e agarrou um Saarecai de sete centímetros. Jogou-o no chão e pisou em cima como se estivesse apenas pisando em uma barata vermelha com asas pretas.

— Vai levar um tempo até ele se recompor. — Alec afirmou.

Voltaram a descer as escadas, mas pararam novamente ao ouvir um falatório vindo do corredor. Pararam com as costas coladas na parede, e apuraram os ouvidos. Trancaram a respiração e apenas ficaram escutando o que dois demônios diziam.

— ...Ele quer que eu dê um Baphomet adulto para aquele humano quase vampiro secar. Dá para acreditar? — a voz masculina dizia de maneira revoltada. — Um Baphomet! Adulto! Ele enlouqueceu. E tudo para acabar com a raça da filha.

— Ele me pediu para reunir demônios com características estranhas, mas fortes. — o outro que tinha a voz mais grave comentou. — Tudo foi ideia daquela vampira. Qual é o nome dela mesmo? Rosa? Ah, foda-se. Não interessa. Temos que fazer isso logo para que nós não acabemos virando lanchinho de vampiro recém-transformado.

Os passos começaram a ecoar pelo corredor, mas foram na direção oposta de Alec e Diablo. Alec esgueirou-se até a dobra da parede e observou os dois demônios de pele morena clara irem até o final do corredor e virarem em outro. Ele voltou-se para Diablo e pegou na sua mão, puxando-a de volta para as escadarias. Enquanto desciam até as masmorras, Diablo disse:

— Céus. — falou. — Eu não acredito.

— Você entendeu o que eles quiseram falar com pegar demônios para o vampiro secar, não entendeu? — Alec disse. — Querem que ele tenha características de demônio e se torne difícil de matar.

— Eu entendi, é claro. — ela disse meio atordoada. — Meu conhecimento sobre vampiros é limitado, mas eu sei disso. Ainda

estou pasma. Não acredito que Lúcifer vai dar demônios para Harlan matar...

— Ele não vai matar — Alec parou bruscamente e se virou para Diablo. — Nós vamos pegar ele. Hoje. Vamos parar com a transformação, e vai ficar tudo bem. Vamos apagar a memória dele e voltaremos a nossa rotina normal. Quem sabe até deixo você me dar umas porradas e voltaremos à perseguição.

Diablo olhou para ele, perplexa.

— Cala essa boca. — ela disse. — Vamos resgatá-lo logo, droga.

Dessa vez, ela segurou com força o pulso dele e o arrastou até as masmorras.

A ala das masmorras estava completamente silenciosa e vazia. Os dois passearam por todas as salas, procurando um tufo de cabelos louros e uma pele pálida por lá. Estava incrivelmente vazio. Seguiram mais a frente e encontraram a entrada para os calabouços, onde Lúcifer colocava seus prisioneiros. Desceram a escada enferrujada e andaram pelo estreito corredor de pedra, passando pelas celas, igualmente vazias. Em uma delas, um esqueleto de um demônio encontrava-se no canto. O cheiro de morte estava mais forte naquele local do que em qualquer outro. Em outra cela, havia um monte de cinzas negras em cima de um pano avermelhado e surrado. Diablo desviou o olhar.

— Nada. — Alec disse. — Nenhum sinal dele.

— Falei que não estaria aqui. — ela disse. — Lúcifer é mais cuidadoso. Ele não deixaria Harlan por aqui...

Tump. Clec. Reeec.

Os dois se encararam.

Alec moveu os lábios como se dissesse “tem alguém lá em cima”. Diablo assentiu com a cabeça. Andaram silenciosamente até perto das escadas e viram uma sombra vir das masmorras. Ouviram passos nas masmorras e gelaram.

Alec moveu os lábios novamente, mas sem emitir som algum:

— Precisamos ir embora. Agora.

Diablo balançou com a cabeça e moveu os lábios silenciosamente como ele:

— E se estiverem colocando Harlan aqui?

— É claro que não colocariam. — a conversa silenciosa estava dando-se continuidade. — Eles não deixariam o seu humano sem ninguém aqui. Não foi você que disse que Lúcifer é cuidadoso?

Diablo grunhiu baixo.

— Que inferno. — ela deixou um sussurro escapar.

Os barulhos vindos das masmorras cessaram. Todos. Ambos gelaram e olharam para a escada. Ouviram passos baixos, como se o demônio tentasse ser silencioso e descobrir o que tinha no andar de baixo. Alec olhou para Diablo e segurou com força seu braço. Ela olhou para ele e assentiu com a cabeça.

— Teletransporte para qualquer lugar. Agora. — ela sibilou.

Alec assentiu com a cabeça e fechou os olhos.

E desapareceram do calabouço.

Uma criaturinha de corpo vermelho e asas negras falava freneticamente nos ouvidos de Lúcifer. O demônio assentia com a cabeça o tempo todo enquanto a criaturinha falava como uma

adolescente histérica por ter dado seu primeiro beijo. Quando terminou, Lúcifer deu um sorriso.

— O que houve meu senhor? — Sulpicia perguntou, tentando não demonstrar o quase evidente nervosismo. — O que o Saarecai encontrou?

— Ele encontrou umas coisas curiosas, minha cara Sulpicia — ele disse. —, que envolve Cresil, Lilim... E principalmente você.

O rosto de Sulpicia ficou branco.

— Meu senhor... — ela tentou falar, mas Lúcifer a cortou:

— Peguem-na, e matem-na! — exclamou. — Ela é uma traidora. Estava ajudando Cresil e Lilim nesta noite!

Os demônios presentes na sala olharam-se surpresos. Não demoraram até agarrar Sulpicia pelos braços, que se debatia e deixava as lágrimas caírem.

— Eu não os ajudei! Eu juro, meu senhor! — ela gritava agoniada. — Meu senhor, eles pediram-me ajuda, mas eu neguei! Não os ajudei nem um pouco!

Lúcifer desviou os olhos para ela e um sorriso irônico brotou em seus lábios.

— Oh, é claro que não ajudou. — disse com sarcasmo. — Alguém a tire da minha frente, por favor?

Um demônio alto de pele avermelhada sacou uma espada da cintura; ela tinha a lâmina negra, igual à de um Baphomet. Sulpicia soltou um grito alto e agudo. Quando o demônio baixou a espada em sua direção, o sangue negro jorrou pela sala, respingando no rosto de Lúcifer. Este, por sua vez, não se preocupou. Deu apenas um sorriso gentil.

— Avisem para todos se prepararem — Lúcifer disse com certa diversão. — Creio que iremos receber mais visitas de Cresil e Lilim. — ele olhou para um demônio de pele escura e longas asas avermelhadas. — Aumente a segurança do humano. Torne impossível a entrada de qualquer ser naquela sala até que a transformação se complete. — ele sorriu vagamente. — Os dois terão uma bela surpresa quando decidirem nos visitar.

Diablo sentiu seus pés tocarem a grama maltratada ao lado do que antes fora um galpão abandonado. Ela abriu os olhos no mesmo segundo e arfou. Alec apertou levemente a sua mão antes de soltá-la.

— Precisamos voltar lá. — Diablo disse.

— Não.

— Mas nós...

— Hoje não. — Alec disse. — Pode não parecer, mas essas viagens me esgotam. E é melhor não voltarmos tão cedo. Devem estar desconfiados.

— Deixe desconfiarem! — Diablo arquejou. — Só temos que pegar Harlan! O resto não interessa!

Alec a segurou pelos braços e disse em tom nervoso:

— De que adiantaria você conseguir salvá-lo, mas não conseguir salvar a si mesma?

— Antes Harlan do que eu. — Diablo murmurou. — Ele tem uma vida. Um futuro. E o que eu tenho? Um pai que me odeia e milhões de demônios que querem a minha cabeça. — disse a última frase

com um tom sarcástico. — Eu não posso deixar que Harlan morra por incompetência minha.

— Ele não vai morrer. — Alec disse.

— Quem garante?

— Eu garanto.

Diablo estreitou os olhos na direção dele, mas não disse nada.

— Vá para a sua casa. Descanse. Apareça amanhã aqui — ordenou Alec.

— Amanhã? — arquejou. — Amanhã vai ser tarde demais! Harlan já está se transformando agora.

— Temos chances até que ele beba sangue ao fim da transformação. O sangue é um item essencial para completá-la, e acredito que assim que parte da transformação dele terminar, a primeira coisa que vão fazer é colocar um pescoço demoníaco para ele drenar. — Alec falou calmamente. — Vamos relaxar hoje. Aproveite e converse com a sua amiga anjo para ver se ela sabe de alguma coisa para reverter a transformação. Ok?

Diablo olhou para ele e deu um suspiro. Assentiu com a cabeça e Alec sorriu.

— Me encontre aqui amanhã, um pouco mais cedo. Temos que alternar nossos horários para a invasão no castelo.

— Certo. Que horas?

— Um dez da manhã está ótimo. — ele disse. — Então nós iremos... — ele parou de falar abruptamente. — Corra.

Diablo aspirou um pouco do ar naquele momento e nem precisou perguntar o motivo.

— Demônio. — disse.

— Exatamente. — assentiu. — É um Baphomet... e ele está vindo para cá. — Alec olhou para ela, sussurrando. — Corra.

— E você? — perguntou Diablo. — É só um Baphomet. Não tem problema, posso lutar também.

— Não. Vá, agora. — ele disse. — Eu já tive um Baphomet de estimação há uns quinhentos anos. Sei o que eles querem.

Diablo revirou os olhos.

— Divirta-se. — disse.

E saiu correndo.

Dezessete.

Diablo parou na frente da casa onde estava “hospedada”. Dirigiu-se até a porta, mas assim que suas mãos tocaram na maçaneta da porta, ela ouviu alguém se aproximar e sentiu o cheiro de enxofre. Sacou a arma que carregava em seu capote, virou-se para trás e apontou a arma.

Por incrível que pareça, ela se surpreendeu com o que viu.

— Aaba? — perguntou com as sobrancelhas arqueadas.

A mulher a sua frente era indiscutivelmente bela. Tinha longos cabelos espessos, lisos e louros, que batiam na sua cintura. Olhos cinzentos claros e opacos, e um rosto muito belo. Ela trajava um longo vestido vermelho e muito bonito, onde na área da barriga era descoberto, mostrando a barriga lisa e o umbigo.

O rosto belo da mulher retorceu-se numa careta.

— Aponte isso para lá, garota. — ela tocou com a ponta do dedo na arma de Diablo e virou-a para o lado. — Não vim te fazer mal. Você sabe disso.

Aaba é um demônio fêmea, que serve apenas para seduzir os homens. É uma dos poucos demônios que não consegue presenciar derramamento de sangue — é pacífica, gentil e ao mesmo tempo irresistível.

Diablo guardou a arma. Nem que Aaba quisesse, ela poderia machucar alguém; para uma demônio, ela era gentil além do normal. Geralmente demônios não são nada amigáveis. Aaba é diferente. Ela era como se fosse um anjo.

— O que você quer? — Diablo perguntou.

— Avisos. — ela disse. — Apenas avisos. Não moro no castelo de Lúcifer, mas pude encontrar Isis dando umas voltas por aí. — ela deu de ombros. — Vou dar uma de mensageira agora. Quer ouvir as notícias?

— Fale. — Diabolo deu de ombros.

— Ninguém poderá lhe visitar durante um bom tempo, Lilim. — Aaba disse e Diabolo ajustou a postura, desconfortável com a menção do nome original. — Você ficará sem avisos de Sehedin e Isis. Os dois estão sem nenhuma maneira de poder ficarem sozinhos. Só para Isis me contar tudo foi um trabalho. Há dois demônios a seguindo, certificando-se de que ela não estaria vindo para cá. A mesma coisa é com Sehedin. Eles dobraram a vigilância no castelo para você e Cresil não entrarem e nem conseguirem pegar o humano. Tome cuidado.

— Mais alguma coisa? — Diabolo perguntou levemente atordoada.

— Sim. — Aaba sorriu. — Sulpicia morreu.

O estômago de Diabolo se revirou com a notícia.

— Céus... — ela murmurou.

— Lúcifer acreditava que ela estava ajudando você e Cresil. Tratou-a como uma traidora. Ela morreu na frente dele. — Aaba disse. Ela estendeu a mão até o ombro de Diabolo. — Eu sinto muito.

— Foi culpa minha. — Diabolo disse com a voz embargada. — Ela morreu por culpa minha.

— Sulpicia morreu porque quis. Ela podia ter escolhido um lado, Lilim. Ou Lúcifer, ou você. Ela resolveu ficar em cima do muro, e foi por isso que ela morreu. — Aaba disse com a voz calma.

— Você não entende, Aaba. — Diabolo disse. — Vá, por favor. Antes que você acabe morrendo também.

— Eu sou um elemento neutro. Não estou nem do seu lado e nem do lado de Lúcifer. — disse. — Não tenho direito de me meter no problema de vocês. Apenas vim fazer o que Isis me pediu; e Isis é uma grande amiga minha. — sorriu. — Estou indo. Até algum dia, Lilim.

— Até... Aaba. — Diablo murmurou.

Aaba deu um último sorriso e desapareceu. Diablo suspirou, resignada e entrou dentro da casa onde estava hospedada. Sentia um peso enorme sobre o seu peito. A culpa lhe consumia inteiramente. Harlan estava no castelo, sofrendo pela transformação vampírica por sua culpa. Sulpicia havia morrido por causa dela. Quantas mais pessoas teriam de sofrer por sua causa? Por causa dos problemas dela? Ela não iria suportar mais. Não mesmo.

Havia decidido que não deixaria mais nem Sehedín e nem Isis se meterem nos seus assuntos com o pai. Os deixaria fora disso. Não colocaria mais a vida dos dois em risco. Nem a de Legna. De mais ninguém.

Não estava mais conseguindo suportar que as pessoas morressem ou se machucassem por sua culpa.

Isso tem que acabar, ela pensou.

Aquilo, de fato, acabaria.

— Nem nos meus sonhos você me deixa em paz?

Diablo revirou os olhos e rolou na cama avermelhada. Não sabia por que Alec sempre acabava parando nos seus sonhos. Ou pelo menos algumas vezes.

Ela sentiu a cama balançar. Olhou para o lado e viu Alec deitado, ao seu lado.

— Você tem algum problema — ela começou a perguntar, debruçando-se sobre a cama e olhando para ele. — em usar camiseta?

Alec desviou os olhos azuis do rosto dela para o seu peito nu. Ele trajava apenas uma calça preta de pijama. Ele olhou novamente para ela e deu uma risada rouca

— Eu estou seduzindo você? — ele perguntou.

Diablo revirou os olhos novamente.

— Precisamos planejar como iremos invadir o castelo. — ela disse calmamente, virando-se de barriga para cima na cama e sentando-se, colocando o travesseiro em cima de seu corpo. — Tem que ser perfeito. Aaba veio falar comigo hoje e disse que a segurança dobrou desde que fomos para lá. Acredito que o nível de Saarecais aumentou.

Alec arqueou as duas sobrancelhas e depois sorriu de lado, sem exibir os dentes.

— Não, Diablo. — ele disse. — Lúcifer não é tão idiota a ponto de colocar Saarecais para vigiar cada canto do castelo. Ele colocou uns de seus demônios, é claro. Saarecais são lerdos demais, apesar de serem facilmente... matáveis. — Alec suspirou. — Ou seja: fodeu.

Diablo olhou para ele.

— Então você vai simplesmente desistir? É isso? — ela perguntou com sarcasmo. — Nossa, Alec. Que grande demônio corajoso você é.

Ele fechou a cara para ela.

— O que quero dizer, fofinha, é que a guarda de Lúcifer dobrou provavelmente em mil desde que invadimos. Deve haver um Chimera em cada final de corredor, apenas esperando para o lanchinho da tarde. Quem sabe até um demônio de cinco cabeças e uns trezentos braços. Quem sabe? — ele deu de ombros. — Lúcifer é uma caixinha de surpresas. Nunca se sabe o que ele está tramando. E quando eu digo nunca, Diablo, é porque é nunca mesmo.

Diablo bufou e jogou o travesseiro que segurava para o lado, como uma adolescente revoltada. Estava louca da vida com aquilo, ela não podia negar. Faltavam apenas poucos dias até que a transformação de Harlan se completasse, e eles mal haviam chegado perto dele. E ela ainda tinha de falar com Legna, para saber se ela poderia reverter a transformação.

— Pelo menos vamos tentar — ela disse. — Você sabe de algum lugar aonde Lúcifer nunca vai? Ou manda alguém? Sei lá, uma parte abandonada do castelo?

— Calabouços. — Alec disse rapidamente. — Ele manda seus inimigos e prisioneiros para lá. Mas aquele lugar está abandonado faz alguns séculos. — deu de ombros. — Mas perca as esperanças, Diablo: ele provavelmente vai ter aumentado a segurança lá também. Ele não é burro. Não podemos subestimá-lo.

— Sei que não — ela murmurou. — Mas devemos apenas tentar, Alec. Aliás, não posso abandonar Harlan dessa maneira. Ele precisa de ajuda. É tudo culpa minha e...

Alec sentou-se na frente dela na cama. Suas mãos foram direto para os ombros dela, e ele a fez olhar em seu rosto.

— Pare de se culpar! — ele disse pausadamente. — Raios, Diablo, você não tem culpa! Pare com isso. E você não tem obrigação nenhuma de ir salvá-lo.

Os olhos delas marejaram por um instante. Entretanto, ela os fechou e respirou fundo. Quando os abriu novamente, eles estavam normais.

— É culpa minha sim, Alec — ela disse. — Eu que fui atrás dele. Criamos uma ligação forte demais. A minha presença causou isso. Você não entende?!

Ele respirou fundo.

— Nunca tive uma ligação forte demais com uma humana — ele soltou os ombros dela. —, então não, Diablo, eu não entendo. — sua voz era baixa e controlada. — Só pare de se culpar. Quanto mais você se culpa, pior fica a situação. Entendeu?

Ela assentiu com a cabeça levemente. Ele deu um sorriso imperceptível.

— Tudo bem. Agora... para onde nós vamos teletransportar?

— Por que aqui?

Diablo levantou os olhos para ele.

— Você precisa estar junto nessa conversa com Legna. — explicou ela. — E o motivo de ser aqui... Bem, eu não iria lhe convidar para entrar na minha casa. Não mesmo.

Alec deu um sorriso debochado. Cruzou os braços sobre o peito e perguntou:

— Por quê? Você não confia em mim, Diablo?

A expressão de Diablo continuava impassível.

— Não.

Alec fechou a cara.

— Acho que vou pegar um drinque. — ele murmurou, levantando-se e seguindo até o bar. Os dois demônios encontravam-se em um barzinho pouco movimentado de Manchester, à espera de Legna. Diablo havia ligado para ela e dissera para que a encontrasse naquele barzinho. Ela iria perguntar como reverteria a transformação que Harlan estava passando.

Diablo começou a brincar com o guardanapo sobre a mesa. Podia escutar Alec cantando a garçonete e depois a hipnotizando, convencendo para lhe dar uma bandeja com dez doses de tequila grátis. A atendente de cabelos castanho-claro e curto ficou em transe por alguns segundos e depois pegou a bandeja e colocou dez copos de pequenas doses de tequila, colocando a bebida dentro.

— Diablo, o que aconteceu? — ela ouviu a voz feminina vinda da sua frente. Legna puxou a cadeira da frente dela, onde Alec estava sentado até a poucos minutos atrás e depois se sentou. — Você estava preocupada no telefone e...

— Prontinho. — Alec disse com a voz rouca. — Aqui está, meninas. Tequila pura. — ele pegou uma dose e virou. — Agora fica certinho. Três doses para cada um. — ele olhou para Legna e deu um sorriso torto. — E aí, gata.

Legna deu um gritinho horrorizado. Ela já deve saber quem ele é, pensou Diablo. Viu Legna sacar a adaga celestial que sempre carregava consigo escondida em alguma parte de seu corpo, abaixo da roupa.

— Qual o problema dela? — Alec perguntou, gesticulando com a cabeça para Legna.

— Nenhum. — Diablo respondeu. — Legna, abaixe isso. Ele não vai fazer nenhum mal. Ele é...

— Ele é um demônio! — Legna sibilou.

— Eu também sou. — Diablo disse.

— Mas você é diferente. — Legna disse. — Além do mais, ele é Cresil.

— Eu prefiro que me chamem por Alec. — ele deu um sorriso amarelo e pegou outra dose de tequila.

Legna grunhiu e olhou para Diablo.

— Você é diferente — ela repetiu. —, porque eu confio em você.

— Você pode confiar nele também. — Diablo disse calmamente. — Ele é um amigo.

— Desde quando vocês são amigos?!

Diablo apertou os lábios.

— Desde que Harlan foi sequestrado.

— Harlan? Quem é Har... Ah. — a ficha dela pareceu cair. — Você tem um humano.

Diablo assentiu com a cabeça.

Legna ajustou sua postura na cadeira, mas sem guardar a adaga celestial. Alec ainda não tinha conquistado 100% de sua confiança.

— No que ele está ajudando? — Legna perguntou e desviou os olhos turquesa para ele, que pegava outra dose de tequila.

— Ele está me aju...

— Não é bom dizer isso em público. — Alec disse de maneira descontraída. — Pode haver alguns ouvidinhos sensíveis ou...

— Não é como se todo o Inferno não soubesse que estamos tentando invadir o castelo de Lúcifer. — Diablo sibilou, revirando os olhos.

— Vocês... O quê? — Legna engasgou. — Vocês estão loucos? Vocês têm alguma ideia do que estão fazendo? Vocês sabem qual são as consequências para invasores, ainda mais quando se trata dele?

— Escravidão, tortura, morte, estupro, sofrimento eterno... — Alec contou nos dedos. — Vamos pular essa parte? — ele perguntou e bebeu outra dose de tequila.

— A questão é — Diablo começou — que Harlan foi sequestrado por uma vampira e ele está passando pela fase de transformação. — ela hesitou. — Preciso saber como revertê-la.

Legna olhou-a, estupefata por alguns segundos. Depois, deu uma risada amarga.

— Não há como reverter a transformação.

Alec revirou os olhos e disse:

— Beeeep. Resposta errada.

Legna estreitou os olhos para Alec.

— Há apenas uma maneira de pausá-la, não revertê-la. — prosseguiu. — O veneno provavelmente já deve estar em seus órgãos vitais, além do mais. E podem restar sequelas.

— Como se faz? — Diablo perguntou, inclinando-se para frente.

— Deve-se sugar o veneno até que o corpo dele esteja totalmente limpo. É possível saber quando o veneno para de pinicar na sua boca e depois vem o sangue.

— Parece que alguém fez a lição de casa — Alec disse de maneira provocante. —, ou fez isso ela mesma.

— Cale essa boca. — Diablo e Legna disseram juntas. Alec deu de ombros e pegou outra dose de tequila.

— Mas há um problema. — Legna disse.

— Qual? — Diablo e Alec perguntaram juntos. Alec já estava virando outra dose, não se importando se já estava pegando de Diablo ou Legna.

— Deve ser feito por um vampiro. Caso contrário...

— O quê?

Legna respirou fundo.

— Por favor, não me diga que você está pensando em fazer isso.

— ela olhou fixamente para Diablo, que bufou.

— Não enrole — ordenou Diablo impaciente.

Legna olhou para baixo e depois olhou para Diablo.

— Caso contrário, a pessoa que está sugando o veneno, morre.

Dezoito.

— **Até que faz sentindo**, sabe. — Alec disse. — Veneno de vampiro é totalmente mortal a um demônio. Um pouco ingerido.

— E você vira um monte de pó. — Legna finalizou. — Os vampiros suportam o próprio veneno. É como se fizessem parte do sangue deles, ou coisa assim. O humano se fizer isso, passa a ter a transformação. Mas é totalmente inútil, porque quando ele tiver ao menos uma gota de veneno tocando na língua, ele vai tombar no chão. Os demônios vão morrer, ou incendiar ou... sei lá. De qualquer outra forma que os demônios morrem.

— O veneno cria uma combustão instantânea nos demônios. — Diablo disse calmamente, olhando para a caixinha de guardanapo fixamente. — Faz com que eles mesmos se incendeiem. O veneno simplesmente queima. — ela suspirou. — Eu me lembro disso.

— Sala de aula. — Alec supôs.

— Exatamente. — Diablo disse e olhou para ele. — Aula básica de vampiros. Lúcifer me obrigou junto com Sehedín a fazer. Roudin era mais velho que eu, obviamente, mas era muito frangote.

— Ele não parece tão frangote agora, fofocando para o pseudo-pai.

— Parem. — Legna disse. — Diablo, por favor, me diga que você não vai fazer isso.

— É o que meu pai quer. — Diablo olhou fixamente para Legna, com uma sobrancelha arqueada. — Ele me quer morta. E eu também não conheço nenhum outro vampiro. Aliás, antes a vida de

Harlan do que a minha. A dele é mais especial, vale muito mais. A minha é muito mais inútil, Legna.

— Você não deve fazer o desejo do seu pai — Legna disse alarmada. — Aliás, você vai morrer no mesmo momento que o veneno tocar sua boca!

— Eu posso tentar. Sou forte o suficiente para isso.

— acredite, Di, nem tão forte. — Alec disse.

Ela virou-se para ele, com as duas sobrancelhas arqueadas.

— Di? — perguntou incrédula. — Di?

— Qual o problema? — ele parecia inocente. — Você preferia algo como... amor?

— Desde quando você tem toda essa intimidade? — ela perguntou exaltada. Ele abriu a boca para responder; e ela sabia qual era a resposta. — Cale a boca. Não diga nada! — sibilou.

Ele não respondeu. Apenas riu baixo.

— Você precisa de um vampiro. — Legna fez com que rapidamente eles voltassem ao assunto anterior.

— Não, eu não preciso de nada. — Diablo disse. — Eu vou tentar sugar o veneno que está no corpo dele.

— Você vai apenas tentar. Não vai conseguir. — ela viu Diablo estreitar os olhos para ela e abrir a boca para responder, mas ela logo se apressou: — Eu sei que não tenho como convencê-la para que não faça isso, então estou apenas tentando ajudar. Você vai precisar de um vampiro para continuar o seu "trabalho". Aliás, precisa de um vampiro para encontrar a mordida.

— Foi no pescoço. É claro. — Diablo disse. — Sempre é no pescoço.

— Mas em que ângulo? Em que parte do pescoço? — Legna inclinou-se um pouco na mesa, colocando os cotovelos sobre ela. Diablo não respondeu. — Você não sabe. Um pescoço pode ser grande demais para uma mera demônio, Diablo. Mas para vampiros.

— Eles podem ver a mordida — Alec murmurou.

— Exatamente. — ela olhou para Alec, ainda com os olhos cor turquesa faiscando de raiva. — Eles têm uma visão mais avançada que nós. Eles podem detectar qualquer cicatriz em uma criatura que seja de um vampiro. A essa hora, o pescoço do seu humano deve estar limpinho, sem marca alguma. Você não iria conseguir encontrar. Mas um vampiro pode.

Diablo levantou as mãos e resmungou.

— Onde diabos eu vou encontrar um maldito vampiro? — ela perguntou. — E que não queira a minha cabeça para entregar de bandeja de ouro para Lúcifer?

— Eu não conheço nenhum, por incrível que pareça. — Alec disse calmamente. — A única que eu conhecia era Roesia, mas ela passou para o lado negro. — ele deu de ombros. — Os vampiros ultimamente têm sido inúteis no Inferno. Só Lúcifer que encontrou alguma utilidade neles. Ou melhor, nela. — ele suspirou teatralmente e soltou um sussurro, algo como “ela era tão gostosa”.

— Eles estão quase extintos — Legna falou. — Acredito que se houverem dez vampiros no mundo, é muito.

— No mundo — Alec deu uma ênfase. — Estou falando no submundo.

— E eu estou falando dos dois. — Legna estreitou os olhos para ele.

Diablo deixou os ombros relaxarem. Ela cruzou os braços e tomou uma expressão pensativa.

— Eu terei de falar com ele. — confessou. — Ele é o único que eu conheço que saiba de diversas espécies. Vampiros, principalmente. Ele deve conhecer todos os vampiros existentes.

— Ele quem?

Diablo mexeu os lábios silenciosamente, formando o nome do rapaz. Sehedin. Mesmo que o Inferno inteiro soubesse que ela estava querendo invadir o castelo de Lúcifer, ela ainda teria de manter em segredo os nomes. Poderia haver algum demônio por lá, escutando tudo.

— Ah. — Legna sussurrou. — Mas... — ela mordeu o próprio lábio inferior. — Por que tem um tom triste na sua voz?

— Porque eu não posso falar com ele. De maneira alguma.

— Ah. — Alec murmurou. — É verdade.

— Por quê? — indagou Legna.

— A segurança no castelo aumentou muito desde que invadimos. — Diablo olhou para Alec e depois olhou para Legna. — Um passarinho me contou que estariam vigiando ele, principalmente. Estão suspeitando. — suspirou. — Sulpicia morreu.

— Tsc. Se morreu, foi porque merecia. Ninguém a mandou ficar em cima do muro. Eu havia falado para ela para escolher um lado de uma vez, mas ela era medrosa demais.

Diablo encolheu-se e sussurrou:

— Não fale assim, Alec.

— Mas é verdade! Ela teve o que merecia.

— Só você acha isso. — Diablo murmurou e pegou um guardanapo, torcendo-o nos dedos, para tentar pensar em algo útil.

— Você não tem coração. — ela murmurou, olhando fixamente para o guardanapo. Suas palavras eram dirigidas a Alec.

— Ela está certa. — Legna murmurou.

Alec arfou.

— Eu não vou nem responder vocês duas — ele disse. —, vou bater um papo cabeça com a tequila enquanto vocês discutem o que vão fazer ou não, ok?

Diablo chutou sua canela por debaixo da mesa. Ele pareceu nem sentir.

— Eu vou procurar um vampiro dos arquivos — Legna disse. — Pode ser que eu encontre um, na prisão, por exemplo. O problema vai ser convencê-lo. Provavelmente vai exigir liberdade.. — ela encolheu os ombros.

— Vocês têm uma prisão? — Alec perguntou pasmo.

Diablo deu uma risada amarga.

— Uma bem grande, para cada demônio que não se comportar bem. — Diablo falou. — É um cantinho da disciplina para os demônios. Ou o último lugar onde ele vai ficar antes de ser morto.

— A Prisão Celestial não é um lugar onde eu goste de ficar, mas... — ela continuou com os ombros encolhidos. — Posso procurar nos registros e ver se encontro um vampiro vivo. Isso é, se ele não fritou totalmente exposto ao sol... — ela sussurrou para si mesma a última frase.

— Temos dois dias. — Diablo informou. — Nem acredito que já se passou tanto tempo. — murmurou.

— Você ouviu, baixinha? Dois dias. — Alec disse olhando para Legna e depois, tomando uma dose de tequila. — Aprese-se.

Ela estreitou os olhos para ele.

— Eu só vou ajudar porque Diablo é minha amiga. — ela disse. — Se fosse por você, eu nem chegaria perto de encostar com meus pés nessa rua. — grunhiu. — Quando você me pedir ajuda e precisar salvar sua vida, vai ser a mesma coisa que pedir ajuda para uma parede, demônio. Eu não vou te ajudar. Vai ser um prazer imenso vê-lo morrer. — ela olhou para Diablo. — E espero que mate esse infeliz depois de usá-lo o suficiente para resgatar Harlan. Eloi não está feliz com a existência dele.

Diablo não disse nada, apenas assentiu com a cabeça. Legna levantou-se e desapareceu num piscar de olhos, deixando para trás uma fina camada de fumaça branca no local, que logo sumiu também. Uma pena de sua asa caiu sobre a mesa e Diablo a pegou rapidamente, guardando-a dentro do capote.

— O que é isso? — Alec perguntou. — Guardando uma pena da asa da sua amiga? Vem cá, você gosta de uma briga de aranhas? — perguntou ele de maneira debochada.

Diablo estreitou os olhos para ele.

— Ter uma pena de anjo com você dá sorte. — ela disse. — Pelo menos é o que dizem. — murmurou. — Mas você agiu como um completo imbecil com ela, Alec. — sua voz aumentou duas oitavas. — Ela está totalmente disposta a ajudar-nos e você quase estragou tudo. Acho que ela só nos resolveu ajudar porque eu sou uma amiga de longa data dela. Caso contrário...

— O que ela disse sobre a transformação não era nada que nós já não saibamos. — ele disse calmamente. — Nós sabíamos daquilo tudo, coisinha por coisinha. Apenas não conseguíamos recordar.

— De uma maneira ou outra, ela ajudou e está ajudando, se quer saber. — Diablo levantou-se da mesa. — Te vejo no galpão em uma

hora. Ainda preciso arrumar minhas coisas.

— Que coisas?

— Armas, Alec. Armas. — ela disse como se aquilo fosse óbvio demais. — O que, devo dizer, você também precisa. Acha que vai conseguir encarar demônios gigantes com apenas os seus punhos?

Ele deu um sorriso torto.

— Eu tenho um soco inglês demoníaco. Posso dar conta do recado. — ele piscou.

Diablo revirou os olhos.

— Dane-se.

Diablo chegou a casa onde morava por um tempo indeterminado depois de passar por alguns problemas. Havia encontrado um demônio de tamanho médio, que ela nem sabia a qual legião pertencia. Ela conseguiu matá-lo sem grandes problemas, mas ele deixou um corte em seu braço que ardia o inferno — e ela não poderia cuidar enquanto não estivesse em casa, com uma garrafa de água benta e uma dose de essência demoníaca. E, claro, curativos.

É claro que, como ela também era um demônio, a água benta queimaria sua pele. Mas não tinha tempo de recorrer às suas habilidades especiais, então teria de recorrer para a maneira mais dolorosa de se curar. Afinal, band-aids ou álcool não iriam resolver nada. Apenas água benta seria capaz de tirar qualquer resquício de veneno do demônio — pois o sangue do demônio era venenoso, diferente do de Diablo. E depois, usaria a essência demoníaca para fechar a ferida e limpar o sangue.

Diablo tirou o capote e sentou-se na cama. O vidro de água benta estava em cima do armário, mas havia um conta-gotas cheio ao seu lado, em cima de uma toalha. Havia também um vidrinho de cinco centímetros, com um líquido vermelho escuro dentro. Era essência demoníaca. Sentiu um arrepio na espinha ao olhar para os dois.

Endireitou-se na cama, sentando de maneira mais confortável. Ela pegou o conta-gotas cheio de água benta com a mão boa e direcionou-o até o braço machucado. Havia um corte que começava a uns três dedos do seu cotovelo e terminava dois dedos depois dele. Ou seja, doía o inferno para mexer o braço.

Ela apertou o conta-gotas. Uma gota de água benta caiu no corte rapidamente. Diablo gemeu. Uma fumaça saiu do local, o pôde-se ouvir barulho como que de óleo quente em frigideira. Diablo deixou pingar mais duas vezes sobre o corte — não contendo gemidos altos de dor — e depois, pegou a essência demoníaca.

A pele que rodeava o corte estava cinza-escura, e um pouco do sangue negro saía pelo machucado. Ela sentiu outro arrepio lhe percorrer pela espinha. Nunca havia usado essência demoníaca em toda sua existência, mas Legna disse-lhe que era ótimo para curar ferimentos, seja lá qual fosse sua extensão. Ainda mais para demônios — já que era algo exclusivamente demoníaco.

Ela estendeu a mão boa até o vidrinho com o líquido vermelho escuro, tirou a pequena tampa redonda e preta e logo o cheiro de sangue invadiu suas narinas. Não, ela pensou, não pode ser sangue.

Ela olhou para o líquido. Ele era mais aguado que o sangue, na realidade. Talvez fosse apenas com um cheiro parecido. Logo ela sentiu um cheiro pouco doce exalar dele, e então, ela esqueceu o cheiro de sangue no mesmo momento.

Molhe a ponta do dedo com a essência e depois passe no machucado, ela se lembrou das palavras de Legna. Diablo seguiu as instruções como havia recebido da amiga anjo. Uma onda de alívio atravessou o seu corpo. No momento que a essência tocou o machucado, a queimação da água benta desapareceu. Logo sentiu aquela parte adormecer, como se fosse uma forte anestesia.

A parte escura da pele ao redor do machucado voltava a clarear, voltando ao tom pálido do seu braço como era antes. Respirou fundo e tampou a essência, guardando-a no armário junto com a água benta. Sentia-se melhor e mais aliviada. A essência estava tirando todo o resquício do veneno no sangue dela.

Ela voltou-se para o quarto e viu um pacote com papel branco ao redor, em cima da cama. Havia um "L" escrito na lateral, e ela logo imaginou de quem era. Legna, obviamente. Ela pegou o pacote e o abriu. Era uma caixa de madeira. Ela levantou a tampa e quase pulou para trás.

Tratava-se de um punhal celestial e mais algumas tiras de munição de água benta para ela pôr na sua arma. Ela deu um sorriso. Legna havia preparado tudo mesmo para ela, mesmo antes dela chegar à casa.

Diablo pegou tudo o que precisava. O punhal novo, a arma, as balas. Recarregou sua arma. Colocou tudo nos bolsos internos do seu capote.

Saiu da casa, correndo em uma velocidade sobre-humana. Em alguns segundos, sentiu um cheiro de enxofre durante o caminho, mas não deu bola — não tinha tempo para lidar com demônios naquele momento. Já havia perdido tempo o suficiente lutando contra um, não poderia perder mais.

Ao se aproximar dos destroços do galpão, Diablo sentiu o forte cheiro de enxofre. Logo diminuiu o passo. Apertou os olhos e pôde ver uma estranha sombra negra corpulenta, movendo-se como se estivesse lutando. No mesmo momento que ela arregalou os olhos, a sombra caiu. Avistou Alec, em pé, segurando algo que parecia mais uma espada. Diablo correu o mais rápido que pôde e em dois segundos, estava ao lado dele.

Arfou.

— Acho que você se divertiu por aqui. — comentou Diablo.

Alec não olhou para ela. Pegou uma caixa de fósforos e tirou um de dentro. Segurou-o com os dentes por um segundo enquanto fechava a caixa e depois o riscou. Ele jogou o palito de fósforo em chamas no corpo escuro e gosmento do demônio e no mesmo segundo, ele pegou fogo.

— Com um demônio transformista que estava se passando por você até a uns minutos atrás? Acho que não. — ele respondeu com indiferença, com os olhos azuis fixos no corpo incendiando-se à sua frente.

A boca de Diablo se abriu em choque. Fazia certo tempo desde que vira um demônio transformista.

— Ah. — ela sussurrou. — Me desculpe.

— Não se desculpe. — ele disse. — Não foi culpa sua.

Diablo encolheu os ombros levemente.

— Podemos ir, por favor? — ela perguntou.

Alec não respondeu.

— Alec, está tudo bem?

— Eu preciso lhe fazer uma pergunta. — ele disse sem emoção. Levantou seus olhos na direção do rosto dela, olhando nos olhos

dela. Entretanto, Diablo evitou olhar nos olhos dele.

— Faça. — ele disse.

— Quando tudo isso terminar — ele começou calmamente —, quando salvarmos o seu humano. Você vai voltar a me perseguir? A me caçar?

Por um momento, Diablo ficou sem resposta. Ela nem ao menos havia pensado sobre aquilo. Ela queria, mas estranhamente, ao mesmo tempo não queria caçá-lo. Percebeu que, na verdade, Alec era um amigo. Sentiu seu peito doer ao pensar na possibilidade de ter que matá-lo com as próprias mãos — embora ele tivesse matado todas aquelas adolescentes.

Ela respirou fundo.

— Isso o que estamos fazendo é apenas uma trégua. — respondeu Diablo com calma — Desculpe-me, Alec, mas eu sou obrigada a perseguir e... matar você. É o meu trabalho. — ela encolheu mais os ombros. — E também, se eu não fizer isso, vão arranjar alguém que faça. E acredite... não vai faltar. — ela olhou para os próprios pés. — Eu sinto muito. — murmurou e depois olhou para o rosto dele.

Sua expressão era impassível. Não demonstrava nenhuma emoção; nem tristeza, nem alegria, o que fosse. Mas seus olhos entregavam-no. Uma pontada de dor atravessou os belos olhos azuis de Alec, mas ele disfarçou, desviando o olhar de Diablo e olhando para um ponto fixo através dela.

— Tudo bem. — ele disse. — Eu entendo.

— Escute, se não fosse Harlan, eu ainda continuaria perseguindo você e...

— Se não fosse Harlan, eu não teria lhe conhecido melhor. Se não fosse Harlan, não teríamos tido essa trégua. Se não fosse Harlan, eu não teria... — ele parou de falar abruptamente.

— Não teria o quê?

— Nada. — respondeu rapidamente. — Então, nós vamos ou não? Diablo relaxou os ombros.

— Tudo bem. Vamos. — disse. — Já sabe para onde teletransportar, não sabe?

— Mas é claro. — respondeu. — Calabouços.

— Exatamente.

— Ok. Vamos lá. — ele estendeu o braço para ela, que o segurou firme, fechando os olhos. Alec também fechou os seus.

Os dois esperaram seus pés tocarem o piso úmido dos calabouços e esperaram o cheiro de podre.

Mas aquilo não aconteceu.

Diablo e Alec continuaram no mesmo local, ao lado dos destroços do galpão abandonado. O corpo do demônio que estava queimando, agora virara cinzas. Totalmente.

Os dois abriram os olhos ao mesmo tempo e expressões confusas tomaram conta de seus rostos.

— O que aconteceu? — foi Diablo quem perguntou.

— Boa pergunta. — Alec respondeu. — Eu me concentrei, mas... Ah.

— O quê?

— Proteção Demoníaca. — Alec disse simplesmente. — Devem ter colocado no castelo. Por isso não consegui.

— O quê?! — exclamou. — Proteção Demoníaca no castelo? Isso é impossível! É um ritual de proteção que exige muito esforço e

energia... Principalmente sangue de demônio, que é preciso praticamente um sacrifício! Leva horas para ser realizado!

— Parece que seu passarinho não estava brincando quanto à segurança ter aumentado em mil vezes. — Alec disse com sarcasmo.

— Acredito que eles já estivessem planejando isso há algum tempo.

— Proteção Demoníaca não é aumentar a segurança em mil vezes. — murmurou Diablo. — É aumentar em um milhão de vezes.

Alec deu uma risada rouca.

— Ninguém entra e ninguém sai. Legal.

— Então vamos tentar teletransportar para os arredores do castelo. Deve haver alguma maneira de entrarmos... — disse Diablo em voz baixa, pensativa.

— Você está louca?! — Alec exclamou. — O que diabos você aprendeu sobre proteções demoníacas? Já falaram para você que caso você tente atravessar pode morrer? Talvez possa até sair viva, mas com uma parte do corpo transformada em pó. Você quer isso? Acredito que não.

Diablo abriu a boca para falar algo, mas as palavras sumiram. Não conseguiu dizer absolutamente nada.

Respirou fundo.

— É verdade. — ela sussurrou. — Mas então, como é que iremos entrar? Não há maneira alguma de podermos entrar lá.

— Teremos que conseguir a ajuda de algum feiticeiro, ou até mesmo um arcanjo dos fodões, para acabar com a proteção. Ou pelo menos tirar parte dela para podermos entrar... — ele hesitou. — ... E outra para sair.

— Não é qualquer um que consegue. — Diablo disse por um fio de voz.

— Pior que não. — Alec concordou.

Os dois ficaram em silêncio durante alguns minutos. Depois, Alec disse:

— Podemos pedir ajuda para Legna.

Diablo estreitou os olhos para ele.

— Legna ainda é... fraca. — disse ela. — Ela não é muito velha como anjo. Não tem poder suficiente. Uma tentativa de quebrar a proteção e ela morreria tentando, e não conseguiria. E aliás — ela cruzou os braços —, é totalmente contra as regras. Therual lhe daria um belo de um sermão... ou a deixaria de castigo. O pior castigo.

— Qual é o pior castigo? — Alec pareceu interessado.

Diablo reprimiu um sorriso.

— Eu não sei. Nunca passei por ele. — ela deu de ombros. — Mas isso é sério. Não podemos pedir para que ela faça isso. Ela não tem nem cinquenta anos de anjo. Teríamos que pedir para... — ela parou de falar e apertou os lábios. — Merda.

— Para quem?

Diablo respirou fundo, tentando ficar calma.

— Para Therual.

Dezenove.

Diablo estava na frente de uma catedral de Manchester. Havia ligado para Legna e pedindo audiência com Therual na frente daquela igreja. Ela estava sozinha, pois sabia que Therual surtaria se a visse com Alec.

Ela estava de braços cruzados. O tempo estava fechado e o ar gelado do local, deixava Diablo enfurecida. Uma coisa que ela odiava era o frio; mesmo que fosse um demônio e mal o sentisse.

Porém, ela percebeu uma coisa: no momento que a chuva começou a cair, ela sabia que Therual estava se aproximando.

Não deu outra: ele apareceu, no mesmo segundo, trajando roupas impecavelmente brancas. Seus olhos azuis faiscaram para Diablo. Ele não mudara nada desde a última vez que ela o vira; continuava com os cabelos castanhos do mesmo tamanho, sem terem crescido um único centímetro. A barba ainda estava por fazer.

Era o que acontecia quando se era um ser imortal.

— Uma catedral? — ele perguntou. — Não é teatral demais?

Diablo respirou fundo, mas não respondeu.

— É bom que isso seja realmente importante como Legna disse. — ele falou calmamente, colocando as mãos no bolso do casaco branco. — Não quero ter que perder tempo com você enquanto eu poderia estar fazendo coisas mais importantes.

— Tudo bem. — ela disse. — Eu preciso que você desfaça pelo menos uma parte de uma Proteção Demoníaca. — falou simplesmente.

Therual a olhou por um minuto inteiro, pasmo. Seus olhos azuis estavam levemente arregalados e sua boca entreaberta. Depois, ele caiu na gargalhada.

— Eu estou falando sério. — Diablo disse.

— Para que diabos você quer acabar com uma Proteção Demoníaca? — ele perguntou.

— Há um humano... — ela começou. — Ele foi pego por Roesia, uma vampira. Ele está passando pela transformação. Preciso pegá-lo imediatamente e salvar a vida dele.

Therual a olhou por alguns segundos e soltou um suspiro.

— O quão importante esse humano é para você? — ele perguntou.

— O suficiente.

Ao ouvir o que ela disse, ele deu um sorriso torto, debochado. Em seguida, cruzou os braços sobre o peito.

— Não vou fazer isso, Lilim. Eu sinto muito.

— Mas Therual...

— Não quero saber. Aliás, você já imaginou que ao invés de estar salvando a vida dele, tentando tirá-lo do local onde ele está e, provavelmente revertendo a transformação, o que eu sei que você vai querer fazer... você vai estar acabando com a vida dele?

— Acabar com a vida dele seria ele se transformar em um demônio, Therual! — arquejou Diablo. — Eu não quero isso para ele!

— Mas é claro que não. — Therual disse calmamente. — Sendo um vampiro, ele terá vida eterna. Nunca mais sofrerá com dores e doenças. Será incrivelmente belo, poderá ter todas as mulheres que quiser, principalmente tudo o que quiser com a hipnose. É a vida perfeita para um humano. Você não acha?

— Não, eu não acho.

— Vamos, pare de ser egoísta. Pense bem.

— Ser egoísta? Ser egoísta? — ela sibilou. — Eu não acredito. Eu estou querendo salvar a vida dele, Therual. Você não faz ideia do que farão com esse rapaz! Os responsáveis não irão deixá-lo viver a vida livremente!

— Como você sabe disso? — Therual perguntou rispidamente.

Diablo calou-se rapidamente.

— Eu simplesmente sei. — disse. — Mas você concorda que ele seja um demônio, Therual? — perguntou. — Ora, que divertido. Logo você que detestava demônios mais do que qualquer ser vivo no universo.

Therual fez uma carranca.

— Onde ele está? — ele perguntou. — O rapaz. Em que castelo ele está?

Uma chama de esperança cresceu no peito de Diablo.

— No castelo de Lúcifer.

Therual respirou fundo.

— Eu não posso fazer isso. — ele disse calmamente.

— Por quê?

— Porque eu não irei ficar entre os problemas que devem ser resolvidos entre você e seu pai. Ah, mas eu não irei mesmo.

Diablo resmungou.

— É a vida de um humano que está em risco, Therual.

— Isso não é problema meu! — disse ferozmente o anjo. — Ninguém pôs uma arma na sua cabeça e lhe obrigou a procurar esse rapaz em seus sonhos sempre que precisava. E porque sempre ele? Você sabia que isso um dia poderia acontecer, mas ficava negando.

— sibilou. — Agora arque com as consequências do problema que você mesma arranhou, sem a ajuda de ninguém.

E, terminando de dizer aquilo, suas asas brancas saíram para fora do casaco que ele usava. Elas abriram-se e bateram contra o vento, fazendo com que ele levantasse voo.

Um nó se formou na garganta da súcubo. Seus olhos arderam, e ela mordeu ferozmente o seu lábio inferior para evitar o que estava prestes a acontecer. Não, ela pensou, eu não vou chorar. Ela nunca chorava. Sempre aguentava as lágrimas, guardando-as para si, dentro de seus olhos. Mas ela sabia que todas aquelas lágrimas presas, durante anos e anos, teriam de sair em algum momento.

— Como foi?

Diablo levantou os olhos para Alec. Ele estava sentado em uma mesa de uma cafeteria de esquina, com um fumegante e intocado café a sua frente. Ela abaixou o olhar novamente. Estava tentando pensar em algo para que pudesse ajudar Harlan, mas não conseguia. Como poderia passar pela proteção sem nenhum feiticeiro realmente bom?

— Hum, é. Acho que não foi tudo bem. — Alec comentou, olhando para o café intocado à sua frente. — Creio que o seu anjo não foi muito gentil e não lhe ofereceu nenhuma grande ajuda.

— Ele se recusou a me ajudar, dizendo que isso é problema meu, pois eu procurei por Harlan, e não ele por mim. — ela suspirou. — E também disse que não vai se meter entre assuntos que devem ser

resolvidos entre eu e meu pai. — suspirou novamente. — O pior de tudo é que ele está absolutamente certo.

— Odeio isso. — Alec comentou.

— Não tanto quanto eu. — ela olhou para ele. — Você não tem nenhum humano que precisa da sua ajuda.

— Não. — ele disse em tom de concordância. — Mas eu tenho algo melhor. Uma súcubo. Das boas.

Diablo revirou os olhos.

— Céus, tenha piedade. — resmungou baixo.

Alec riu baixo.

— Então já era para o seu humano.

— Não diga isso.

— É verdade, Diablo. É a mais pura verdade. — ele disse calmamente. — Não tente negar isso a si mesma. Aceite isso, e quando ele vier atrás de você por ordens de Lúcifer, será muito mais fácil matá-lo com suas próprias mãos. O impacto não vai ser tão grande. Aliás, ele vai estar bem mudado até lá. A não ser que ele tenha adquirido a habilidade de um demônio da verdade.

Diablo deu uma risada abafada.

— Eu matei o único demônio da verdade que existia. — ela afirmou.

— Acho que não exatamente. — Alec disse. — “Papai Lulu” tinha alguns quando eu o visitei pela última vez. Quando lhe ajudei a fugir. Seu pai sabia muito bem como invocar um, além do mais.

Ela deu dessa vez, uma risada nervosa.

— Não há como invocá-los.

— Ah, é? — Alec deu um sorriso torto. — Então como é que seu pai conseguiu um quando eu estava lá? — Diablo não respondeu. —

Imaginei que não soubesse. Ele pretendia usá-lo contra você para descobrir quais seus medos, seus desejos mais profundos e sinceros. Ele lhe torturaria até sua morte com isso tudo. — seu sorriso torto se aumentou. — Nunca duvide do seu pai, nem o subestime. Ele é uma eterna caixinha de surpresas.

O pior de tudo é que ela sabia disso.

Lúcifer caminhava de maneira confiante pelo corredor de seu castelo. Ele parecia inabalável naquele momento; todos achavam aquilo quando o viram. E não era de menos: ele recebera a notícia de que o humano havia se transformado completamente. Já mandara sua nova Alrune, Ecila, que substituíra Sulpicia, que buscasse todos os demônios que daria como lanche para o humano.

Roesia caminhava logo à sua frente, com a postura ajeitada e o queixo levantado, com um ar de superioridade. Seus saltos batiam contra o mármore de maneira irritante — o que fazia todas as outras Alrunes resmungarem de raiva. Seus cabelos louros claros estavam soltos e caíam como lindas ondas até a metade de suas costas.

Seus olhos cinzentos varriam o corredor por onde passava. Em um momento, ela parou defronte a uma porta de madeira, onde dois demônios grandes e com foices de Baphomet guardavam a porta. Podia-se escutar um ruído vindo daquela sala; resmungos, xingamentos, gemidos.

Roesia fez um suave movimento com a cabeça e os dois demônios saíram da sua frente. Ela abriu a porta e entrou rapidamente, sendo seguida por Lúcifer e os outros dois demônios.

Harlan encontrava-se no chão, com o rosto suado. Sua pele estava pálida, totalmente diferente daquele leve bronzeado que ele costumava ter. Os cabelos louros estavam colados ao rosto devido ao suor. Ele desviou os olhos do teto para observar Roesia. Seus olhos estavam negros. Sua mão foi até a própria garganta.

— Por que... dói... — ele tentava formular uma pergunta, mas sua voz estava rouca demais. Falar estava se tornando mais difícil do que imaginava naquele momento. Sua garganta parecia estar em pleno fogo.

— Você precisa beber sangue. — Roesia disse ao se aproximar dele. Ficou com os joelhos no chão, ao lado dele, passando a mão em seus cabelos, jogando-os para trás com doçura.

Ele logo afastou a mão dela.

— Quem...

— Roesia, meu bem. — ela falou com doçura. — Sua mãe. — ela virou-se para Lúcifer, que olhava o rapaz com curiosidade. — Tragam o sangue para ele.

Assim que Roesia disse, a porta se abriu novamente. Dois demônios inconscientes estavam sendo carregados por um demônio maior. Ecila estava logo atrás, com uma expressão vagando entre medo e curiosidade.

O demônio maior largou os dois demônios inconscientes no chão, com um baque alto. Os corpos se bateram ao cair no piso gelado, e depois ficaram de qualquer jeito no chão, encostados um ao outro.

— O que... — perguntou Harlan, com os olhos negros vagando de Roesia para os demônios.

— Eles são seu alimento. — disse Roesia. — Quer ver?

Harlan não assentiu com a cabeça. Apenas olhou para Roesia. Ela deu um sorriso, e tirou um punhal de dentro do casaco que usava e o afundou no braço de um dos demônios desacordados.

No mesmo segundo, o cheiro de sangue invadiu as narinas de Harlan. Ele arregalou os olhos negros quando Roesia levantou o braço do demônio para ele.

— Coloque os lábios ali. — ela disse. — Beba.

Ele mordeu levemente o lábio inferior. Hesitou. Entretanto, sua garganta ardeu e ele gemeu de dor, um gemido rouco. Pegou o braço do demônio e direcionou seus lábios até o profundo corte que sangrava rapidamente, sem parar. No momento que seus lábios tocaram o corte, ele entrou em um frenesi. O sangue invadiu totalmente seus lábios. Ele não conseguia parar. O gosto não era dos melhores, mas conforme ele ia bebendo e bebendo, a dor em sua garganta passava lentamente. Aquilo era, de certa forma, reconfortante.

Quando ele finalmente secou o demônio, ele umedeceu os lábios e largou o braço do demônio, deixando-o de lado. A dor em sua garganta havia quase que cessado completamente, mas ele ainda sentia leve ardência.

— Melhorou? — Roesia perguntou com doçura. Harlan assentiu de leve com a cabeça.

— Está melhor. — ele murmurou com a voz bem menos rouca do que antes. — Por que eu tive que beber o sangue dele?

Antes que Roesia pudesse responder, Harlan levou as mãos até a cabeça e soltou um grito agoniado de dor. Ele contorceu-se, deixando que seu corpo tocasse completamente o chão. Ele grunhia de dor, as mãos apertavam ainda mais a própria cabeça.

Harlan pensou que aquela dor nunca fosse acabar. Mas em poucos segundos, ela cessou rapidamente. Sentia certo latejo em suas orelhas. Ele sentou-se no chão, sentindo-se pouco fraco. Seu corpo estava suado.

— Oh. — Roesia exclamou. — Oh!

— O que foi? — ele perguntou.

— As orelhas. — Lúcifer disse.

As orelhas de Harlan estavam quase que totalmente grudadas ao rosto, mas pontudas, como de um elfo. Roesia levou os olhos até o demônio morto no chão e viu que tinha o mesmo formato da orelha que Harlan estava adquirindo.

— Não vai servir de muita coisa. — Roesia disse. — Vamos tentar o outro. Ele tem garras. — ela olhou para Lúcifer, que apenas assentiu com a cabeça. Ela usou o punhal novamente, cortando o braço do outro demônio que, como ela disse, tinha garras. Grandes garras. Ela esticou o braço dele para Harlan. — Beba. — disse.

Harlan balançou a cabeça negativamente. Tentou não respirar naquele momento, mas era quase impossível. O cheiro forte do sangue negro que escorria pelo braço do demônio estava mexendo com seus sentidos. Ele precisava daquele sangue mais do que nunca.

A garganta voltou a arder. Dessa vez, ele não hesitou. Pegou o braço do demônio e sugou seu sangue com rapidez. Em segundos, o corpo do demônio estava completamente seco, e Harlan saciado. Ele ofegou e ficou sentado no lugar onde estava, jogando o corpo do demônio para o lado.

— Eu me sinto... forte. — ele disse com a voz baixa. — Como nunca me senti antes.

— É porque você está forte, meu querido. — Roesia disse. — Você é um vampiro agora.

Harlan levantou os olhos negros para ela, confuso. Antes que ele pudesse falar qualquer coisa, um grito de agonia escapou de seus lábios. Roesia e Lúcifer ouviram o barulho de algo se estralar, e logo olharam para as mãos dele; os seus dedos entortavam-se sozinhos, estralavam, e entortavam-se novamente. Puderam ver que a ponta deles começou a crescer, saindo uma garra grossa e longa. Harlan não conseguia parar de gritar de imensa dor.

— Faça parar! — implorou em meio aos gritos. Suas garras apenas cresciam, e estranhamente, aquilo fazia com que seus dedos se atrofiassem.

Roesia se levantou. Guardou o punhal e deu as costas para Harlan. Seguiu até Lúcifer e disse, com calma:

— Fiquem dois dias sem dar sangue para ele. — ela disse e olhou para Harlan de soslaio. — Ele vai se tornar um animal. Essas garras ainda são fracas no começo, e leva pelo menos uns três dias até que tome força o suficiente para poder quebrar a porta. Durante esses dois dias sem sangue, ele vai se tornar um animal e sua humanidade vai embora. É simples. — ela deu de ombros. — Me chame ao terceiro dia, e começaremos a domesticação.

Lúcifer deu um sorriso de gratidão.

— Obrigado, minha cara.

Roesia sorriu e abaixou a cabeça.

— Às suas ordens.

Os dias passaram-se lentamente para Diablo. Ela teve a bela oportunidade de trombar com sete demônios em dois dias; e matou todos, mas teve de recorrer para Essência Demoníaca e Água Benta depois de enfrentar um Dibbuk, o maior que ela já vira em toda sua existência. Não estava acostumava a ver Dibbuks de quase quatro metros de altura; geralmente, eles tinham o tamanho de uma pessoa normal, já que se passavam por algumas.

Os jornais nunca mais estamparam manchetes de adolescentes desaparecidas. Diablo sentia-se aliviada por Alec não estar fazendo mais aquilo, mas deixar de fazer, não o livrara da dolorosa morte que ele iria enfrentar quando tudo acabasse. Ela sabia que, se ela não cumprisse o seu dever, Therual ou Eloistier mandariam alguém que o cumprisse. Diablo apenas usaria Alec para poder ajudar Harlan e depois, o mataria como o prometido aos seus superiores.

No final das contas, a vida de Alec não duraria muito tempo; ela não conseguia ajudar Harlan. Sabia que ele havia se transformado completamente, e não havia saído. Ela teria que pôr um fim na vida de Alec assim que o visse. A suposta "trégua" entre eles já havia acabado, e os dois haviam percebido isso quando o último dia acabou. O último dia, a última chance de salvar Harlan. Alec nunca mais a encontrou, nem em vida real, ou tampouco em sonhos. Diablo também não fazia questão.

Ela estava "hospedada", dessa vez, em um hotel abandonado. O casal dono daquela casa onde ela se encontrava já havia voltado, ou seja, ela teria de partir. Pediu ajuda para Legna que lhe fizesse uma Vela de Deus. Aquele hotel abandonado onde ela estava era tão pior quanto o primeiro, mas ainda dava para guardar suas coisas;

Essência Demoníaca, água benta, munição... tudo o que ela precisava, por fim.

Ela se levantou do colchão onde estava deitada, sentindo-se perfeitamente bem. Havia procurado um ser humano qualquer e lhe proporcionado um belo “sonho molhado” de adolescente — afinal, ele só tinha dezessete anos. Diablo saiu do colchão surrado, e foi até uma mesa de centro quebrada em um canto, que estava sendo apoiada por alguns pedaços de madeira. Em cima dela, estava o casaco que ela tanto usava; aquele capote negro, com mil e um bolsos internos.

Ela o vestiu. Não sentia frio, mas era ótimo para guardar seus pertences que sempre carregava. Também pode ver que na rua, naquela hora, nevava: uma fina camada de neve enfeitava as ruas de Manchester naquele momento. O inverno chegara, e Diablo mal havia se dado conta daquilo.

Colocou o punhal e suas armas dentro do capote que usava. Bateu com as mãos na roupa amarrotada, e em seguida, saiu. Manteve a mão direita dentro do bolso, onde segurava uma pistola totalmente carregada com novas balas celestiais, recheadas de água benta — segundo Legna, elas tinham maior efeito sobre o demônio, capaz de matá-los no mesmo minuto, e não só feri-los, como as balas antigas de água benta costumavam fazer.

Ela saiu pela porta dos fundos, já que era a única com fácil acesso e discreta, para que não chamasse a atenção da polícia — a única coisa que ela não precisava neste momento era de policiais correndo atrás dela por arrombamento e invasão de propriedade.

Diablo havia combinado de se encontrar com Legna em um barzinho na Charlotte Street. Legna havia ligado mais cedo para ela,

dizendo que tinha algo importante para conversar com ela e que era melhor encontrá-la. Se houve desconfianças... houve. Diablo ficou levemente intrigada com o pedido de Legna, mas disse que iria, de fato. Mas faltavam apenas quinze minutos para dar o horário marcado para encontrá-la. Ou seja, ela teria de ir correndo.

Olhou para os dois lados, checando se não tinha ninguém por perto e se pôs a correr. Como o hotel situava-se em um local meio longe do bar aonde iriam se encontrar demoraria pelo menos de cinco a dez minutos para chegar até o local, mesmo correndo naquela velocidade.

Quando avistou a Charlotte Street, logo pôde ver o barzinho de esquina próxima à porta, Legna. Ela usava um grosso casaco branco, assim como o resto de suas roupas; calça, botas, gorro. A única coisa colorida que Diablo pôde ver, foram os olhos turquesa e os cabelos de uma mistura de cores claras e escuras.

Diablo parou na esquina da rua próxima ao bar. Sua parada repentina assustou um mendigo que estava lá perto. Ele deu um pulo e soltou um gemido, deixando todas as suas moedas caírem. Diablo olhou para ele e forçou um sorriso. No mesmo segundo, o mendigo se acalmou, olhando-a de maneira embasbacada.

Ela atravessou a rua assim que o sinal se fechou. Ignorou completamente a buzina da moto que estava parada próxima à faixa e ao assobio do caminhoneiro. Ela chegou até o destino; o barzinho de esquina onde Legna estava. Legna sorriu para ela.

— Vamos, entre. — ela disse.

As duas entraram juntas, e logo seguiram para uma mesa afastada das outras, mas próxima ao banheiro masculino. O odor era

insuportável para os humanos, mas para Legna e Diablo, mal fazia efeito.

— Onde está Alec? — Legna perguntou ao se sentar e tirar o gorro branco imaculado que usava. — Faz algum tempo desde que eu o vi pela última vez. Ele costumava ser o seu cachorrinho, não?

— Não fale assim. — Diablo repreendeu com a voz rouca e se remexeu na cadeira. — Faz tempo que eu não o vejo também.

Legna pareceu surpresa.

— Por onde ele anda? — perguntou.

— Ele fugiu, obviamente. — Diablo respondeu. — Ele sabia o que lhe aconteceria depois que o prazo de Harlan acabasse e não conseguíssemos salvá-lo. Ele sabia que eu o mataria. A nossa trégua acabou assim que bateu meia-noite do último dia de Harlan.

— Nossa... — Legna sussurrou. — Sinto muito.

— Não sinta — disse Diablo com a voz ressentida, mas sem demonstrar qualquer sentimento.

Legna se encolheu levemente.

— Então — Diablo começou. —, sobre o que você queria conversar comigo?

— Vou ser direta, Diablo. — Legna disse, olhando para ela. — Therual desconfia de você e Alec faz algum tempo.

Diablo apenas olhou para Legna, sem expressão alguma no rosto.

— Ah, é? — ela perguntou. — E o que ele vai fazer a respeito?

— Bem, ele está irado, é claro — Legna disse calmamente. — Ele quer tanto a sua cabeça quanto Eloi quer, já que ele acabou “descobrimo” — Legna fez aspas no ar — sobre você estar amiguinha de Alec.

Diablo suspirou.

— Fale para Therual que foi apenas uma trégua e...

— Desculpe Diablo, mas eu não sou pombo-correio. — ela disse rapidamente. — E se quiser falar diretamente para ele... — ela encolheu levemente os ombros e olhou para a direita. Diablo seguiu seu olhar.

No canto do bar imundo, sentado numa cadeira presa à bancada, Diablo viu um homem com vestes surradas, e uma boina que já fora branca, igualmente surrada, cobrindo parte de seus cabelos castanhos claros. O homem olhou para Diablo e seus olhos se encontraram; eram os olhos azuis claros de Therual. Ela pôde ver mais de seu rosto e viu que ele ainda tinha certa barba acumulada no rosto, provavelmente depois de uma semana sem se barbear.

Therual largou o copo de cerveja em cima do balcão e saiu da cadeira onde estava sentado. Seguiu calmamente até elas. Ele estava completamente transformado. Não em questão de vestes, mas sim, seu próprio rosto dizia isso.

Ao se aproximar, ele puxou uma cadeira no lugar da mesa que o deixava no meio de Legna e Diablo. Ele colocou os cotovelos sobre a mesa e tirou a boina acinzentada, jogando-a para um lado qualquer. Seus cabelos castanhos claros reluziram suavemente na fraca luz do bar.

Diablo assobiou.

— Quem te viu, quem te vê — ela disse com indiferença. — O que aconteceu, Theruzinho? Levou um golpe de uma prostituta, e ela levou todo o seu dinheiro e junto com ele sua elegância? Ah, a safada também deve ter levado o seu produto de lavar roupas preferido, que as deixava impecavelmente brancas...

— Cale essa boca. — Therual disse com falsa gentileza. — O que você tem pra me falar?

— Eu usei Alec. — Diablo foi direto ao assunto. — Eu precisei dele para poder recuperar o humano que foi pego por Roesia.

— Mas você conseguiu recuperar o humano?

— Não.

Therual olhou fixamente para ela.

— Então foi burrice sua. — ele disse. — Felizmente, coloquei outro caçador de demônios atrás dele.

— O quê?! — Diablo arquejou. Chamou a atenção de algumas pessoas presentes no bar, mas que logo voltaram às suas bebidas, conversas e trapanças de truco. — Por que isso?

— Não é óbvio, Lilim? — o sangue de Diablo ferveu. Odiava quando Therual a chamava por aquele nome. — Você se mostrou incapaz de realizar uma tão simples tarefa que era apenas ir atrás dele. E ainda por cima, quando o tinha na palma de sua mão, deixou-o escapar. Isso nem é mais incapacidade, já chega a ser burrice extrema. — Therual praticamente cuspiu as palavras. — E pior, fez amizade com ele!

— Eu o usei, Therual. É completamente diferente de fazer amizade com ele. — Diablo grunhiu. — E sossegue essa periquita, eu vou conseguir pegá-lo novamente. Eu vou ter o prazer de destruí-lo. O que tivemos foi apenas uma trégua para eu poder salvar uma vida inocente...

— E nem para isso adiantou. — cortou o anjo, em tom de falsa decepção. — Tsc, tsc, que pena Lilim. Infelizmente, parece que terei de colocar você no Treinamento de Caça-Demônios Novatos para ver se você aprende. Parece que esqueceu tudo o que aprendeu.

— Vá para o inferno.

— Eu não vou para o inferno, mas acredito que o seu namoradinho vai. — provocou Therual.

Diablo deu uma risada nervosa.

— Você não é um anjo, Therual. — ela disse. — É um rato alado. — e levantou-se, chutando a mesa, de maneira que ela virasse em cima dele. E antes de sair do bar, ela virou-se para ele, que segurava e colocava a mesa no lugar. — E acredite em mim: eu vou pegar o Alec, e vou terminar a tarefa que me foi imposta. Duvide se quiser.

Vinte.

— **O que você está** fazendo aqui?

Legna deu de ombros.

— Falei para Therual que fosse antes de mim. Disse que eu tinha coisas para acertar. — ela explicou.

Diablo revirou os olhos e atravessou a rua.

— Era uma armadilha, não era? — Diablo perguntou, sem olhar para Legna. — Vocês esperavam que eu viesse com Alec para poderem pegá-lo e destruí-lo, mas já que ele não veio comigo...

— Desculpe-me por isso, Diablo. — Legna disse. — Foram ordens do Therual. Aliás, não que eu também não quisesse destruí-lo, eu não morro de amores pelo Alec, mas...

— Não fale como se eu morresse de amores por ele também.

Legna lançou um olhar sarcástico.

— Ah, tá.

— O que foi? — Diablo parou e olhou para ela.

— Você é toda amiguinha dele. É claro que deve, no fundo, gostar dele. — Legna disse com certeza, como se dissesse que dois mais dois eram quatro. — De alguma forma...

Diablo revirou os olhos.

— Cale essa boca.

— Ei, ok, espere aí. Eu tenho um presente para você. — Legna disse rapidamente, indo atrás de Diablo que já estava a uns bons passos à sua frente. Diablo não deu bola e continuou andando. — Você vai gostar. — nenhuma resposta. — Não quer mesmo saber o

que é? Você vai amar. — silêncio. — E eu vou te importunar até que você se vire para trás para ver o que eu tenho para você.

Legna abriu um sorriso ao ouvir um resmungo de Diabolo, que se virou para trás, com cara de poucos amigos. Ela vasculhou a jaqueta branca que usava e tirou de dentro do bolso um objeto curioso que fez com que Diabolo se aproximasse mais para ver o que era.

— O que diabos é isso? — perguntou.

Era um objeto branco, com grossas linhas douradas entrelaçadas como se fossem caules de rosas, com direito a espinhos. Havia um círculo dourado na lateral. Parecia mais uma base de uma espada.

— Pegue e aperte esse círculo dourado. — Legna estendeu o objeto para Diabolo, que hesitou em pegar.

Ela o segurou e antes mesmo que apertasse o círculo dourado na lateral dela, pôde sentir a energia divina exalar dela. Ela apertou o círculo dourado e com um brilho, o objeto transformou-se em uma espada.

— Uma espada celestial. — Diabolo murmurou.

Ela tinha um brilho angelical. Seu ferro era completamente branco brilhante, imaculado, que chegava a brilhar, refletindo a luz do poste mais próximo de uma maneira forte que poderia deixar qualquer um cego.

— Exatamente. — Legna disse. — É a primeira delas.

— Delas?

— É. Um anjo ferreiro pegou um pedaço de uma foice de Baphomet que um dos anjos caçadores trouxe certa vez e estudou a propriedade da foice. E conseguiu duplicá-la, ou melhor, convertê-la, se assim pode ser dito. — explicou. — Antes, a Arma de Baphomet podia ferir qualquer um, desde humano até mesmo os próprios

demônios. Mas esse anjo conseguiu, de alguma forma, fazer com que ela machuque apenas demônios. Já que seu material é celestial, ela vai apenas atravessar, sem ferir, o corpo dos humanos. Tem o mesmo efeito sobre os anjos. Sabe, para evitar futuros problemas.

— Ele está fazendo mais? — perguntou Diablo, analisando cuidadosamente a espada. Tinha de tomar extremo cuidado com ela. Não era só porque estava caçando demônios para os anjos que isso a tornava um deles. Ela continuava tendo sangue de demônio escorrendo em suas veias. Continuava a ser uma súcubo.

— Muitas mais. — Legna abriu um sorriso. — Ele é um gênio. Therual está orgulhoso dele. Colocou mais vários anjos para trabalhar com ele para termos praticamente um arsenal. Uma espada para cada anjo. Somos os únicos a ter espadas assim. Os anjos das Américas vão nos invejar ardentemente. — Legna observava a espada com adoração. — Foi a melhor invenção do século.

— Uma invenção inteligente, mas perigosa pra mim. — Diablo pressionou o círculo dourado em sua lateral e a espada voltou a ser apenas a sua base branca. — Não posso chegar perto disso. Meus olhos doem apenas em olhar.

— Mas você vai ficar com ela, Diablo.

Diablo estreitou os olhos para Legna.

— Não, obrigado. Pode ficar com você.

— Claro que não! — Legna balançou a cabeça negativamente. — Eu disse que era um presente pra você e...

— Com licença.

A voz grave atraiu a atenção de Diablo e Legna no mesmo segundo. As duas olharam, surpresas para o lado que vinha a voz. O

coração de Diablo falhou uma batida e voltou a bater frenética e rapidamente.

Era Alec.

Ele estava vestido inteiramente de preto, com uma calça jeans escura surrada, assim como os tênis. O que se salvava era a camiseta de botão preta de mangas curtas, com um bolso no lado direito. O lado do coração. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, destacando seus músculos. Seus cabelos castanhos estavam mais bagunçados do que nunca e seus olhos azuis brilhavam de uma maneira que Diablo nunca vira antes.

— Que prazer em ver as duas. — ele disse com calma, dando um sorriso torto que deixava Diablo incrivelmente irritada.

— O que você está fazendo aqui? — Diablo perguntou ríspidamente.

— Fiquei com saudades. — ele disse com diversão. Legna olhava para ele, boquiaberta, e Diablo, surpresa. — Ok, Diablo, eu preciso conversar com você.

Legna saiu do seu transe e olhou para Diablo. Diablo olhou para ela também. Os olhos cor turquesa de Legna vagaram do rosto da súcubo até a base da espada celestial em sua mão, e depois até Alec e para o rosto dela de novo. Diablo acompanhou seu olhar discretamente e entendeu na primeira chance o que deveria fazer.

Não!, ela quis gritar, agora não! Eu não quero!

Ela ainda não estava preparada para aquilo. Na verdade, nunca estivera, pelo menos desde que o conheceu melhor.

Legna arregalou levemente os olhos, como se a pressionasse.

É agora ou nunca.

Diablo olhava para ela, com os olhos arregalados.

— Ei, meninas? Hum, eu gostaria de conversar com você, Diab...
Ele não terminou a frase.

Legna havia ido rapidamente até ele e desferido um soco bem dado no seu rosto. Sem dar chance para ele se levantar, ela segurou os braços dele e puxou para trás, colocando o joelho em suas costas. Alec soltou um grunhido de dor.

— Mas que diabos... — Alec tentou perguntar, mas foi cortado por Legna.

— Você vai fazer isso ou não, Diabolo? — havia ansiedade em sua voz. — Não faz nem meia hora de que você prometeu a Therual que iria matá-lo. Desonrar uma promessa para um arcanjo é perigoso. — ela provocou. — Você vai matá-lo agora ou não? Se não o fizer, eu faço. E se me impedir, não tem problema. Therual tem gente que faria isso com muito gosto.

— Legna, pare com isso! — Diabolo arquejou. — Agora não é uma boa hora...

— Agora é uma hora exata! — Legna gritou. — Sempre foi, Diabolo! Toda hora que você estava com ele era uma hora exata! Você ficou adiando isso tempo demais e agora está completamente envolvida! O que foi que aconteceu, hein? Onde está a Diabolo que comia olhos de demônios travessos no café da manhã? Você afrouxou. Esse é o problema. Você se envolveu com ele e não consegue matá-lo! — ela disse com nervosismo. — Você o ama. Esse é o problema.

— Eu não o amo! — Diabolo berrou.

— Então prove! Mate-o agora nesse momento! Vamos lá, é só apertar o círculo dourado. Eu seguro e você mata. Como nos velhos tempos.

As mãos de Diablo tremiam. Ela não sabia o que fazer. Ela não conseguia se mexer. Falar que iria matar ele era tão fácil, mas na hora de fazer era tão difícil. Era quase impossível. Diablo olhou para ele, que estava com o cenho franzido e o rosto levemente retorcido de dor. Legna puxava seus braços para trás cada vez mais. Ela era pequena — mal passava de um metro e meio —, mas tinha uma força inigualável.

— Vai demorar muito? Se você não fizer isso, eu faço. — ameaçou Legna.

Diablo sentiu seu estômago se revirar milhares de vezes. Seu coração vacilou no peito e tudo pareceu girar naquele momento. Ela não queria fazer aquilo. Mas ela precisava. Ela precisava provar que era forte o suficiente. Precisava vingar a morte de todas as adolescentes que serviram de brinquedos para Alec durante meses.

Pense nas adolescentes, a sua própria voz ecoou em sua mente, pense na morte horrível e dolorosa que elas sofreram por causa dele. Por causa de suas travessuras. Pense em Drew. Em Anna. Em Carlee. Em Bethy, em Polly, em Liana, em Lisa, em Mary... Pense em Josey.

De repente, Diablo sentiu-se perfeitamente bem. Preparada para poder encarar um dos seus maiores problemas. Talvez até mesmo o seu maior medo. Afinal, Alec havia sim se tornado uma pessoa especial para ela, embora ela negasse piamente tudo. Eles eram amigos. Compartilhavam passados obscuros. Eles se entendiam, como nem ela e Legna ou Therual um dia iriam se entender. Eles se completavam.

Mas ela precisava fazer aquilo. Precisava honrar a memória de todas aquelas adolescentes que morreram nas mãos de Alec.

Seu corpo parou de tremer. Suas mãos seguravam firmemente a base da espada celestial. Ela fechou os olhos por um segundo e balançou a cabeça, deixando que o cabelo caísse para trás. Legna soltou um assobio e uma risada rouca, e Alec soltou um grunhido baixo de dor — ela puxava ainda mais os braços dele para trás.

Ela olhou para ele. Sendo segurado, daquela maneira, ele parecia tão frágil...

Não sinta pena, a voz em sua cabeça disse, não sinta nada.

— Não vou sentir. — ela sussurrou de maneira tão baixa que apenas ela poderia ter escutado. Pressionou o círculo dourado na base da espada e a espada celestial cresceu.

Não sinta compaixão.

Ela andou até ele, determinada.

Não tenha piedade.

Empunhou firmemente a espada.

— Diablob...

Nem dó.

— Diablob, me escute... — sua voz rouca não passava de um zunido. Um barulho de moscas.

Ela olhou em seus olhos.

Concentre-se. Qual é o seu objetivo?

— Não faça isso, Diablob. — ele disse, com os olhos azuis praticamente pedindo socorro para ela. — Por favor, não faça isso...

Seu objetivo é matá-lo. E vê só? Ele está tão apavorado com a morte que está implorando para você não fazer isso.

A voz era insistente em sua cabeça. Diablob riu por dentro.

— É verdade... — sussurrou para si novamente.

Ela levantou a espada, apontando diretamente para o meio do peitoral dele. Exatamente onde o feriria mais.

Não se envolva!, a voz gritou em sua mente. Não olhe nos olhos dele..

Mas aquele pedido foi exatamente como se a voz ordenasse o contrário. Os olhos castanhos escuros de Diablo encontraram os azuis de Alec. Eles brilhavam para ela; um brilho de tristeza, perda. Um brilho que fez o coração de Diablo perder o ritmo em seu peito.

Não olhe!, a voz gritou novamente.

— Diablo — a voz ele estava mais rouca do que antes. O branco dos seus olhos estava ficando levemente vermelho. —, esse é o meu destino, então?

— Você não me dá escolhas, Alec. — Diablo disse automaticamente, com indiferença.

Ele fechou os olhos e assentiu de leve com a cabeça. Outro grunhido escapou dos seus lábios quando Legna cruzou os braços dele nas costas.

— Então há algo que você precisa saber. — ele disse calmamente, tentando suavizar a voz, tentando não deixá-la tão rouca. — Isso não vai mudar sua decisão, acredito. Mas tem algo que preciso contar pra você.

Não dê ouvidos!

— Fale de uma vez. — ela disse ríspidamente. — Serão suas últimas palavras.

Ele deu um sorriso terno ao ouvir aquilo, e disse:

— Eu te amo.

As palavras saíram tão claras, calmas e puras de seus lábios que Diablo quase caiu para trás. Como? Ela havia escutado bem? Ele a

amava?

Por um momento, ela perdeu a concentração com as palavras. O tremor em seu corpo voltou, a espada pareceu pesar mil quilos impossíveis de serem carregados em suas mãos, e ela sentiu que suas pernas perderam os ossos e ficaram moles.

Mas a voz voltou.

Ele está mentindo. Concentre-se. Não escute... Não sinta nada...

Diablo respirou fundo. Toda aquela coragem voltou novamente como se tivesse apenas sido ligada na tomada, depois do cabo ter sido tirado.

— Sério? Mas eu não.

Não sinta nada... Para não fraquejar.

Ela enterrou a espada no meio do peitoral dele. Ele fechou os olhos azuis no mesmo momento. Um soluço engasgou em sua garganta, e o sangue negro jorrou, respingando nas vestes dela, até mesmo em sua pele. Em seu rosto. Sangue dele. De Alec.

O rosto dele foi ficando mais pálido conforme o sangue corria do seu peito. Diablo tirou a espada, suja do sangue negro. Legna o soltou, largando-o no chão e esticando os braços. O corpo de Alec tombou brutalmente no chão, com o peito ensanguentado para cima.

O sangue começava a formar uma poça ao lado do seu corpo. Começava a escorrer rapidamente, passando do peito para o pescoço e, finalmente, alcançando o chão.. Entretanto, sua face estava serena. Mais serena do que o costume. Parecia que ele apenas dormia.

A consciência caiu sobre Diablo. A coragem, a voz, foram abandonando-a, rastejando até a escuridão, até o recôndito

escondido sob sete chaves dentro dela. Deixou que a espada caísse com um baque alto no chão, e logo o arrependimento tomou conta do seu ser.

Não, ela pensou e olhou para ele, ele não pode estar morto.

— Até que enfim — Legna disse. — Pensei que você não ia mata-lo nunca. E que morte teatral, hein? Eu te amo... Há, há. Essa eu tenho que contar para o Therual.

Diablo não disse nada. Ficou apenas fitando o corpo dele no chão. A cor saía do seu rosto aos poucos, e o sangue corria mais depressa do que antes.

— Bem, eu vou indo. — Legna tirou do bolso um isqueiro branco com dourado e atirou para Diablo, que bateu em seu braço e caiu no chão. — Ô, Diablo. Pegue aí. Trate de botar fogo nele. Vou avisar para Therual que ele está morto, que eu presenciei a morte dele e depois vamos vir aqui. Não tire o corpo daí. Deixe queimar. Tá legal?

Diablo tirou os olhos do corpo dele e olhou para o isqueiro caído ao seu lado. Depois olhou para Legna e forçou um sorriso levemente convincente.

— Tudo bem. Avise-o e venha rápido. Quero que ele veja o corpo de Alec queimar. — disse em um tom indiferente. — Quem sabe até podemos pegar alguma coisa para aproveitar e fazer um churrasco.

— Ah, bom! Pensei que estivesse, mas você não está abalada. Está até brincando. — Legna riu. — Ótimo, vou até lá e vou avisá-lo. Pode queimá-lo, não espere por nós!

— Ok. — Diablo deu de ombros e sorriu abertamente. — Até logo, Leg.

— Até, Di. — Legna piscou. — Bom trabalho.

E numa pequena explosão branca de fumaça, Legna desapareceu.

Foi Legna desaparecer, que Diablo caiu no chão, de joelhos. A máscara de indiferente quanto à morte de Alec que ela havia colocado naquele momento caiu rapidamente, sem demora. Ela olhou para ele. Depois olhou para os seus braços, que haviam sido respingados do sangue negro e gosmento. Sangue dele.

— O que foi que eu fiz?

O corpo queimava ardentemente, numa intensa fumaça negra. Diablo encontrava-se sentada próxima a ela, olhando abatida para a fumaça que insistia em subir aos céus. Naquele momento, ela queria mesmo é que caísse uma chuva daquelas para apagar aquele fogo de uma vez.

— Parece que você não nos esperou.

A voz de Eloi veio de trás dela. Ela deu de ombros, sem olhar para ele.

— Vocês demoraram demais. — ela disse. — Já está quase no fim. Vê? — ela apontou para um monte de cinza, que era onde ficava a perna. Pôde ver também o tecido queimado da calça que ele usava quando morreu.

— Sim. — Eloi disse. Ele colocou as mãos no bolso capote negro que usava.

O silêncio pairou sobre eles. A única coisa que eles escutavam era o fogo crepitar no corpo de Alec.

— Escute — Eloi começou a dizer. — Preciso lhe dizer uma coisa importante. Levante-se, Diablo.

Ela sentiu seu estômago se revirar por um momento. Um arrepio atravessou sua espinha. Entretanto, ela se levantou e virou-se para Eloi.

— Obrigado. — ele disse. — Obrigado por matá-lo. Você honrou, de fato, a memória de Josey.

Ela apenas assentiu com a cabeça, sem dizer mais nada.

— Mas há um motivo de, bem, pelo menos eu ter demorado a vir. Houve uns problemas na base. Com os anjos.

Diablo arqueou uma sobrancelha.

— Que problemas?

Ele olhou para ela, profundamente. E depois, respirou fundo. Soltou o ar e por fim, disse:

— Mataram três anjos há poucos minutos atrás. Cinco demônios de legiões desconhecidas. — Eloi hesitou. — A guerra foi declarada.